

CECÍLIA MEIRELES

OH! OS SÁBIOS SÃO,
COMO OS ARTISTAS,
QUASE SEMPRE MELANCÓLICOS.
PORQUE AVISTAM MAIS LONGE,
PORQUE CONHECEM O FUTURO,
PORQUE ANTES QUE
AS COISAS ACONTEÇAM
JÁ ESTÃO PADECENDO
COM AS SUAS CONSEQUÊNCIAS...

{ ILUSÕES DO MUNDO

global



CECÍLIA MEIRELES

OH! OS SÁBIOS SÃO,
COMO OS ARTISTAS,
QUASE SEMPRE MELANCÓLICOS.
PORQUE AVISTAM MAIS LONGE,
PORQUE CONHECEM O FUTURO,
PORQUE ANTES QUE
AS COISAS ACONTEÇAM
JÁ ESTÃO PADECENDO
COM AS SUAS CONSEQUÊNCIAS...

{ ILUSÕES DO MUNDO



Ilusões do mundo

Cecília Meireles

1ª edição digital

São Paulo

2014

global
e d i t o r a



Acervo pessoal de Cecília Meireles

Central Inquiry —

Palavras aéreas, que permanecem

Que belos olhos tem Cecília Meireles. Em qualquer fotografia, são os olhos que primeiro chamam a atenção, luminosos em campo pisado, sorridentes embora envoltos em melancolia. Só depois repara-se no sorriso amplo.

E é também pelos olhos que encontramos Cecília em seu fazer literário. Na poesia como na crônica, seu olhar se pousa sobre o mundo, acariciante e crítico a um só tempo, e ela descreve, não para contar a quem a lê, mas para melhor conhecer aquilo que está vendo.

Dela guardo uma intimidade familiar preciosa, que me foi contada, há muitos anos, por sua filha Maria Fernanda, e que nunca mais dissocie do seu nome. Era uma brincadeira, mais que isso, um jogo de cumplicidade que cumpria com suas três meninas. Um dia qualquer, avisava que iriam viajar. E elas, já cheias de prazer e antegozando a viagem de mentirinha, preparavam pequenas malas, vestiam roupas mais formais ou mais quentes, punham chapéu, luvinhas brancas. Prontas as quatro, malas na mão, despediam-se da empregada dizendo que demorariam, a viagem seria longa, iam à Índia, ou à China ou a algum outro país distante. E esta – já acostumada com a encenação – as abraçava, fazia recomendações, dava um último beijo para levarem no percurso. Saíam então mãe e filhas, pela porta da frente. Demoravam alguns minutos no patamar, parada simbólica a significar estações e aeroportos, e tornavam a entrar em casa pela porta dos fundos que a empregada havia sabiamente deixado destrancada.

Em casa, sentadas no sofá ou no tapete, as três pequenas Marias – Elvira, Mathilde e Fernanda – viajavam longamente no país de destino, através dos atlas e livros e narrativas com que a mãe poeta as levava pelo mundo, ignorando fronteiras.

Assim era a alma de Cecília Meireles, viajante. E é provável que tenha encontrado na imprensa, onde de uma forma ou de outra manteve presença durante toda a sua vida profissional, um meio de transporte diversificado, possibilitando deslocamentos em todas as direções.

É na imprensa que Cecília desenvolve mais amplamente seu lado combativo. Se na poesia o discurso é lírico, outra é a voz que emerge da página diária sobre educação que durante três anos manteve no *Diário de Notícias*. Ali, claramente política, ataca as estruturas do sistema

educacional, exige avanços pedagógicos que levem a uma nova escola, crítica o regime Vargas.

Idêntica combatividade, entretanto, não seria possível nas crônicas que compõem este livro, pertencentes a outro período e outra vertente. Escritas entre 1961 e 1963, serão melhor entendidas como parte do conjunto criado por Murilo Miranda, cunhado de Rubem Braga e então diretor da Rádio MEC, ao convidar escritores de relevância para escreverem crônicas destinadas ao programa Quadrante. Cecília passava a trabalhar para um órgão do governo em que atitudes políticas estavam fora de cogitação. E disso se aproveitou para deitar seu olhar sobre o cotidiano, de uma maneira ainda crítica, mas acolhedora.

Podemos até mesmo considerar esses textos como uma nova experiência literária para a poeta, pois, ao contrário do resto da sua produção, não foram concebidos para a leitura, mas para serem ouvidos.

“O quitandeiro Manuel transportava entre seus legumes e verduras um ramo de flores”, “Tudo principiou com o aroma ardente e penetrante do cedrinho recém-cortado”, “Perdi-me no mundo das rosas”, “Ah! o mar, o mar!”. Muitas das crônicas começam pela natureza, mas é sobre os seres humanos que Cecília mais se detém, irônica tantas vezes, amorosa sempre, aconchegando aqueles que mais estranhos lhe parecem.

Uma moça procura emprego, um homem é fulminado por um raio que entra pelo seu saxofone, Dona Paulina era uma grande modista, três amigas lhe enviam suas emoções pelo correio, um pobre homem vivia numa pobre choupana, e por que se lembraria ela agora daquela velhinha de Florença?

Ela se lembra da velhinha de Florença porque “há sentimentos antigos, dentro de nós, que não perdem a sua força, que não se deixam aniquilar pelo tempo e pelos acontecimentos”. E desses sentimentos ela tece suas crônicas.

Cecília não é aqui uma cronista de fatos, não se prende à atualidade. Seria praticamente impossível localizar esses textos no tempo, apenas através da leitura. Embora já tendo demonstrado seu talento jornalístico, não é como jornalista que atua, mas como escritora. E se fatos aparecem, é apenas para servirem de suporte a considerações sobre a vida, sobre a terna fragilidade dos seres humanos.

Concebida não para os olhos, mas para os ouvidos, aérea portanto, e passageira, a linguagem é ainda assim personagem principal dessas crônicas. A forma de dizer transforma em realidade aquilo que de outra

forma sequer existiria, constrói personagens, corporifica uma ilha, um cavalo branco, uma gatinha morta com sua pobre “expressão de criatura humana”. E entrega ao leitor a intensidade dos sentidos, o gosto – de uma xícara de chá –, as cores – da flor amarela ou do botão de sangue esquivo –, o som – do alarido dos cães.

A vida de Cecília Meireles não começou sob uma boa estrela. O pai morreu três meses antes dela nascer, a mãe morreu quando ela não tinha ainda três anos, seus três irmãos também morreram. Mais tarde, o primeiro marido, o pintor português Fernando Correia Dias, pai de suas filhas, viria a se suicidar. “A noção ou o sentimento da transitoriedade de tudo é o fundamento mesmo da minha personalidade”, escreveu ela. Porém, talvez para fazer-se perdoar, a Morte que parecia destinada a acompanhá-la lhe deu um aprendizado de vida que a aproximaria para sempre dos sentimentos humanos. E lhe ensinou a falar com igual intensidade do “frágil destino dos homens” e dos “cabelos de mar noturno” da moça de Málaga “que jamais existiu”.

Marina Colasanti

Floresta incendiada

Quem vai acreditar em incêndios espontâneos da floresta? Eu sofro as minhas dúvidas, porque, sem sair do lugar, levantando apenas os olhos para a janela, vejo essa “espontaneidade” manifestar-se ao mesmo tempo em vários pontos da mata que reveste – ou revestia – este grande bloco de pedra que é o morro de Dona Marta. Levanto os olhos porque ouço o crepitar do fogo: e as labaredas já correm por todos os lados, envolvem as árvores com suas fitas vermelhas e amarelas; depois, já não são fitas, mas grandes sudários brilhantes que incham ao vento, palpitam, dilatam-se, rompem-se, atiram-se a outros níveis, correm pelas ervas baixas, vão mais longe e mais longe, levantando nuvens negras que o vento dispersa. As cinzas vêm cair em pedaços na minha varanda. A passarada, sonora de medo, trêmula e sussurrante, procura outras árvores, que não estejam a arder.

E como este fogo anda em volta dos arranha-céus que já foram instalados onde antes a mata verdejava, alguém chama às pressas os bombeiros, e já se ouve a sirena diligente dos carros vermelhos que trazem os bravos soldados. Hoje eu estou pessimista, e acho que, só pelas árvores, ninguém os chamaria. Chamam-nos pelo medo de terem suas moradias queimadas. Oh! Deus, esta humanidade está ficando por demais interesseira e insensível!

Então, chegam os bravos soldados do fogo, e que podem fazer? Por onde é que vão subir, se o incêndio se alastra, pela encosta, vai cada vez mais longe e mais alto e mais vivo, até esbarrar com a parte escavada do grande morro? Os bravos soldados olham de longe para esse espetáculo que se repete constantemente. Dentro das transparentes chamas rubras, os pobres arbustos e as belas árvores aparecem como criaturas humanas em sofrimento; já vão perdendo as folhas, já se vão reduzindo a delgados esqueletos negros. Há pouco eram formas vivas, pousada de pássaros, alegria do vento. E ali estão, sem possível fuga presas à terra, castigadas pelo incêndio que as devora.

Pergunto-me onde estão as lindas professorinhas que não conversam com seus alunos sobre florestas, chuvas, erosões, ainda que não fosse senão pelo interesse de garantirem água às torneiras de suas casas. Já não me atrevo a

pensar em paisagens, belezas naturais, amor por essas criaturas vegetais, repletas de maravilhas e de misteriosos silêncios. Se as crianças amassem as árvores (não se limitassem a plantar alguma pela Primavera, em doce e melancólica rotina), se os homens tivessem respeito por esse mundo que os cerca sem que eles o procurem entender, não haveria a cada instante este clamor de sirenas, estas mangueiras desenroladas, esta fadiga dos bravos soldados a lutarem com suas machadinhas, nessas picadas que conduzem ao fogo, à devastação, à morte.

Em redor deste vale, tudo era virente e feliz. Agora, estou vendo a sucessão de estragos: grandes manchas amarelas que assinalam lugares de outros incêndios. Deixa-se passar algum tempo, e nesses lugares começam a aparecer construções, arranha-céus inacessíveis, habitações agarradas à rocha, onde deviam estar as belas árvores enormes, tragadas pelo fogo clandestino.

Hoje eu estou mesmo pessimista. Parece-me que os homens estão ficando piores todos os dias. Talvez não seja só por estes incêndios: eles, porém, são de algum modo simbólicos. Os homens estão voltando à brutalidade e à selvageria. Esta vocação de incendiários deixa-me perplexa. Pensando bem, pergunto-me se a criatura humana, hoje em dia, vale uma árvore. Estou muito pessimista.

Moça procura emprego

A moça procura emprego. É sorridente e loquaz, de cabelo sarará e olhos desbotados, num rosto muito pálido, mas expressivo e simpático. A dona deseja conhecer suas aptidões. Então, requebra o corpo, torce o lenço nas mãos, declara-se “pau-de-arara”, com disposições para qualquer serviço, embora aqui no Sul tudo seja tão diferente! Vai assinalando as diferenças; piso encerado, em lugar de terra batida; janelas com vidraças; tanta coisa para botar na mesa, que a gente se atrapalha; comidas que nunca imaginou que existissem! Mas a moça tem vontade de aprender a trabalhar, por motivos particulares que passa a expor.

A história começa lá no sertão com um casamento de amor. O homem é um ingrato, na verdade, mas é a fina flor da elegância e da sedução jamais desabrochada léguas e léguas em redor... Dessa perfeição de homem lhe nascem muitos filhos, dos quais sobram apenas uns dois ou três barrigudinhos, que ela não pode alimentar nem vestir, porque o pai não se considera responsável pelas despesas da casa. O que ganha gasta consigo, pois é pessoa muito exigente: só anda de terno branco, muito bem engomado, chapéu Panamá, sapatos de camurça e óculos *ray-ban*. Um tipo irresistível. As mocinhas correm atrás dele, desfolham-se aos seus pés. Ninguém acredita que não seja rapaz solteiro.

Mas esse homem fabuloso, que até parece um artista de cinema, é injusto e desigual: fora de casa, todo açúcar; fala tão bonito que parece um doutor. Dentro de casa, espanca a mulher e os filhos que, afinal, apavorados, mal o veem assomar ao longe, pulam a janela para se esconderem no mato.

Ora a moça cansada desses exercícios de salto com os seus barrigudinhos, entrega as crianças à avó, arranja passagem num caminhão e vem para o Rio, onde consta que há empregos para todo o mundo e arranha-céus de graça para os pobres. É certo que não encontrou desses arranha-céus; mas encontrou um moço da sua terra, muito bonzinho – não tão elegante quanto aquele marido (aqui ela coloca um adjetivo pesado) – mas que de dia trabalha num bar, e estuda numa escola noturna, e tem pena dela, e achou melhor casarem logo, à maneira dos pobres, é claro, sem papéis e sem cerimônia. Mas não é justo que o moço tão bonzinho tenha de sustentar as crianças do outro! Assim, ela precisa trabalhar. Mas trabalhar é

uma coisa tão difícil! Cada casa tem um sistema. E a comida é um desespero. Lá no Norte, basta a farinha-d'água e uma carne de cabrito, uma carne ainda pulante. Aqui, é essa invenção de verduras, de legumes, de arroz...

A moça conta a sua história com tanta simplicidade que a dona tem vontade de ajudá-la. Vamos experimentar essa criatura sincera que não esquece os seus barrigudinhos e não quer abusar das bondades de seu novo marido.

E ela principia a trabalhar. Chega munida de um embrulhinho amarrotado, com a sua farinha-d'água: como se fosse para uma expedição. Só não traz a carne de cabrito “ainda pulante” porque não é coisa que se encontre por aqui. E enquanto trabalha vai comendo da sua bendita farinha. Comendo a bendita farinha vai quebrando os bicos dos bules, as asas das xícaras, as beiras dos copos e pratos – é muito fino, parte-se à toa... –, derrama água por onde pode, desengonça as torneiras, limpa os cromados até perderem o cromo, e, no auge do entusiasmo, assovia.

No fim do mês, quer conversar com a dona. Pedir férias. Está morta de saudade: as crianças, a avó das crianças, a carne de cabrito, o café que se toma lá numa caneca – muito melhor que o do bar do seu marido. Já compraram passagem aérea, a prestações. Tem de partir. Seu medo é encontrar o outro marido, que pode tirar os óculos *ray-ban*, o chapéu Panamá, o paletó engomado, arregaçar as mangas da camisa e dar uma sova na família toda...

Daí a duas semanas volta. Muito gentil, com um presente de flores de papel de seda. Ah! tudo estava muito mudado! A carne de cabrito já não era pulante; o café sabia a ferrugem; a farinha-d'água comprada aqui é melhor... Só as crianças continuavam amarelas e barrigudinhas. A velhota, muito cansada. E o marido, a viajar pelos sertões, namorando sempre, à sombra do seu chapéu e dos seus óculos...

Voltando para o serviço. Mas, com a sua franqueza habitual, confessa que está pensando em ir para a escola noturna, aprender a ler melhor, e arranjar um emprego público. Todos lhe dizem que é o emprego melhor e mais fácil do Brasil!

Um cão, apenas

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito –, eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal do pórtico, um cãozinho triste interrompe o seu sono, levanta a cabeça e fita-me. É um triste cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas, as mechas brancas do pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrima que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com um grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz ali, eu não devia ter chegado. Já que lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem...

Ele, porém, levantava-se e olhava-me. Levantava-se com a dificuldade dos enfermos graves: acomodando as patas da frente, o resto do corpo, sempre com os olhos em mim, como à espera de uma palavra ou de um gesto. Mas eu não o queria vexar nem oprimir. Gostaria de ocupar-me dele: chamar alguém, pedir-lhe que o examinasse, que receitasse, encaminhá-lo para um tratamento... Mas tudo é longe, meu Deus, tudo é tão longe. E era preciso passar. E ele estava na minha frente inábil, como envergonhado de se achar tão sujo e doente, com o envelhecido olhar numa espécie de súplica.

Até o fim da vida guardarei seu olhar no meu coração. Até o fim da vida sentirei esta humana infelicidade de nem sempre poder socorrer, neste complexo mundo dos homens.

Então, o triste cãozinho reuniu todas as suas forças, atravessou o patamar, sem nenhuma dúvida sobre o caminho, como se fosse um visitante habitual, e começou a descer as escadas e as suas rampas, com as plantas em flor de cada lado, as borboletas incertas, salpicos de luz no granito, até o limiar da entrada. Passou por entre as grades do portão, prosseguiu para o lado esquerdo, desapareceu.

Ele ia descendo como um velhinho andrajoso, esfarrapado, de cabeça baixa, sem firmeza e sem destino. Era, no entanto, uma forma da vida. Uma criatura deste mundo de criaturas inumeráveis. Esteve ao meu alcance;

talvez tivesse fome e sede: e eu nada fiz por ele; amei-o, apenas, com uma caridade inútil, sem qualquer expressão concreta. Deixei-o partir, assim humilhado, e tão digno, no entanto: como alguém que respeitosamente pede desculpas de ter ocupado um lugar que não era seu.

Depois pensei que nós todos somos, um dia, esse cãozinho triste, à sombra de uma porta. E há o dono da casa, e a escada que descemos, e a dignidade final da solidão.

Se eu fosse pintor...

Se eu fosse pintor começaria a delinear este primeiro plano de trepadeiras entrelaçadas, com pequenos jasmims e grandes campânulas roxas, por onde flutua uma borboleta cor de marfim, com um pouco de ouro nas pontas das asas.

Mas logo depois, entre o primeiro plano e a casa fechada, há pombos de cintilante alvura, e pássaros azuis tão rápidos e certos que seria impossível deixar de fixá-los, para dar alegria aos olhos dos que jamais os viram ou verão.

Mas o quintal da casa abandonada ostenta uma delicada mangueira, ainda com moles folhas cor de bronze sobre a cerrada fronde sombria, uma delicada mangueira repleta de pequenos frutos, de um verde tenro, que se destacam do verde-escuro como se estivessem ali apenas para tornar a árvore um ornamento vivo, entre os muros brancos, os pisos vermelhos, o jogo das escadas e dos telhados em redor.

E que faria eu, pintor, dos inúmeros pardais que pousam nesses muros e nesses telhados, e aí conversam, namoram-se, amam-se, e dizem adeus, cada um com seu destino, entre a floresta e os jardins, o vento e a névoa?

Mas por detrás estão as velhas casas, pequenas e tortas, pintadas de cores vivas, como desenhos infantis, com seus varais carregados de toalhas de mesa, saias floridas, panos vermelhos e amarelos, combinados harmoniosamente pela lavadeira que ali os colocou. Se eu fosse pintor, como poderia perder esse arranjo, tão simples e natural, e ao mesmo tempo de tão admirável efeito?

Mas, depois disso, aparecem várias fachadas, que se vão sobrepondo umas às outras, dispostas entre palmeiras e arbustos vários, pela encosta do morro. Aparecem mesmo dois ou três castelos, azuis e brancos, e um deles tem até, na ponta da torre, um galo de metal verde. Eu, pinto, como deixaria de pintar tão graciosos motivos?

Sinto, porém, que tudo isso por onde vão meus olhos, ao subirem do vale à montanha, possui uma riqueza invisível, que a distância abafa e desfaz: por detrás dessas paredes, desses muros, dentro dessas casas pobres e desses castelinhos de brinquedo, há criaturas que falam, discutem,

entendem-se e não se entendem, amam, odeiam, desejam, acordam todos os dias com mil perguntas e não sei se chegam à noite com alguma resposta.

Se eu fosse pintor, gostaria de pintar esse último plano, esse último recesso da paisagem. Mas houve jamais algum pintor que pudesse fixar esse móvel oceano, inquieto, incerto, constantemente variável que é o pensamento humano?

Algumas flores

O quitandeiro Manuel transportava entre os seus legumes e verduras um ramo de flores. Escolhia a mais bonita e dizia: “Esta é para a menina”. A menina olhava para a flor, tomava-lhe o perfume, não se sentia digna de tanta maravilha e colocava-a num copo, diante do Santo ou levava-a para a professora. (Houve um tempo em que as crianças, espontaneamente, sabiam amar e venerar.)

Minha amiguinha Josefina passava o dia a fazer raminhos de flores que as senhoras daquele tempo usavam no peito ou na cintura. Eu me propunha a ajudá-la, enrolando linhas intermináveis nas flores miúdas que ela reunia. Éramos felizes, ao pé do tanque verde, sobrevoado por libélulas. Mas Josefina, triste, bonita e pobre, morreu muito cedo, pálida e lilás como os seus amores-perfeitos.

Houve um tempo em que os namorados se comunicavam através de flores: não sei se diriam sempre coisas belas; mas as palavras de que se utilizavam eram rosas, cravos e cravinas, dalias e violetas, um dicionário imenso e colorido, que se dispunha de diferentes modos, como fazem os poetas. Lia-se em flores como, hoje, através do alfabeto. Talvez com essa linguagem poética as pessoas se entendessem melhor.

Na Índia, os convidados de honra costumam receber colares de flores perfumosas, como expressão de boas-vindas; e, em certos casos, todas as manhãs, na bandeja da sua primeira xícara de chá, vem um maravilhoso botão de rosa. (Cortesias que o ocidente apressado já não compreende.)

A Holanda coberta de flores é um espetáculo inesquecível: campos de tulipas; barcos transbordantes de crisântemos desgrenhados como os de Van Gogh; pulcras janelas de alvas cortinas afastadas, para darem lugar ao vaso de flores; flores até nas repartições públicas; flores cultivadas pelas margens dos canais; ramos de flores nas vitrinas dos açougues e charcutarias, amenizando o realismo da posta de rosbife e dos molhos de salsichas...

(Ah! na Ilha do Nanja, onde as mulheres viram sereias e as sereias viram mulher com a maior facilidade, há flores de escamas de peixe, que não se sabe quem faz, de onde vêm, se da terra ou do mar, nacaradas e fosforescentes, e que ninguém sabe quem usa...)

E, em algum lugar do mundo, uma senhora nevoenta, com louros cabelos cor de outono, arma, sobre cetins luzentes, grandes ramos de flores secas, flores silvestres, leves e simples, cujas cores antigas apenas se adivinham. Arma esses ramos em grandes quadros; imortaliza essas primaveras em límpidas placas de vidro; e é, na verdade, como se escrevesse com flores, também, não as mensagens diretas e urgentes dos namorados de outros tempos, mas vagos poemas sem data, apenas para alguns leitores, desses poemas que falam de beleza, saudade, alegria, morte, que cada um traz consigo, leva consigo, e pode mesmo ir-se embora do mundo sem recitar nem escrever...

Correspondências

Porque um jovem cristão, afrontando as iras do século III, fosse crivado de setas por ordem do Imperador, “de modo a ficar como um porco-espinho”, e porque, quatrocentos anos mais tarde, ao serem transportadas suas cinzas para uma basílica, desaparecesse, miraculosamente, a peste que grassava em Roma, o mártir São Sebastião ficou sendo o grande padroeiro contra as epidemias.

“Por nascer ao dia de São Sebastião, a quem o povo português era muito obrigado, por devoção por Deus haver levantado a cruel peste destes Reinos, com a vinda de seu braço...”, o príncipe que nasceu em Portugal a 20 de janeiro de 1554 recebeu o nome de Sebastião, o primeiro e único desse nome.

A aventura do príncipe em Alcácer-Kibir – sua figura cristã entre mouros, seu arrebatamento místico, sua desgraça, gloriosa e bela, entre fé e martírio – lembra o ímpeto daquele “capitão imperial” a invectivar Diocleciano, até ser amarrado e aseteado, e ainda depois, até os outros suplícios a que sucumbiu.

Entre arcabuzes e lanças, D. Sebastião, na sua inacreditável batalha, poderia ter recebido também, como o santo, alguma seta de arqueiro, como aquele Alcaide-Mor André Gonçalves, que ficou na crônica “com uma seta pregada no rosto, de que lhe não aparecia mais que as penas...”

Antes dele, porém, e por sua causa, outro capitão encontrara o martírio sem tanta glória como o santo, mas no seu dia, e sem tanta grandeza como o Rei, mas em seu nome: e isso foi pelas margens da Guanabara, na pessoa de Estácio de Sá.

Por estar a serviço do seu Rei, ainda menino, Estácio toma São Sebastião para patrono da sua jornada ao vir fundar cidade que, entre rei e santo, seria de São Sebastião. O jovem Rei, de apenas onze anos, ao receber notícia dessas proezas devia sentir-se fortalecido nos seus juvenis intuitos de combater em África: e, como os primeiros encontros, em terra carioca, do seu capitão com os arqueiros nativos, os seus planos de ir em pessoa lutar com os mouros deviam parecer-lhe missão divina, certa, fácil e irresistível.

Quanto a São Sebastião, no dizer da lenda, teria comparecido, em todo o seu esplendor, às águas da Guanabara, e sua luminosa presença, a beleza

que a antiguidade lhe atribuiu, a irradiação que a condição celeste impõe teriam dado aos portugueses a vitória, naquele episódio das canoas, quando a índia, mulher do chefe, e mulher vidente, se teria assombrado com a aparição, e incitado os seus a abandonarem a luta. E assim, mais confiantes, os portugueses poderiam continuar seus combates, aliados a um mártir tão poderoso, o “capitão imperial” que socorria um capitão-mor.

Mas já no ano seguinte São Sebastião não pôde vir em socorro do seu aliado português. A batalha decisiva para defesa da cidadezinha nascente foi travada a 20 de janeiro. Em Portugal, o rei completava treze anos. São Sebastião já contava mais de mil anos de glória.

O arqueiro nativo manejou sua arma com segurança incrível. Nos ares cálidos de janeiro, na Guanabara, uma seta voou, predestinada, e foi bater no rosto do capitão-mor. E sendo dia do Santo, e sendo dia do Rei, era o sinal da sua morte, a serviço de Dom Sebastião, e com o martírio de São Sebastião.

O resto, as águas da nossa baía vão contando, embora essas águas já sejam menos, e os ouvidos das praias e das ilhas, cada dia, se vão modificando e ensurdecendo.

Ilusões do mundo

Afinal, é mesmo assim: quase sempre nos iludimos. Aquelas nuvens que me pareciam tão de passagem, prometendo chuvas que não viriam, aquelas nuvens que desprendiam de si apenas estrondosos trovões reuniram-se em grupos compactos, escureceram, estenderam-se por todo o céu e prepararam da noite para o dia um pequeno dilúvio sobre estas colinas e estes vales de Lindoia. Viu-se o lago, todo crespo, com os vermelhos botes vazios e os patos a correrem para a terra. Os cavalos abaixaram a cabeça, encostados ao barranco. Os ares toldados empanaram as cores sob as cortinas de água. E só algum caboclo obstinado se atreveu a atravessar a pé ou na sua montaria esses lugares desertos que a chuva tornou crepusculares, em pleno dia.

Assim, os forasteiros, surpreendidos, ficaram privados de seus passeios, e as crianças, em turbilhão, começaram a aparecer por baixo de mesas e tapetes e multidões de adolescentes transbordaram de dentro de suas vitrolas e do fundo das inumeráveis poltronas dos salões do hotel.

E foi por isso que os salões do hotel se viram repletos de gritos, alaridos, cacofonias, uns, que provinham das sonoras gargantas ali presentes; outros, que se desprendiam das caixas musicais, e cuja única função era a de produzirem barulho, pois os próprios responsáveis por eles não lhes prestavam a menor atenção.

Imagina-se que deva ser penoso para um turista ver-se de repente privado das alegrias do ar livre, desses lugares verdes por onde desliza o riacho que “o povo por aqui diz que se chama da Água Quente...” e por onde avulta esse formoso bosque de ciprestes que antes era um pomar (mas o povo deu para assaltar as frutas e então a dona mandou substituir as fruteiras pelas compactas coníferas...). Mas as virtudes destas águas de Lindoia são tamanhas que aqui ninguém se perturba com os contratempos; todos continuam a procurar as fontes miraculosas mesmo sob a chuva, e estes gritos estridentes, e estas perninhas corredoras das crianças, e estas vozes da vitrola, e estes gestos negligentes de rapazes e mocinhas não atingem os ouvidos, não embaraçam os movimentos, não ferem a sensibilidade de ninguém, ao longo destas salas, entre estas mesas e poltronas e jardineiras... Ah! benditas águas... Benditas não só por esse

otimismo que propiciam como pelas curas reais que se lhes atribuem. Este conta que se achava repleto de cálculos e agora verifica estar completamente livre deles. Outro, que já não podia andar sem muletas, aparece agora, lépido e folgazão, a subir e descer escadas com juvenil facilidade. O que se amofinava com as suas alergias, já nem se lembra mais delas. Tudo graças a copinhos de água, a banhos de imersão, a duchas escocesas e a não sei quantas outras modalidades de aplicações que os doutores engenhosos inventaram, tirando partido destas fontes que jorram das entranhas da Natureza – a “mãe piedosa” que o poeta celebrou – a oferecer a seus filhos remédio simples e singular contra tantos males.

Aprecio essas maravilhas que me são referidas, mas na verdade o que mais me impressiona é o bom humor, é este bom humor que observo em redor de mim! Pois, se o cozinheiro se esquecer de temperar a comida, todos estão aptos a compreendê-lo com a mais afetuosa simpatia; se o elevador ficar enguiçado horas e horas, todos acham interessante e salutar subir para os seus quartos pelas escadas; se as pessoas baterem com as portas, esbarrarem uma nas outras, cometerem, enfim, todos esses pequenos desatinos que se observam no convívio dos hotéis, há uma cordialidade generalizada que arredonda as arestas da agressividade, e uma espécie de bem-aventurança envolve fraternalmente as criaturas e transforma este nosso pobre mundo num delicado paraíso. (Benditas águas!)

Acontece, porém, que encontro um sábio, um sábio que anda perdido sob estas árvores a respirar estes ares, a contemplar águas, terras e nuvens. E o sábio não participa do otimismo geral. O sábio está desgostoso com os apartamentos que já se vão acumulando neste lugar de fontes privilegiadas. Ele vê as coisas em profundidade, e suas previsões são um pouco desanimadoras. A bacia destas benditas águas está ameaçada pelas construções que vão sendo feitas indiscriminadamente. A floresta primitiva está quase completamente desaparecida, e não está sendo recomposta, para a devida proteção dos mananciais. Quando se cuida de reflorestamento, não se recorre às essências nativas locais, mas ao eucalipto, planta exótica que, entre outros inconvenientes, apresenta o do ressecamento do terreno...

Oh! os sábios são, como os artistas, quase sempre melancólicos. Porque avistam mais longe, porque conhecem o futuro, porque antes que as coisas aconteçam já estão padecendo com as suas consequências... O sábio amava as águas miraculosas. Servia-se delas. Estava sofrendo por elas. Era a única

pessoa triste, no meio de tanto bom humor. Mas era, com certeza, a pessoa mais esclarecida. E, por sua causa, e por sua sapiência, aquele paraíso me pareceu precário, e fiquei também inclinada sobre Lindoia, carpindo, desde já, a possibilidade do seu desaparecimento... (Ilusões do mundo...)

Janelas de hotéis

Quem sabe o que vamos encontrar quando, num hotel desconhecido, abrimos pela primeira vez a janela do quarto? Por trás das cortinas, das vidraças, das venezianas, há uma inocente imagem desprevenida que se entrega aos nossos olhos – à nossa alma, afinal – com a mais tranquila naturalidade.

Oh! inesperadas imagens que assinalam o nosso primeiro encontro com uma cidade; que são como estampas de um livro de viagens subitamente aberto; que se tornam inesquecíveis e, muitas vezes, são o anúncio e a síntese de quanto iremos ver depois em nossas andanças pelas ruas, em nossa aproximação de pessoas e objetos.

Relembro uma janela sobre o Central Park; tão alta, tão alta, que dava a medida do mundo vertiginoso a que pertencia. Mas o sossego das árvores, mas os vultos humanos que se moviam naquela profundidade, e que pareciam todos infantis, amenizavam os tumultos e ruídos; a vida era como submarina, distante e silenciosa. A altitude criava um clima de ausência, de renúncia, de isenção, como o que se experimenta nas viagens aéreas. Toda a enorme grandeza que se dissolvia, contemplada tão de cima! E a paz que resta, abolidos os fenômenos e as ilusões...

Uma janela de Amsterdão mostrava a cidade como um desenho finamente traçado, com suas torres, suas fachadas pontudas, delicados pormenores arquitetônicos... – e, no primeiro plano, um canal, um barco cheio de flores; o passado e o presente, a graça e o trabalho da vida holandesa, tudo aquilo que depois se vai descobrindo pouco a pouco e se pode chegar a amar profundamente.

Em Bombaim, uma janela onde crocitavam corvos; mas, de repente, a claridade matinal, a rua cheia de figuras coloridas, um carregador transportando à cabeça um grande tapete enrolado; outro, com um tabuleiro de comidas; mulheres com saris vermelhos flutuando à brisa e ao andar; turbantes, gorros, vestimentas ocidentais...

Em Calcutá, o sol vermelho, redondo, dardejante... O puxador de carrinhos a banhar-se num jorro d'água, na esquina. As casas ainda todas fechadas. Casas? Palácios. O barbeiro sentado na calçada, à oriental, à espera da freguesia.

Em Patna, a janela abria para um enorme terreiro. Havia flores de ervilha de todas as cores. E havia a grande mangueira sob a qual um grupo de crianças tranquilamente ouvia as histórias que uma mulher contava.

Oh! as janelas dos hotéis! As que abrem para pátios interiores, ou de serviço onde, às vezes, pode estar um automóvel desmantelado, ou por onde passam cozinheiros de altíssimos gorros brancos, ou arrumadeiras saltitantes e maliciosas como se estivessemos representando Molière...

Uma janela sobre um jardim chuvoso; plantas gotejantes, um silêncio de séculos e, por entre as frondes, uma pincelada de prata vagamente azulada: o mar de Tiberíades e toda a sua história!

Uma janela em Jerusalém: uma longa árvore seca e, muito lá em cima, um passarinho que canta. Oh! para quem? Para mim, que o escuto? Para a cidade? Para o mundo? Para si mesmo? Um passarinho que canta, apenas.

Pensei nessas janelas e em muitas outras quando agora em São Paulo, ao correr a cortina, me encontrei diante de um pequeno claustro. Quem podia imaginar tal encontro, na cidade rumorosa, inquieta, trabalhadora, ansiosa, ambiciosa?

Pequeno claustro com seus arcos, suas galerias, suas fontes, seus azulejos e balaustradas. Um adorável silêncio pousa com a brisa nas palmeiras, nos oleandros em flor, nas pequenas moitas de arbustos. Passarinhos e borboletas vão e vêm, param e passam. Às vezes, avista-se um jardineiro, com o seu regador verde, a borrifar as plantas. (O relógio da torre bate cada quarto de hora.) Às vezes, um carmelita oferece na palma da mão qualquer coisa para comer a uns macaquinhos que andam numa árvore. E à tardinha é certo que algum carmelita caminhe pelos quatro lados do claustro, atento ao seu breviário, com o panejamento do hábito oscilando largamente ao ritmo de seus passos.

Com a perspectiva desta janela, o claustro e seus personagens são uma verdadeira miniatura medieval. O tom amarelado da arquitetura é o de um pergaminho envelhecido. (Pode ser que os passarinhos e as borboletas ainda tragam de algum lugar as letras góticas que possam compor, nos espaços livres, palavras celestiais.)

Dona Paulina

Dona Paulina era uma grande modista; cosia por figurinos franceses e sua clientela era a flor da cidade; esposas de conselheiros, de generais, de sobreviventes do Império, de próceres da República. Citava nomes, indicava pessoas; a filha de fulano, a cunhada de sicrano, com a maior naturalidade, sem suspeitar que fazia a sua própria campanha publicitária. Às vezes tinha de explicar: fulana é aquela que casou com beltrano que era viúvo de sicrana e ainda vinha a ser contraparente da tia da professora de piano de uma das princesas. Abolindo-se por preguiça mental o complicado parentesco, chegava-se à conclusão agradável, embora errônea, de que ela fosse, na verdade, costureira da Corte. O que até podia ter sido, pois sua habilidade em pregar milhões de colchetes, todos certinhos, era impressionante. Esses colchetes se ajustavam aos seus correspondentes ganchinhos com uma exatidão matemática. Eles mesmos pareciam pequenos números, numa infinita carreira. E casas? e franzidos? e ninhos de marimbondo? e babadinhos e vieses e mangas duplas e golas e papos? e os milhões de barbatanas que se fixavam por meio de uns pontinhos passados por uns orifícios? e os chuleados? –ah! Dona Paulina dizia uff...! – pois graças a Deus essas modas complicadas já tinham passado... ela não teria mais vista, não teria mais paciência... E narrava longas aventuras de sua vida de modista; enxovais de noiva, lutos pretos, lutos roxos, lutos cinzentos, chepes, sedas foscas... Sabia o nome de todas as fazendas do passado e do presente e das lojas onde se encontravam. E de vez em quando suspirava, contando suas decepções profissionais e sociais, representadas por inesperados calotes: “Quem havia de dizer! Uma senhora tão fina! tão religiosa!”

Naquele tempo, eu habitava com um gatinho embaixo da mesa elástica, cuja trave transversal era a nossa mesa e prateleira, estante e aparador para vidros azuis, prismas, pão com manteiga, asas de borboleta e outras riquezas. “O tempo não estava para modas”, como dizia minha avó, em sentido próprio e metafórico. Mas Dona Paulina, ao passar para cobrar os seus calotes ou tomar as medidas de alguma cliente nova, subia para tomar um café ou um copo d’água, gemendo pelas escadas, porque era muito gorda e se cansava e dizia, no último degrau: “Se me tapassem a boca,

morria sufocada”. E sentava-se. E abanava-se. E observada das profundidades do meu mirante era uma figura estranha, escura e gorda, com uma papada que subia e descia, enquanto suas histórias iam sendo narradas.

Trazia rolos de figurinos velhos para a menina, que sobre eles sonhava, não por causa dos vestidos, mas pelas moças desenhadas, tão lindas, com uma cinturinha de quebrar, de onde subiam e desciam curvas suntuosas, como as das belas jarras de flores. Embaixo, as moças terminavam nuns biquinhos de sapatos miniaturas; no alto, desatavam-se em flores e plumas, passarinhos e borboletas, pequenos véus com salpicos, laçarotes e grampos de chapéu. Eram como pavões, os pavões do jardim do meu padrinho. Mas sorriam, tinham nas mãos leques, sombrinhas, ramalhetes de flores... Devia ser lindo encontrar uma pessoa assim, mas de verdade. Infelizmente, parece que tudo aquilo era do tempo do Imperador.

Dona Paulina estava falando, falando, enquanto o café ia sendo preparado, e umas xicrinhas transparentes iam tinindo, sua brancura na bandeja. Dona Paulina falava mexendo o açúcar, levando o café à boca, entre um gole e outro de café, e tornando a servir-se, e limpando a boca... Falava sempre; dos conselheiros, da viúva, da mucama, da hipoteca, do cafezal, do montepio, da sogra, da nora, do quarto da noiva, do sobrado, da assombração, do bico de gás, da serenata, da Ilha de Paquetá, da antiga escrava, do dinheiro enterrado... Dona Paulina ia falando... A certa altura, tirava o relógio do cinto: “Virge Nossa Senhora, já são 3 horas?”. Ela ia voltar qualquer dia! Exibia amostrinhas de fazendas da última moda. Falava de pregas, de umas rodela de borracha muito boas para evitar manchas de transpiração, de umas blusinhas com fitas enfiadas... E partia para a casa das Marietas, das Leonores, das Camilas e das Estefânias, deixando atrás de si todas aquelas histórias, como a cauda dos antigos vestidos.

Então minha avó, que só dissera “Ah!” “É?” “Oh!”, como se estivesse aprendendo as vogais na escola, suspirava sem palavras, como se pensasse: “Quanto tempo perdido! Que me importam essas histórias! Como Dona Paulina é capaz de falar tanto tempo sem se cansar!”

E quando eu me encontrei com esses livros chamados romances, senti a mesma estranha aflição que me causavam, embaixo da mesa elástica, as intermináveis histórias com infinitos episódios, parênteses e “antes que me esqueça” e “voltando atrás” e “mas é preciso dizer” e os diálogos: “Juca

você está mentindo!” “Deixe disso, pergunte a quem quiser se não é verdade!” (E muitas lágrimas...) Os homens, minha senhora... É o que eu lhe digo.

Dona Paulina pensava que era costureira. Mas era romancista.

Três amigas

As três amigas chegam pelo correio, de lugares diferentes, cada qual procurando comunicar-me suas diferentes emoções.

A primeira manda-me apenas um postal: foi para o círculo ártico ver o sol da meia-noite. Sonhava solidões, silêncios... – quem teve jamais o que sonhou? Mas o postal é uma paisagem árdua: pedra abrupta e água lisa, um céu ruivo, como de labareda. No primeiro plano, um perfil sereno contempla esses três níveis: água, pedra e céu. Não é o perfil da minha amiga; mas podia ser. Ela partiu, cansada das algazarras do mundo, da confusão da vida, para receber – mais do que nos olhos – na alma a pureza ainda que rude de um tempo menos caótico. E creio que, para o seu coração, o espetáculo do sol da meia-noite a atraía como um sinal sagrado, com o poder simbólico da luz na escuridão.

A segunda amiga revela-me a sua perplexidade, pois acaba de descobrir que vai completar cinquenta anos. Ela nem acredita nisso, e não sabe explicar como tal coisa lhe aconteceu. Sente-se como uma pessoa de trinta: não há livro, não há exposição de arte, não há concerto que a deixe indiferente. Executa, com a agilidade de sempre, infinitos tricôs para as crianças pobres; participa de todas as obras de assistência social; pratica esportes; tem uma saúde excelente e uma alegria que vence todos os contratempos. Com meio século de uso, ela encontra as outras pessoas amarguradas, queixosas, tristes e sua vida parece um escândalo aos seus próprios olhos. Então, para não envergonhar os seus colegas de meio centenário, a minha admirável amiga pergunta se não deve fazer um esforço para envelhecer, se não deve fechar seu coração à beleza do mundo e redigir quanto antes o seu – bastante reduzido –testamento. Que se pode responder a essa adorável criatura a quem, sem nenhum espírito de fraude, jamais ocorrera ter chegado sequer aos quarenta anos?

A terceira amiga está numa fotografia, cercada de crianças: todos os anos tem um filhinho novo, e a sua vida é um transbordamento de amor. Nós nos fizemos amigas pela coincidência de sentimentos na valorização do humilde, no gosto pelo autêntico, na ternura pelas coisas que conservam a sombra de uma presença humana: velhos objetos sem dono, lembranças do passado, restos indefesos do esforço – quase sempre malogrado – de viver.

Assim, descobrimos que amávamos o que ninguém mais ama, que tínhamos a alma carregada de retalhos de antigos vestidos, pedaços de louças quebradas, relógios perdidos, retratos irreconhecíveis, livros que se nos desfaziam nas mãos, palavras algum dia ouvidas e como escritos num muro eterno diante de nós. Descobrimos também a nossa insignificância, comparada aos arquivos, aos museus, aos cemitérios que transportávamos conosco. Desejamos que nada se perdesse do que um dia foi feito com a amorosa intenção de durar. Diante de um mundo ingrato e amargo, ávido de imediatismo, ousávamos dirigir também os nossos olhos para o que ia ficando para trás. Para o que se abandonava e esquecia. E ficamos amigas para sempre.

E eis que a minha terceira amiga me escreve da sua propriedade rural, onde, alheia ao conforto do século, vive mais das árvores que dos móveis, mais do solo e da chuva que dos próprios aposentos, misturada às crianças, inclinada para cada pequenina vida que vai cumprindo obscuramente o seu destino pelo chão e pelo ar. E manda-me uma folhinha de malva, que sai da carta ainda tão verde e perfumosa como se não tivesse sido cortada, e uma flor de alfazema, do cesto que lhe acabam de trazer: uma pequena flor em que recebe o vento e o céu desse recanto simples da terra, amado pelo seu coração, e pelo qual ouço passar a sua voz, tão natural e sincera, clara e cristalina como a das suas luminosas crianças.

A baía fosforescente

Muita gente passa pela bonita ilha de Porto Rico, muita gente mesmo lá vive sem nunca ter visto a sua baía fosforescente. (Também, os moradores e naturais do Rio quantos não se abalaram nunca a subir ao Corcovado ou ao Pão de Açúcar!) Mas o forasteiro curioso encontra sempre algum amigo imaginativo que se lembra de lhe oferecer esse espetáculo verdadeiramente deslumbrante e poético. O fenômeno não é exclusivo daquela ilha; mas não sei se se verifica em muitos lugares do mundo. Em todo caso, naquelas deliciosas paragens, de lânguidas palmeiras e cálido vento, a baía fosforescente parece a complementação natural dos seus encantos: uma espécie de manto festivo que envolve a ilha noturna, enquanto a coroa o céu.

Numa pequena lancha demanda-se o lugar do espetáculo. De repente, avista-se, ainda ao longe, a franja das águas bater pelas praias com singulares cintilações de prata azulada. À medida que se vai avançando, já não é somente a franja das águas, é o próprio mar que se vai tornando flácido e luminoso, como transformado em fino metal resplandecente. As ondas vão caminhando e desenvolvendo sua densidade de mercúrio azul para de súbito se levantarem em vagas côncavas, imensos espelhos curvos, que despenham num chuveiro de estrelas como um fogo de artifício.

A água que entra na lancha deixa por onde passa seu rasto luminoso e vai formar pequenas poças luzentes que oscilam, ao movimento da embarcação, com fluidez e unidade, guardando um equilíbrio de prata e luar. O rapaz de bordo mergulha um balde no mar e retira-o a escorrer luz por todos os lados. Tudo que é tocado pela água se torna luminoso, fluorescente, e cintila na noite com todos os seus pormenores – argolas, desenho torcido de cordas, falanges, superfícies de madeira – com uma claridade sobrenatural. Nesse ponto do mar atinge-se a uma espécie de vertigem suave, a vertigem de quem se desprende do mundo habitual e se sente transportado em claridade, convertendo-se na própria claridade, numa inesperada metamorfose, em meio ao silêncio enorme do mar e do céu, naquela solidão tão vasta que o próprio barco e cada companheiro se vão tornando evanescentes e ninguém já sabe onde está, nem que corpo tem, e

se confunde com a noite e o espírito do universo, à mercê do mar que afoga tudo em seu infinito esplendor.

Acharíamos natural que aparecessem sereias à superfície das águas, com seus cabelos de prata, com suas escamas de prata, com suas vozes de prata. Mas apenas as vagas se levantam, em grandes arcos, sustentam-se um instante no ar, com formas de estranhas árvores, e logo se desfolham, e voltam a balançar-se em luz, preparando outros altos, outras quedas, outros deslumbramentos.

Volta-se, depois, ao lugar da partida e com melancolia se vê todo aquele esplendor distanciar-se. As águas vão tomando o aspecto natural do mar noturno – cristal negro com rápidas arestas brilhantes, flores desmanchadas de espuma. Mas ao longe a grande festa continua: vê-se a orla da praia desenhada pela água fosforescente até onde a vista ou o rumo da embarcação nos permitem alcançá-la.

É então que se ousa fazer alguma pergunta acerca do fenômeno: quando, livre daquele círculo mágico de fascinação, o raciocínio volta à fria análise que dispersa os mistérios da fantasia. Fica-se então sabendo que no século 18, Labillardière, surpreendido por um fenômeno análogo, num golfo da Guiné, enchera uma garrafa com essa água cintilante, e, fazendo-a coar, observara a presença de pequeníssimos corpúsculos, sem os quais a água perdia aquelas propriedades fosforescentes. Fala-se dessa estranha maravilha que é o mundo que nos cerca, desses inesperados encontros com a grande beleza silenciosa da Natureza. Depois, esquece-se um pouco o ensinamento da ciência, e continua-se a sonhar com o êxtase inesquecível da baía fosforescente.

Uma velhinha em Florença

Por que me lembraria agora daquela velhinha de Florença? Há sentimentos antigos, dentro de nós, que não perdem a sua força, que não se deixam aniquilar pelo tempo e pelos acontecimentos; estão apenas reclinados como em cadeiras invisíveis, numa obscura sala de espera. Por serem tão antigos, permitem-se ficar de olhos fechados, silenciosos e anônimos, tão inativos como se não existissem. Mas, de repente, acordam, levantam-se dos seus lugares, acendem as luzes, fazem-se tão vivos e presentes que não resistimos ao seu poder e docilmente nos submetemos às revisões da memória e à sua crítica.

Pois eu agora olhava para estes jardins úmidos de chuva, detinha-me a descobrir em que árvore cantava o pássaro, e do obscuro salão de espera levantou-se da sua cadeira invisível a velhinha de Florença. A tarde em redor de mim entristeceu, e, por mais que eu deseje ser meiga e solícita, todas as desculpas que lhe dirijo permanecem longe, imóveis, nulas, como esta nuvem escura que paira no céu turvo, sem vento que a desmanche nem chuva que a dissolva.

A velhinha de Florença não me diz nada: sou eu que tento dizer-lhe palavras mal ajustadas, sou eu que procuro, depois de tantos anos, a expressão adequada com que possa merecer a sua benevolência. Ela parece escutar-me com muita compreensão; eu é que não me sinto contente comigo mesma, apesar da minha sinceridade e do meu desgosto.

Ninguém cuide tratar-se de uma história policial, ou de lances dramáticos, emocionantes e pungentes. A história é mesmo tão simples que não sei como há tanto tempo continua a ocupar lugar tão importante na minha vida. Mas é assim.

A velhinha tinha uma pequena loja, numa rua de Florença. Exteriormente, sua loja não era nem rica, nem elegante nem artística. Isso acontece em muitas lojas, na Europa. Mas a velhinha vendia umas blusas tão lindas e originais que mulher nenhuma poderia ficar insensível aos seus encantos. E eis que, de repente, me torno possuidora de uma delas. Começava a escurecer. A formosa Florença tornava-se uma cidade de prata. Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos. Mas a loja ia fechar, a velhinha não

negociava com dólares (pensar que um dia eu tive dólares!): então, separei a segunda blusa, e prometi que na manhã seguinte apareceria com as minhas liras.

No dia seguinte, havia um programa a cumprir; mas eu pensava na blusa e na velhinha. Principalmente na velhinha que, ao separá-la, fizera quase um juramento de não a vender senão a mim. (E eu longe, e eu distante), e eu envolvida pelos acontecimentos, a manhã toda e a tarde inteira. A velhinha com a blusa dobrada à minha espera. “Os turistas são assim”, pensaria. Respondia-lhe mentalmente; respondia-lhe que nem era eu propriamente o que se chama um turista como me sentia pessoa de palavra, responsável e incapaz de faltar aos meus compromissos. Mas, de tão longe, como poderia a boa velhinha captar os meus pensamentos?

Tantos anos depois, aparece-me a velhinha de Florença, com a sua cabeça digna e séria, na sua modesta loja, onde quase tudo era pobre, mas tudo era belo, como costuma acontecer na prodigiosa Itália.

Talvez ela, com a sua experiência e a sua benevolência tenha pensado: “esqueceu-se, não pôde vir...” e a blusa tenha passado logo a outras mãos (este seria o meu desejo). Talvez tenha acreditado tanto em mim (é o que dói) que, pelo menos durante algum tempo, não a tenha vendido.

Enfim, não sei porque me aparece agora essa velhinha de Florença (tão velhinha que talvez já tenha morrido), quando tantas coisas importantes têm acontecido no mundo, depois desse pequeno episódio. Mas esse pequeno episódio é um ponto inconsolável no meu coração. (Cada um sabe de que são feitos os seus sofrimentos.)

A galeria

Entro por um dos lados da galeria, mas não são as primeiras lojas as que mais me interessam, embora se trate de bons restaurantes, com suas vidraças forradas de cortininhas franzidas, por trás das quais bem me lembro do apuro das claras toalhas e dos brilhantes cristais.

Vejo a bela vitrina das modas; detenho-me a contemplar os brocados orientais, esse primor de tecelagem, com figuras, cenas, paisagens, que aparecem e desaparecem ora em fios de seda branca, ora em fios de seda cor de ouro. (Que mão se atreve a cortar um pano destes? Que obra de arte pode essa mão criar que seja superior a essa obra de arte?)

Vejo a pastelaria com sua variedade de pães, bolos, biscoitos, todas as combinações que os homens engendraram sobre o trigo e a simples e primitiva necessidade de se alimentarem. (Houve um homem, na minha raça, que se descobria diante do trigo ceifado. Alguém atreveu-se a perguntar-lhe, certa vez, por que assim fazia. E ele, reverente e sóbrio, respondeu-lhe, com o sucinto falar do seu tempo: “Porque o trigo é sagrado: sem ele não se celebra”.)

Vejo a pequena loja de objetos vários; bolsinhas de *petit-point*, broches de porcelana, colheres de prata, lenços de seda, caixinhas; o dono da loja está sempre no mesmo lugar, sentado da mesma maneira, lendo um jornal (que espero não seja o mesmo), com a mesma expressão no rosto sereno. Entra-se para comprar qualquer coisa, ele atende, embrulha, dá o troco, volta para o mesmo lugar, continua a ler o que estava lendo, e é como se não tivesse acontecido nada. (Pensando bem, acontece alguma coisa em tais ocasiões, entre vendedor e comprador? Algum dos dois fica mais feliz? Ou tudo são ilusões trocadas, pequeno jogo que aprendemos e vamos repetindo, neste mundo de modestos deslumbramentos e precárias rotinas?) Enfim, o dono da loja senta-se da mesma maneira, retoma o seu jornal e é como se nada daquilo lhe pertencesse, nem se importasse que aparecesse qualquer freguês.

Mas adiante, ao contrário, é a loja surpreendente de um jovem cheio de entusiasmo e agitação. O que se vende? Vende-se tudo quanto a fantasia humana é capaz de inventar, e especialmente artigos para *cotillon*, curiosidades para dias de festa; chapeuzinhos de papel, charutos que

parecem acesos, cartolinhas que apertadas de certo modo fazem saltar lá de dentro um coelhinho branco, binóculos que não medem mais de uns dois centímetros – sem falar em vistas transparentes sobre assuntos que podem ser dos mais inocentes, como o Monte Branco, até os mais perigosos, impróprios para menores e senhoras, e que estão separadas em outra caixa, para uma freguesia especial.

E assim prossegue a tranquila galeria. Uns param diante da vitrina de artigos fotográficos: – Que máquinas, que tripés! – inclinam-se, agacham-se, acocoram-se, enviam a todas aquelas peças olhares perpendiculares, transversais e creio que até mesmo elíticos; olhares que veem do outro lado das coisas e o interior das próprias coisas, que desmontam, aparafusam, atarraxam esses segredos mecânicos, engenhosos e sutis. E tudo para quê? Para fotografar este mundo, as pessoas e os objetos deste mundo, como se tudo devesse ser fixado, tudo merecesse perdurar, tudo tivesse uma parte de valor inesquecível; enfim, o seu instante divino e imortal.

Ah! Muita coisa se aprende, a caminhar por uma galeria de lojas tão diversas, de proprietários tão diferentes, e por onde os passantes – tão civilizados – são umas sombras silenciosas que, diante de cada vitrina, procuram compreensão, comunicação, interpretação entre os desejos que levam consigo e as múltiplas sugestões que aos seus olhos se apresentam.

No fim de tudo, e quando já é noite, no salãozinho à meia-luz, um pianista martela no seu piano verde monótonos ritmos intermináveis, a cujo som as belas senhoras jantam, pensativas, sem que se possa adivinhar o que, a cada uma, possa dizer cada nota.

Crônica sonhada

A mulher existe naquele momento, embora não seja nitidamente vista. Existe e lê um livro. Lê um livro profundamente.

O lugar em que a mulher se encontra não oferece pontos de referência: é um determinado espaço dentro do espaço indeterminado, sem paredes, sem espessuras, todo penetrável e, no entanto, aparentemente exclusivo. A mulher lê profundamente.

Pelo vão que poderia corresponder a uma porta, um homem entra, de cartola, botas altas, casaca azul, um pequeno chicote na mão. Parece uma gravura (um pouco esfumada) do século XIX. O homem aparece: não retira a cartola da cabeça, não faz mesmo nenhum movimento. Permanece de perfil e, depois de um certo silêncio, ou a sua boca diz ou se percebe que estaria dizendo: “Senhora, o carro está lá embaixo à sua espera”.

O aparecimento do homem não traz mudança nenhuma ao ambiente. A mulher continua a ler. Não se pode dizer que esteja deitada nem sentada; ela estaciona vaga e esbranquiçada naquela atmosfera nebulosa, como, em certas composições de pintores antigos, estacionam os anjos tocando os seus anafis ou lendo os seus cânticos desenrolados. A mulher lê profundamente. A mulher não notou a presença do homem de cartola, botas altas e chicote na mão. É possível que ele a veja, pois até lhe dirigiu ou lhe teria dirigido aquelas palavras. Ela, porém, não levantou os olhos, não se perturbou com o seu aparecimento, não se distraiu na sua leitura. Mas, com todas essas distâncias, essa atmosfera vazia, a infinita dispersão de qualquer eco, a mulher, se mudar de posição, com uma voz que certamente lhe pertence, mas que vem como se não fosse de sua boca, responde, depois de uma longa pausa, e num tom exato de decisão e certeza: “Logo que acabar de ler este livro, descerei”.

Nesse momento percebe-se que o homem de cartola, botas altas e casaca azul não é uma figura qualquer: nós nunca o teremos encontrado, com essa indumentária senão em alguma estampa muito antiga, ilustrando a passagem de algum romance, mas ficamos sabendo que se trata do cocheiro de um carro funerário que aguarda, embaixo, aquela mulher distante, isenta de pormenores; aquela forma feminina que lê, que continua a ler profundamente, suspensa naquele recinto que, sem deixar de ser um recinto

é um espaço livre de quaisquer limites por todos os lados. A mulher continua a ler.

O cocheiro não sai do lugar. Permanece na mesma posição, disposto a uma espera que não se sabe quanto tempo durará, mas que terá seu prazo, porque a voz da mulher é uma voz serena, repleta de confiança, uma voz que parece uma lâmina de cristal, sem visgo ou sombra de mentira, fraude, engano.

Sim, a mulher terminará a leitura daquele livro e logo, caminhando sobre as suas palavras, descera para esse carro que a espera, embora não se perceba nenhuma relação de distância ou de posição entre o lugar que ela ocupa e o lugar a que terá de descer – pois é tudo de tal modo unido que não se concebe que não estejam todas as coisas, e a exigência e o tempo fundidos e integrados na mesma realidade.

Equando a mulher diz: “eu descerei”, há um som incompreensível nesse tempo futuro. Sente-se, de maneira inequívoca, embora vaga e transcendente, que não há um descer ou um subir, mas apenas uma duração tranquila. Por isso, em sua voz não há surpresa, temor, nenhum indício dos contratempos que resultam de qualquer mudança. Pairando como nuvem sobre o livro que lê, ou baixando a esse campo invisível onde o carro da Morte a espera, a mulher não deixa de ser o que está sendo; e parece que está sendo o que vai lendo, e que essa leitura é o fio que a sustenta em eternidade: um fio completamente invisível, mas sensível e inquebrável. Um constante tempo presente.

O cocheiro, evidentemente, vigia o que lhe parece ser o oportuno instante. A mulher, porém, livre de todos os instantes, inalterável na sua situação, continua a ler. A mulher lê profundamente.

Jogos circenses

As crianças que nasceram ainda outro dia, que ainda estão aprendendo o mundo, confrontam os tigres e os elefantes com as imagens que lhes foram apresentadas nos livros de histórias. Desejariam que os elefantes fossem muito maiores, e os tigres e os leões muito mais terríveis. Creio que a elegância dos domadores lhes deixa um certo desgosto de facilidades: talvez preferissem um empolgante corpo a corpo que exaltasse melhor a vitória; estes meninos nasceram ontem mas trazem um instinto milenar de gloriosas façanhas e gostariam de assistir a uma experiência objetiva (por enquanto) da superioridade do homem sobre as feras.

Isso quanto aos rapazinhos, porque as meninas, ainda suaves, apesar da dureza dos tempos, estão embevecidas com o palhaço muito branco, muito azul, muito vermelho, que vai distribuindo rosas pela plateia; e a moça prateada que sobe e desce aladamente sem interromper a corrida do seu cavalo branco pertence com certeza ao reino das fadas, onde (suspiremos!) algum dia se poderá chegar.

Nós, porém, os que já vimos todos os circos e – principalmente – já conhecemos bastante deste mundo, ficamos ali atônitos com a revisão das histórias humanas, destas nossas histórias frequentes, cômicas e heroicas e encontramos o nosso próprio rosto em cada figurante que aparece, por outras que sejam nossas fisionomias, de cá e de lá.

Pois não devíamos estar sossegados ao rés da terra, com modestos rumos, e não vêm cordas que nos enlaçam, que nos suspendem, que nos deixam numa altura de onde a terra, que é o nosso destino, torna-se o nosso abismo? E não nos impõem estas ordens de ir e vir pelos ares, já sem pés para o chão e ainda sem asas que o céu – recebendo nos braços e atirando para longe funâmbulos que jamais conheceremos, que passam por nós, na oscilação de um mundo frágil de barras e cordas, de onde às vezes se cai, pequeno, obscuro meteoro?

Não somos esta claridade, esta alegria, esta festa cintilante sob um chicote oculto que alguém maneja para escravizar-nos ou, para libertar-nos, manejamos?

As crianças divertem-se com o palhaço perseguido pela falsa leoa de goma, que segue como uma boia flutuando no ar, agarrada aos seus calções.

É como um pequeno pesadelo infantil essa corrida fluida, com uma imponderável fera onírica. Mas um dia somos todos, bem acordados, ou o palhaço ou a leoa, num pavor sem fundamento neste mundo nosso de símbolos.

Somos aquele que se apoia neste mundo apenas com um dedo, mas depois de inventarmos mil contrapesos, e de irmos renunciando todos eles, um por um.

Somos esse instante de aplausos, com as arquibancadas celebrando os altos feitos que sentimos em nós, potencialmente; somos esse virtuosismo que vemos e admitimos possuir. E somos a penumbra em que desaparecem os corpos fosforescentes e homens e animais se confundem; essa caverna obscura e piedosa de onde saímos para o espetáculo e a que regressamos.

Mas as crianças ainda não estão iniciadas no segredo dos jogos circenses. Mais tarde compreenderão.

E o homem do circo de lona pensa com amargura nas suas adversidades, no seu reino sem disciplina e sem lei, sem perfeição e sem glória; no seu elefante que envelheceu, no palhaço que se quebrou, na trapezista que fugiu. Ah! o circo exige uma precisão cósmica! Os pratos não podem desabar, o pé não pode sair do ponto exato, e se o punhal sofrer um leve desvio no seu rumo é quase certo que atinge o coração.

O mais que anônimo

O mais que anônimo anda pelas antologias e viveu no Egito vinte séculos antes de Cristo. Certo dia, a essa distância de quarenta séculos, alguma coisa lhe aconteceu, profundamente desesperadora. E apenas a morte lhe pareceu boa, bela, feliz. E escreveu, o mais que anônimo, um poema imortal.

A morte pareceu-lhe boa como, para o inválido, a saúde, como, para o doente, poder deixar o quarto de tratamento. Pareceu-lhe a morte agradável como o perfume da mirra, ou como estar-se, num dia de vento, ao abrigo de um toldo. Como o perfume do lótus. Como estar sentado à margem da embriaguez. Como o fim da chuva. Como a volta, para casa, depois de uma campanha no ultramar. Como o céu que sai das nuvens. Como o desejo de um homem de rever sua casa depois de anos sem fim de cativo. Assim lhe pareceu a morte. E assim o disse em seu poema.

Quarenta séculos depois, os nossos olhos percorrem as palavras do poeta anônimo, sentindo-as uma por uma, sem desgaste, malgrado tantas traduções, tanto tempo, e as variações do mundo, do tempo, dos aspectos humanos.

O mais que anônimo não nos deu o nome de sua aflição. Por que sofreu tanto? Houve uma injustiça? Uma traição? A sombra de um amor? Uma ofensa? A rivalidade mesquinha que às vezes atravessa uma vida? Perseguições? O despotismo dos poderosos? Tenebrosos enredos de inveja? Os conluíus da vaidade? Armadilhas sutis de partidos, grupos, grêmios?

Uma grande dor oprimiu o mais que anônimo. Viu passar a morte sobre os seus sonhos? Um desengano abriu-lhe de repente os grandes muros da mentira? Encontrou de repente a vida como um fato execrável? Desejou não participar mais de sua condição humana?

Não se permitiu a mais breve confissão. O mais que anônimo está envolto em faixas de mistério, com seus enigmas de múmia. Não se queixa. Não aponta nada nem ninguém. Anda-se em redor de seus versos sem se descobrir coisa alguma a não ser esse potencial de dor, esse coração desesperado e contido. É altivo e secreto. No apogeu do sofrimento, quem acredita ser jamais compreendido ou consolado? Quem já sofreu algum dia como quem está sofrendo naquele instante?

O mais que anônimo não diz por quem sofre. Por que sofre. Nem diz que sofre. Seu coração completamente fechado como uma pedra soa apenas para falar da morte. Para suspirar pela morte. Sem explicação, completamente secreto. Cego, imóvel, como em escultura, o poeta não vê nem mostra, não procura, não acusa, nem sequer se lamenta. Só a morte lhe parece boa, bela, feliz, em comparação com o que está sentindo e não revela.

Há quarenta séculos, um dia, foi assim. Foi assim, no Egito, um grande poeta. Uma grande dor. Mais que anônimo, ele está nas antologias com uma grandeza incomparável. Sem ter dito o que sofria, legou-nos uma dor que já tem quarenta séculos e não passa. Sem nos ter deixado o seu nome, ficou mais presente que ninguém; nosso irmão, nosso retrato. Homem eterno, o mais que anônimo.

Quadrilhas

Dizem que em Ouro Preto ainda se dança quadrilha, coisa linda de ver numa cidade-museu, com aquele ambiente de sonho: ladeiras, igrejas, velhas casas, serenatas.

A última vez que vi dançar quadrilha foi no Rio Grande do Sul, mas já era coisa folclórica, um pouco incerta, que se faria por amor à tradição. Não é que eu saiba como se dança bem a quadrilha; mas era o que me diziam, durante o espetáculo, pessoas mais antigas e pessoas mais jovens, mas entendidas em danças.

Naturalmente, as danças modernas são muito interessantes, principalmente quando se veem esses dançarinos espirituosos que se sacodem com tanta graça como se não tivessem ossos, com um ar displicente de espantalhos dançando ao vento a dança de São Guido.

Mas as danças velhas também eram interessantes. Todas aquelas medidas de salão, com aquelas roupas, aqueles espelhos, decotes, cabeleiras, deviam ser uma delícia para os olhos, se as figuras tivessem na verdade a beleza, a elegância, o encanto que lhes emprestam as gravuras.

Dança-se desde que o mundo é mundo, dança-se de alegria, de tristeza para celebrar isto e aquilo, para exprimir sentimentos ou para emagrecer; cada um sabe por que dança e com que música.

Mas eu não vim falar dessas quadrilhas, mas daquela que Carlos Drummond inventou para brincar com os nossos males, os males desta vida de mudanças, um passo aqui, outro ali, entre experiências e desacertos, de mão em mão, seguindo para a frente ora juntos, ora separados, em linha reta, em cadeia, sozinhos, aos pares, aos pulos, devagar – enfim, conforme as fantasias da marcação.

“João amava Teresa que amava Raimundo / que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili / que amava ninguém.”

A sequência dos amores encadeados dispersa-se numa debandada imprevista:

“João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, / Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, / Joaquim suicidou-se...”

Só aquela que não amava ninguém encontrou seu par, um par muito inesperado e até intruso:

“... e Lili casou com J. Pinto Fernandes / que não tinha entrado na história.”

O poeta não se propõe aconselhar, convencido decerto da eloquência do exemplo que seu poema nos oferece.

Há dois mil anos, um poeta grego tinha observado as mesmas figuras dessa quadrilha eterna. Dizia Mosco:

“Pan amava Eco, sua vizinha; Eco amava um sátiro saltitante; e o sátiro andava louco por Lida.”

Mas a quadrilha não era tão simples:

“Tanto quanto Eco inflamava o coração de Pan, assim o sátiro inflamava o de Eco e Lida o do jovem sátiro. Mas o amor consumia-os com tormentos mútuos, pois assim como cada um desses amantes odiava o que o amava, também, a despeito do seu amor, era odiado pelo outro, e sofria tanto quanto fazia sofrer.”

O poeta, em meio a tal confusão, resolve aconselhar: “Eis a lição que daí tiro para os que não amam: querei aos que vos querem, para serdes amados quando amardes.”

Há dois mil anos ainda não se ia para os conventos de Teresa, nem para os Estados Unidos e os desastres e suicídios talvez fossem menos frequentes. Só mesmo o amor desencontrado é que parece igual. E quanto ao conselho de Mosco, onde está uma pessoa inocente para seguir algum conselho, dentro ou fora da quadrilha? Onde, Nise, onde?

Uma gatinha branca

Ao escurecer, os garotos estavam sentados à beira da calçada, com certo ar de remorso. Um deles, com uma varinha na mão, revolia o pelo branco da gatinha, deitada de flanco, muito triste, com uma expressão de criatura humana. Por baixo do pelo espesso, via-se-lhe a pele do ventre, ainda clara e um pouco flácida. Estavam calados e um pouco pensativos. Alguns olhavam para a morte pela primeira vez.

As meninas haviam protestado em vão. Os garotos riam-se delas. Por fim, fugiram para casa, fizeram queixa às mães, esconderam a cabeça nos braços e choraram.

Tudo começara dias atrás, quando a bela gatinha branca fizera a sua aparição no alto da rua. Não se sabia de onde vinha, se tinha donos, por que passava por ali. As meninas encantaram-se com ela. Tão macia! Tão vagarosa! Parava. Olhava. Quase se imaginava que sorria. Depois continuava o seu caminho. O que via, quem pode saber? Parecia uma princezinha das histórias contadas, toda vestida de arminho, a passear pelo seu reino de flores. Caminhava sobre as folhas secas com tal brandura que não deixava ruído. Entrava pela sombra como nuvem branca em nuvem cinzenta. Seus passos de seda ensurdeciam nas pedras, no cimento, nos tijolos dos muros. Ela mesma, quando parava, parecia procurar-se no seu silêncio, redondo como uma circunferência. Se às vezes elevava um tênue miado, era como um vago bocejo.

Por todos esses motivos, as meninas a amavam e queriam acariciá-la. As mães diziam que era gata de raça; toda branca, toda branca e de olhos vagamente azuis, como duas flores molhadas de orvalho. Mas ao chegarem perto dela, as meninas ficavam um pouco inibidas. Podiam ser arranhadas; pois até onde iria a sua brandura? Ela poderia, também, fugir... Assim, aproximavam-se de mansinho, fazendo psi-psi-psi, com medo de assustá-la. Mas a gatinha não se assustava: detinha-se, ao mesmo tempo curiosa e alheia, esperava delicadamente, e só mesmo quando alguma das meninas se abaixava, para tomá-la nos braços, encolhia-se, toda em pelúcia, e procurava escapar, mas sem nenhuma agressividade. Por duas ou três vezes conseguiram acariciar-lhe a cabeça e viram de perto como eram luminosos os seus olhos, róseo e cetinoso o seu breve focinho e, as suas orelhas,

aveludadas. Ofereciam-lhe pedacinhos de pão de ló, biscoitos, que ela apanhava no ar, com muita suavidade. E depois desaparecia, mergulhando nas sebes floridas, atravessando cercas e grades, por sucessivos jardins e quintais.

Mas, enquanto as meninas assim a acompanhavam, com olhares maternos, e procuravam todos os dias descobrir de onde vinha, a quem pertencia, e se teria filhotes (pois só pelos seus modos se via que era uma gatinha), os garotos dispunham-se para uma ação de guerra, aparelhando-se com pedras e estilingues para a destroçarem. Quando as meninas souberam disso, protestaram, ameaçaram; as irmãs foram contra os irmãos, arrancaram-lhes as malvadas armas, acusaram-nos na escola e em casa, mas os rapazes apenas baixavam os olhos, talvez para não se descobrir neles o propósito formal do sonhado crime.

Como o crime aconteceu, as meninas não viram. Viram apenas a gatinha morta, com o focinho rebentado e manchas feias no alvo pelo, tão longo, tão sedoso, tão fofo. Gata de raça – tinham ouvido dizer dos mais velhos. Não quiseram ver mais nada. Fugiram para as suas casas, cheias de lágrimas, desesperadas, agarraram-se às mães, sacudindo-as, como na esperança de que elas pudessem ressuscitar a gatinha branca. As mães chegaram às janelas, nos portões – mas não viram nada, porque a gatinha estava do outro lado, depois da esquina. Comentaram, porém, tamanha maldade. Quem fizera aquilo? Por quê? POR QUÊ? As meninas desabafavam-se em explicações de defesa: uma gatinha tão bonita, tão mansa, que nunca arranhou ninguém, que não roubava nada, nem miava, nem fazia barulho... Aparecia, passava, não entrava em casa nenhuma... E de raça! De olhos azuis, toda branca! Teria sido por isso mesmo que a mataram? Por ser diferente? Não fizeram nada aos gatos que se atiravam aos cestos dos peixeiros e aos embrulhos dos açougueiros, sujos, arrepiados, vorazes, com miados ensurdecedores! Ah!

Por muito tempo as meninas ficaram de mal com os meninos e nem se atreviam a perguntar-lhes por que tinham matado a gatinha. POR QUÊ? Os meninos não fizeram caso dessa zanga. Passavam ufanos, de cabeça levantada, numa demonstração de força bastante insolente, como se bradassem: “Somos homens! Fazemos o que queremos! Já sabemos até matar!” As meninas entendiam.

Isso, porém, foi depois. Naquela tarde, os garotos, sentados à beira da calçada, contemplavam a sua obra, que era aquela incompreensível

destruição. (Uma gatinha de raça. Toda branca, sem mancha alguma. Tão gentil! Com aqueles modos tão finos! Sem molestar jamais ninguém! Como nascera aquele ódio? Como se formara aquele crime?) Estavam sentados à beira da calçada, mergulhados num mutismo bruto, como se todos fossem um só, numa cumplicidade obscura. E a noção da sua perversidade devia pesar-lhes no coração como uma grande pedra negra.

(Um deles, como para distrair-se, mexia com uma varinha no pelo branco da gatinha morta. E de certo modo parecia que automaticamente a acariciava.)

Os cães da Aclimação

A primeira noite que passei nestes arredores da Aclimação foi uma noite de assombros. Descobri que havia verão em São Paulo: que a cidade da garoa desaparecera; que aqui, como no Rio, se podia sentir um calor sufocante, sob um céu sem promessas de chuva. Mas o assombro maior seria mais tarde, quando depois do apito do guarda-noturno, levantou-se nos ares um enorme alarido de cães, alarido que, a princípio, parecia uma simples exibição de vozes, um ensaio de sons, como quando as orquestras experimentam seus instrumentos – e que pouco a pouco se foi acomodando em lugares determinados, separando essa espécie de sopranos, contraltos, tenores e barítonos, quem sabe sob a regência de que maestro invisível.

Eram as vozes extremamente numerosas e de qualidades variadíssimas; umas, para efeitos profundos e solenes; outras leves e fúteis, risonhas e brincalhonas. E, entre esses dois polos, elevavam-se as de timbre sentimental e aveludado, as metálicas e épicas, as bravias e roucas, e uma infinidade de outras, impossíveis de descrever.

Numa avaliação um pouco abundante (mas que são números, nestes tempos de inflação?) calculei que haveria, naquele anfiteatro da noite, cerca de cento e vinte mil personagens arregimentados para um vastíssimo concerto vocal. Não sei por que me ocorreu tal cifra: mas foi assim.

O concerto principiou logo em seguida, e o vale todo repercutiu com sonoridade majestosa aquela estranha mensagem que me transportava para regiões e eras indeterminadas, porém, remotíssimas – se não do princípio do mundo, pelo menos, do princípio dos cães.

As prováveis cento e vinte mil figuras postadas na ordem devida (que eu não via, mas adivinhava), obedeciam ao comando do maestro em ritmos complicadíssimos, e com matizes de sons que ora me recordavam as macumbas do Rio, a descerem das favelas ao sabor das brisas, ora me faziam pensar em músicas “bossa nova” ao se desfazerem com nostálgicas ironias e a se desintegrarem em desarmônicas cadências por este vale da Aclimação.

Passamos toda a noite assim: os cães a cantarem e eu a ouvi-los. Na manhã seguinte, pareceu aos meus amigos não serem recomendáveis tais insônias, e ficamos nesta dúvida: se eu devia tomar um sedativo, para

dormir, ou se os cães deviam beber alguns riachos de barbitúricos para não continuarem a cantar. Um desses amigos propunha-se mesmo eliminar esses cantores noturnos, ao que vivamente me opus, embora reconhecendo-os um pouco exagerados. (Mas eu sou contra quaisquer violências). Outro amigo anunciou-me também que já tinha banido ou exilado setenta dos concertistas (suponho que para brincar comigo). Mas o que eram setenta, num grupo de cento e vinte mil? E os concertos foram continuando.

Certa manhã percebi, num terreno baldio das proximidades, à beira de uma horta, uns meninos com espingardas. Isso me assustou: estariam contratados para atirar nos cães?

E não avistei cão nenhum, por mais que passasse os dias à janela, procurando-os. Deviam dormir, àquela hora; sua vida era toda noturna, como a da maior parte dos artistas.

Mas depois, mesmo à noite, foram rareando. Já não se ouviam aqueles poderosos solos, aqueles compactos coros, e sim alguma voz perdida, desarticulada, como um resto, apenas, de todo aquele imenso clamor que antes se ouvira. Por onde andavam os cento e vinte mil figurantes dos grandes concertos (subtraídos os setenta que os meus amigos deportaram para algum lugar)?

Soube depois que aqui em São Paulo se protestava contra a quantidade de cães existentes em cada bairro; e imaginei que haveria por toda a parte concertos idênticos aos que me fora dado ouvir noites seguidas no bairro da Aclimação. Talvez sejam artistas ambulantes, além de boêmios e noturnos, pensei. Talvez agora andem por outros lugares, mas sejam os mesmos; talvez isto seja uma vasta organização, uma companhia, um grupo coral que passe, de noite em noite, de bairro em bairro, apresentando o seu repertório, que nós, humanos, por falta de conhecimentos especializados, não conseguimos entender e apreciar.

E, malgrado as passadas insônias, tive saudade desses cantores invisíveis, desses irmãos artistas, e meio sobrenaturais, pouco inteligíveis, como os artistas costumam ser, e, no entanto, cumprindo o seu destino, indiferentes à escuridão das horas, à solidão da terra, à opinião dos homens. Pois devia haver qualquer mensagem nos cães da Aclimação, para que eu, por sua causa, perdesse noites de sono, e agora, com saudade, procure imaginar por que caminhos andarão.

A xícara verde

A criatura, convalescente mas serena, sentiu que não estava dormindo; mas também lhe parecia que não estivesse completamente acordada. Esse estado era mesmo o que com mais fidelidade se pode dizer “de sonho”. De êxtase, talvez. Não é nesse estado que se pode, ainda na terra, avistar um anjo, ver o céu se abrir e oferecer suas claridades sobrenaturais?

A criatura convalescente não percebeu essas gloriosas claridades, e anjo nenhum se aproximou dos seus olhos tranquilos e dispostos a se deixarem maravilhar. O que se apresentou foi uma grande xícara verde, em que na infância lhe serviam chocolate. Mas a infância estava tão longe, tão longe, que ela mesma, desde esse tempo ditoso, nunca mais pensara na sua xícara verde, e absolutamente não sabia que fim teria levado, nem como, nem quando; mas, volvendo a essa lembrança, estava bem certa de que a xícara verde não existia mais.

E por isso, deslumbrada e surpreendida, analisava a xícara que pousava no ar, suspensa como um pássaro que pudesse parar, sem apoio algum; era uma xícara de vidro, de perfil bem arredondado, com o lábio suavemente curvo, e a asa muito bem colocada, com um remate, na parte inferior que, na infância, sempre lhe fizera pensar num lóbulo de orelha. O vidro não era liso, mas todo pontilhado, com o relevo (mas em miniatura) que tem a casca da jaca. Mas um relevo sem aspereza nenhuma. Quantas vezes as mãos infantis tinham analisado aquela qualidade de vidro e os olhos se tinham entretido com aquela cor, aquele verde diferente, que tanto os seduziam, por não ser o verde comum das folhas nem de outros objetos conhecidos, mas apenas vagamente semelhante ao do musgo e ao do azinhavre?

Em redor da xícara passava, como um cinto, um relevo mais alto, como a estilização de uma onda, em grega redonda, ora virada para baixo, ora virada para cima. Essa mesma cercadura sinuosa enfeitava o pires, que, no centro, tinha uma depressão bem acentuada, onde a xícara se encaixava tão exatamente que dava uma impressão de estabilidade e segurança absolutas.

Como foi que a xícara se recompôs no ar, depois de tanto tempo, e sem ter sido jamais lembrada, recordada, deplorada? Ninguém mais da família a conhecera. Os que a tinham conhecido moravam agora no seu mundo

sobrenatural, como a xícara devia também morar no que lhe correspondesse, ao deixar de existir. De onde tinham surgido, então, aqueles elementos que a recompunham no seu desenho, no seu volume, em todas as suas particularidades de substância e cor? Como se tinham mantido inviolados tão longamente todos esses elementos que assim de repente se associavam e tornavam a restituir vida a um antigo objeto extinto?

A convalescente pensou que tudo isso não viria do espaço que a rodeava, nem de nenhum lugar exterior, mas de dentro dela mesma, da sua memória, que repentinamente liberava, íntegra, perfeita, isenta de qualquer desastre ou morte, a xícara verde em que lhe serviam o chocolate na infância. (Porque fora uma criança distraída, sem apetite, que brincava com nuvens, raios de sol, vozes de pássaros, e para a alimentarem era preciso encontrar não tanto alimentos sedutores, mas objetos atraentes, que a encantassem, que a fizessem sonhar, enquanto ia comendo.)

Mas o que deixava a convalescente na verdade surpreendida era a sua ignorância dessa memória estética ou sentimental. Procurou com a minúcia de um investigador severo os indícios dessa xícara verde, por dentro da sua vida; não existiam. Jamais pensara nessa xícara; jamais lhe fizera a menor referencia. Talvez se alguém a tivesse conhecido, e lhe perguntasse por ela, tivesse dificuldade em recordá-la, talvez mesmo negasse a sua existência. E ela perdurava em algum lugar, muito remoto, muito alheia à sua lembrança. Perdurava intacta, brilhante, vazia, como sob uma redoma de cristal.

Aceita a presença da xícara, assim reconstituída, a convalescente passou a perguntar-se por que não lhe teria sido dado avistar outra coisa qualquer. Havia diversas presenças antigas: o relicário de esmalte azul, a caixa de madrepérola, a espátula de marfim com pintura de flores azuis – tudo lindo de ver, tudo muito amado outrora, tudo perene na lembrança, embora sem alusões, sem referências. Adornos de um mundo mágico, ainda vivo e sensível. Mas o que se apresentava era a xícara verde, justamente a que jamais lhe ocorrera, a que terminara, num dia desconhecido, também sem anotação especial.

Podia ser um rosto. Podia ser uma árvore. Quanta coisa amada podia ser! Mas era a misteriosa xícara verde. Formara-se no ar, na penumbra, e ali permanecia. Talvez, se estendesse a mão, pudesse tocá-la. Mas olhava-a, apenas. E, assim, como se formara, a xícara se diluiu e desapareceu.

Festa no hospital

Tudo principiou com o aroma ardente e penetrante do cedrinho recém-cortado. Ele invadiu o corredor e os quartos: foi como se tivéssemos sido transportados para um bosque; e é bom sonhar com brisas matinais descendo por frisadas, sombrias, lentas ramas perfumosas.

Descobriu-se depois que mãos diligentes estavam cortando essas ramas e preparando com elas miniaturas de árvores para a ornamentação do hospital. Pequenos flocos de algodão, caídos como ao acaso, imitaram a neve dos Natais nórdicos; recortes de papel metálico pousaram nessas frondes minúsculas estrelas e flores reluzentes; bolas coloridas e pequenas velas completaram seu adereço festivo. Cada arvorezinha brilhou, mais tarde, à cabeceira de um doente; haviam sido preparadas e acumuladas numa sala de serviço, e os que estavam acamados apenas sentiam o seu aroma, que se expandia por todos os lados, cálido, agudo, revigorante.

Faltavam alguns dias para o Natal, mas aqui a festa se antecipara. As arvorezinhas foram escondidas num quarto vazio, onde permaneceram como um grupo de pequenas bailarinas ricamente vestidas que aguardassem o instante musical da sua entrada em cena. E outros adornos iam sendo preparados: na porta de cada quarto suspendeu-se um pedacinho de rama de cedro, sobre o qual brilhou também uma bonita estrela ou uma flor de papel metálico e uma delgada vela, que se acendeu no instante próprio.

Então, na tarde de domingo, ouviu-se por todo o hospital um som de vozes juvenis entoando cânticos de Natal. Foram de comovedor encanto essas vozes que repetem os singelos hinos tradicionais traduzidos de idioma em idioma e convertidos em patrimônio cristão. Apareceram depois os cantores, mocinhas e rapazes de um grupo coral, que atravessaram os corredores, desceram pelas escadas, pararam pelas portas dos quartos, de modo que os enfermos, dos seus leitos, de suas cadeiras, os puderam ver, alegres e felizes, distribuindo felicidade e alegria aos que, por enquanto, mal dispõem da força de olhar e sorrir. E como as mocinhas tinham vestidos coloridos e corpetes atacados na frente, pareceu que se estava no campo, muito longe, numa festa rural.

No dia seguinte, as arvorezinhas foram distribuídas pelos quartos, acompanhadas de doces, balas, biscoitos, uma maçã servindo de castiçal para uma pequena vela, e um cartãozinho de Boas-Festas com palavras carinhosas para cada doente. Mais tarde, as *Schwestern*, de uniforme preto e avental branco, passaram cantando, também; desfilaram os diferentes funcionários da casa; houve muitas crianças elevando suas vozes infantis nas canções habituais que celebram Jesus, os sinos de Belém, a paz dos homens, a felicidade na terra.

Nas suas enfermarias, os indigentes e as crianças conheceram um pouco da possível felicidade da terra, sob a forma de presentes que decerto em toda a sua vida nunca receberam: alegraram-se com roupas novas, jamais sonhadas, com brinquedos, gulodices, coisas de que algum dia terão ouvido falar como de simples histórias encantadas.

O hospital brilhou, então, completamente ornamentado por mãos solícitas de pessoas devotadas; lustres de papel metálico oscilaram à brisa; cada vidraça converteu-se num vitral, com anjos cantores recortados e aplicados nos vidros. As mais fantasiosas árvores-de-natal reluziam pelos corredores. Em alguns lugares, aconchegado em suas palhas, o Menino Jesus dormia o seu Nascimento, e já os pastores e os Magos se aproximavam do seu sono.

E lá fora, na noite fria de São Paulo, na noite singularmente fria, bimbaharam sinos cristalinos, e as famílias, em suas casas, se animaram em redor das mesas da ceia: porque agora já era mesmo a noite de Natal, e dali a pouco as igrejas se encheriam para a Missa do Galo.

O cavalo Odete

Uma vez, em Ouro Preto, encontrei numa rua, displicente, sonhador, disponível, um grande, belo e possante cavalo branco. Em Ouro Preto, naquele tempo, era muito fácil encontrar pelas ruas algum cavalo a vagar. Isso fazia parte da paisagem; como se pertencessem também ao século XVIII e ali tivessem ficado extraviados, depois do desaparecimento de seus donos. Mas aquele cavalo era o mais belo de quantos já me fora dado ver. Possuía uma longa crina dourada que ondulava suavemente: e foi isso o que me fez pensar numa das minhas amigas, muito alta, muito esbelta, muito clara, que gostava de andar de cabelos soltos, e tinha-os daquela cor, mistura de ouro e luar.

O cavalo, firme na encosta da rua íngreme, contemplava as distâncias nevoentas, com recortes de igrejas antigas, fechava os olhos, recordava, tornava a abri-los, e parecia resignado à sua longa sobrevivência, no calmo heroísmo de enfrentar o indeterminado tempo.

Afaguei-lhe de leve o pescoço, contemplei-lhe os olhos, úmidos e longos, e prossegui, pensando nele e na minha amiga Odete.

Ao anoitecer, estava eu à janela do quarto, a ver as lavadeiras recolherem a roupa dos varais, quando me aparece, descendo majestosamente a encosta verde, o cavalo Odete, branco e dourado, tão desmaiado nas cinzas do crepúsculo que não parecia ele mesmo, e sim, apenas o seu fantasma. (Coisa, aliás, natural em Minas, onde, a bem dizer, cada pessoa dispõe de um ou mais fantasmas às suas ordens, desde os remotos tempos em que o ouro começou a aparecer pelo chão...)

Mas agora não era fantasma, era o próprio cavalo Odete, com o seu soberbo vulto, suas extensas crinas e aquele jeito de levantar a cabeça e contemplar. Estacou em frente à minha janela, fitou-me firmemente, como eu fizera, antes, com ele e, se não me afagou também o pescoço (nem a distância o permitiria), sacudiu as crinas com imenso garbo e soltou um relincho admirável, que talvez quisesse dizer: “Boa noite” ou me trouxesse alguma particular mensagem daquelas montanhas e pontes, daqueles riachos, daquelas solidões.

Assim, ficamos por muito tempo: ele a apagar-se na névoa do barranco, eu a apagar-me na sombra da janela; e talvez o que eu ia pensando dele

fosse o mesmo que ele estava pensando de mim. Mas a noite envolveu com sombras silenciosas nossos comuns pensamentos.

No dia seguinte, ao voltar de um passeio, sinto um ruído de patas na rampa de pedra do jardim. Levanto a cabeça, e que vejo? O cavalo Odete que me contemplava de cima, que estacava, à minha espera, que me acompanhava com dificuldade, derrapando nas pedras, que se esforçava por entrar comigo no hotel.

Afago-lhe as crinas, dou-lhe pancadinhas amáveis no pescoço, digo-lhe palavras ternas, falo-lhe da minha amiga Odete, que anda longe, tão longe e doente que eu talvez nunca mais a torne a ver...

O cavalo aquieta-se, presta atenção, conforma-se com as minhas ponderações sobre as dificuldades de deixá-lo entrar no hotel, e começa a descer, com precaução, pela rampa de pedra, por entre os canteiros de flores. Mais tarde, porém, vem postar-se de novo diante da minha janela, e continuamos a misteriosa, mútua contemplação.

Parti sem tornar a ver o meu cavalo branco. Fiz mesmo o possível para não o encontrar. Como poderia deixá-lo? E como poderia levá-lo comigo?

Mas da minha amiga Odete recebi notícias tristes. Lembrei-me então do cavalo branco, do seu aparecimento, da sua insistência em procurar-me, o cavalo que eu achara parecido com ela, esbelta, clara, com os longos cabelos soltos, de ouro e luar.

Não me atrevo a dizer que fosse um fantasma, aquele cavalo branco, de certo modo irreal, como que descido da Lua. Mas era, decerto, um cavalo fantástico, um portador de notícias, um mensageiro silencioso de assuntos invisíveis, uma presença sobrenatural.

O inventário das malas

De um dia para o outro, apareceram as malas na pequena área cimentada. Como eram peludas, com fechos e pregos dourados sobre tiras de couro, davam a impressão de uns cavalinhos ajazezados que ali descansassem, encostados uns aos outros.

Até a hora de abri-las, as pessoas andavam por perto, com respeito e curiosidade, mirando-as em silêncio, tristemente. Umas eram só de livros, tão bem ajustados na arrumação que não se sabia como poderiam ser deslocados. Mas também não era oportuno começar por aí, pois os livros deviam passar diretamente para as estantes, o que pouparia tempo e trabalho.

Desapertadas as correias das outras malas, levantadas as tampas, começaram a aparecer as mais surpreendentes coisas que, retiradas lá de dentro, iam sendo amontoadas em grupos diversos pelo chão. Havia a capa de viagem, de um tafetá furta-cor, que sussurrava suavemente ao ser desdobrado; trajes de banho que pareciam roupas de marinheiro, de cabeção quadrado, com listras de cadarço branco no pano azul-marinho; fantasias de dominó (oh! como isso nos impressionava!) e camisolões de seda com umas rendas finíssimas que as pessoas entendidas consideravam com atenção. Havia vestidos complicados, com blusas internas, mangas duplas, golas altas... Eram cor de cana, cor de pulga... Assim diziam, em redor.

Mas o que mais entristecia os circunstantes eram os lençóis com lavores de crivo, e as fronhas com monogramas, coisas que jamais tinham sido usadas – e o desperdício de amor dos cetins bordados de flores (tão altas e vividas que pareciam naturais) de um enxoval muito mais longo que o casamento. Viam-se as mãos da jovem morta passar ainda sobre bastidores, com suas finas agulhas e seus longos fios sedosos.

Eram assim as malas. Vinham dentro delas muitos objetos complicados: estojos de madrepérola que serviam para guardar relógios; vidros para perfumes, caixinhas para alfinetes, porta-joias com fundo de cetim *capitoné*, grandes colchas de renda e pequeninos lenços que, amarfanhados, ficavam do tamanho de um amor-perfeito.

A mudança vinha de perto e tinham aproveitado algumas das malas para o transporte de certos objetos delicados. Eles vinham protegidos por uns cortinados intermináveis e a pessoa que os acondicionara estava presente e retirava-os com extrema precaução. Apareciam xícaras de café, de chá e até de chocolate. Umas eram alvas, lisas, transparentes e sua beleza residia nessa pureza impecável; mas em outras estavam pintadas lindas flores e, em algumas, figuras encantadoras conversavam à sombra de árvores, com ar tão feliz que se gostaria de ouvir o que estavam dizendo.

Sobre tantas coisas lindas – e havia bules e castiçais, espátulas de marfim, bandejas de charão... – as pessoas suspiravam enternecidas e magoadas. Para que servem as lindas coisas deste mundo? Para que servem as sombrinhas de cabo de coral e os grandes leques de plumas? Para que servem os relógios de cintura, com suas longas correntes e as pulseiras de fio de ouro trançado?

Estavam esperando por umas barricas onde devia vir a louça, que, segundo comentavam, era muito e muito pesada, com umas travessas imensas para os assados, umas fruteiras de muitos andares, coisas que certamente não viriam a figurar – pelo menos tão cedo – em mesas de festas – pois o tempo das festas parecia, agora, acabado.

Foi quando apareceu por entre as malas uma caixa com muitos frasquinhos intactos, tendo por cima das rolhas como um chapeuzinho de papel plissado. Eram lindos de ver, e tinham nomes que nem todos liam com facilidade. Chamavam-se Ipecacuanha, Briônia, Sanguinária, Acônito... Eram muitos, muito bem fechados, com aqueles chapeuzinhos de cores. E sobre eles, especialmente, as pessoas entristeciam mais: enquanto as malas iam sendo abertas, falavam da brevidade da vida humana, do frágil destino dos homens, dos poderes secretos de Deus. E sacudiam vestidos com peitilhos de renda, pousavam na mesa objetos de cristal, iam e vinham em redor daquele mundo extinto, recordando seus donos invisíveis, e as rápidas alegrias esvaídas no tempo e murmurando palavras que pareciam belas; felicidade, esperança, amor.

O homem e o seu espelho

Vou contar uma história que parece da Carochinha. Era uma vez, por esses Brasis, um pobre homem que vivia numa pobre choupana. No meio de tanta pobreza, o homem possuía um tesouro: possuía um grande espelho, muito claro e luminoso. Como o teria arranjado, não me disseram: pertencera, talvez, a algum antepassado rico, ou resultara de alguma barganha, ou caíra da Lua (tal a sua claridade), embora, na verdade, se tratasse de um espelho de Veneza.

Vivia, pois, o pobre homem com o seu formoso espelho pendente de um prego na parede de barro da habitação, que se enchia de luz com o reflexo dos dias e das noites na sua superfície.

Mas um dia o pobre homem adoeceu gravemente. Como as ervas e benzeduras já não produzissem nenhum efeito, foi preciso (muito a contragosto) chamar um médico. E o médico chamado era um coração de santo, com certeza, mas também uma alma de artista. E, além disso, um colecionador de antiguidades.

Veio, pois, o médico e a primeira coisa que viu – Deus lhe perdoe! – não foi o doente, mas o seu espelho, cintilante e límpido. E começou a tratar do homem. Honra lhe seja feita que o tratava com a maior dedicação. Mas pensava no espelho. Não falava nisso, porém, porque o homem estava muito mal, e o tempo não era para conversa.

O tratamento foi longo e difícil. Mas o médico empenhava-se em salvar o pobre homem, de cuja família ninguém tinha notícias. O homem não tinha mesmo outra família além do seu espelho.

Passam-se os dias, o homem melhora, levanta-se, põe-se a andar e a conversar. Conversa vai, conversa vem, o médico pergunta-lhe se não quer vender aquele espelho. Para que conservá-lo naquele prego, exposto a cair de repente, a transformar-se em pó impalpável? Com o dinheiro daquele espelho poderia viver muito tempo, sem precisar trabalhar, ele, que andava tão fraco...

O homem considerou aquelas palavras do médico, na sua solidão, no fundo desses Brasis, ainda inocentes e meigos, e delicadamente se recusou a fazer qualquer negócio. Os pobres sentimentais são assim: têm vergonha

de falar em dinheiro. O dinheiro assusta-os como uma coisa indigna, imoral.

O médico era uma pessoa direita: oferecia ao seu cliente um preço adequado. (Nem ele imaginaria que o seu espelho valesse tanto!) Procurou convencê-lo da honestidade de seus propósitos: amava aquele espelho desde que o vira pela primeira vez. Na verdade, a conversa parecia um pedido de casamento. O preço era outra história: mas não se discutia o preço...

Então, o homem, já acostumado ao convívio do médico, com uma sinceridade de pessoa honesta (acostumada a viver diante de um espelho) confessou-lhe a causa de tanta relutância: “É que quando eu olho para este espelho, doutor, vejo a minha cara repetida cinquenta vezes!”

Era mesmo assim: entre a larga superfície de cristal e a moldura, o espelho possuía como um cordão de pequenos hemisférios convexos, que multiplicavam a imagem refletida. O homem dera-se ao trabalho de contar: a imagem repetia-se, na verdade, cinquenta vezes.

Como resolveram o assunto, não sei. Por onde anda o homem, esqueci-me de perguntar. Mas há pouco mostraram-me o belíssimo espelho, que resplandece numa sala azul, entre anjos, velas e rosas. Todos que tinham ouvido a história queriam ver seu rosto ali refletido: não no claro campo de cristal, mas nas rodelinhas convexas, onde tudo se repete cinquenta vezes.

Ora, eu também fiz como todo o mundo e fui ver como ficava o meu rosto, nessa multiplicação. E aconteceu-me o imprevisto: quando me fixei naquela sucessão de espelhinhos convexos, que de longe pareciam bolinhas em relevo, encontrei não o meu, mas o rosto do antigo dono (que eu nem sei como era!) com esse ar um pouco de saudade e um pouco de sabedoria e renúncia que antigamente se encontrava na boa gente humilde destes Brasis.

Mas o que não consegui saber é por que o antigo dono do espelho gostava tanto de se ver refletido cinquenta vezes. Pesava-lhe a solidão de tal maneira que se consolasse com o seu próprio reflexo, naquele abandono em que vivia? Conversaria com a sua imagem? Contaria a si mesmo, como a um amigo íntimo, suas melancolias e esperanças? Que dizia aquele homem ao seu retrato multiplicado? O que não ousaria jamais dizer ao melhor amigo? (Os espelhos têm essa propriedade maravilhosa de nada reterem, de nada escravizarem. Refletem todas as confidências, e logo as apagam. Sabem guardar segredos.)

Vestido preto

O vestido preto parecia-me preto demais: por isso, observei à vendedora que me sentia como em traje de luto. Ela deteve-se um pouco, visivelmente admirada, olhou-me diretamente, olhou-me através do espelho e pensei que me ia surgir qualquer coisa para atenuar aquela pretidão. Mas parece-me que procurava, apenas, palavras para abordar o assunto sem grande escândalo. Tirou dos dentes um alfinete, levantou as sobrancelhas e com certa hesitação perguntou: “Luto?” Fez uma pausa, como se não conhecesse a palavra, como se eu lhe estivesse falando numa língua estrangeira. Depois, animando-se, arriscando-se, acrescentou: “Mas... a senhora ainda não reparou? – não há mais luto! Quem põe luto? O luto acabou-se”.

Senti-me vagamente constrangida. Mais do que constrangida: completamente anacrônica, fora de época, inatual. Evidentemente, dessas coisas de roupas, as modistas devem entender melhor do que eu. Não são elas que atendem às exigências do vestir segundo as várias ocasiões? Não são elas que conhecem os vestidos adequados a cada hora do dia, a cada cerimônia, a cada pessoa? Pois se esta me afirmava, tão delicadamente, que não existia mais luto, eu, respeitando-lhe os conhecimentos profissionais, não lhe podia opor mais nenhum argumento. Senti-me mesmo envergonhada. Em que tempo estava eu vivendo? Que relógio parado me estava governando? Afinal, precisamos andar em dia até com os vestidos. Como eu estava atrasada!

E a modista, aproveitando o meu silêncio, valorizava a pretidão do vestido, negro, negro, dizia ela. Pois, às vezes, o preto é um pouco azulado ou acastanhado ou esverdeado... mas aquele, não! Era de um negro absoluto, fosse à luz do sol, fosse à luz artificial. (E eu, mirando-me ao espelho, sentia-me completamente tenebrosa, e assustava-me comigo mesma, como se, assim vestida, me tornasse o próprio Gênio das Trevas, invisível na noite, meu Reino impenetrável.)

Lembrei-me, pouco a pouco, de tempos muito antigos, quando as pessoas carregavam lutos imensos, torres de crepe e escumilha, sedas foscas, brincos de azeviche, grampos negros nos chapéus. Nenhum metal, nenhuma luz de joia: a mais completa escuridão, todos os sinais de uma tristeza inconsolável.

Depois, os grandes véus desapareceram. Agora estou vendo que nem se fabricam mais crepes, fumos e escumilhas: se formos a uma loja pedir essas coisas, ninguém saberá de que estamos falando...

Afinal, pensando bem, a modista tem razão; quem é que anda de luto nas ruas? Talvez nas missas de sétimo dia, discretamente, se veja ainda algum vestido preto. Mas nas missas de mês já terão desaparecido. Os mortos vão-se embora muito depressa... Os mortos estão mortos e os vivos precisam continuar a viver. Quem vai deter a roda da sua vida apenas porque uma pessoa da família morreu? Todos somos mortais: hoje tu, amanhã eu, e a mesma sorte nos aguarda e é como se lê à porta de alguns cemitérios: “Fui como és, serás como sou”.

Ah! mas o amor, a saudade, a dor da ausência, o mistério da morte, a interrupção dos diálogos terrenos, as comunicações deste mundo, de alma a alma...? Não mais queremos bradar aos ventos que estamos tristes, doloridos, que nos sentimos sozinhos, que desejamos desaparecer, encobrir-nos, apagar a nossa figura e por isso nos fechamos em castelos de luto...! Não: isso pertence à história antiga, aos nossos bisavós, esses grandes românticos. Pensamos, agora, de maneira diferente: superamos esses velhos sentimentos, não há ninguém insubstituível, somos pessoas de alma forte, de coração duro, diante de qualquer contratempo. Não pensamos na morte, como, de certo modo, não pensamos na vida. Não acreditamos no sobrenatural, não nos surpreendemos com os acontecimentos, tudo pode suceder: nada nos atinge! Nossos parentes... Ah! mera casualidade. Esses vestidos de luto que cheiravam a mofo... Essas etiquetas: luto pesado, luto aliviado, preto, roxo, cinzento... Coisas da monarquia. Até os súditos punham luto pelos reis!...

A modista, muito versada na sua profissão, disse ainda, recolhendo os seus alfinetes e esperando que se diluíssem minhas imaginações funéreas: “Aliás, a senhora sabe que, em certos países, o luto é branco...” (Muito lida, a modista, muito erudita, e sobretudo muito boa vendedora...) Saí daqueles tempos passados aonde fora levada. Deixei aqueles ambientes lacrimosos de indizível sofrimento. Tudo aquilo, pois, fora perdido, tudo estava desprestigiado, inutilizado... “Oh! sei, sei...” respondi maquinalmente. E a modista continuou a conversar sobre vestidos.

Ares de Lindoia

Na verdade, eu devia falar de “Águas de Lindoia”, já que são elas que atraem toda esta gente. A palavra, que pareceria uma dessas invenções modernas para se dizer “lindeza” de outro jeito, significa apenas, segundo os entendidos, “água insípida, quente ao paladar”. Os que a procuram são inúmeros, pois todos sofremos de alguma coisa, e esta “água insípida” tem uma vastíssima órbita de ação. Assim, os nervosos vêm procurar calma; os gordos esperam emagrecer e os magros engordar; os diabéticos, reumáticos, alérgicos e anêmicos deixarão aqui mergulhadas para sempre as suas mazelas, sem falar em tantas outras doenças de quantas o corpo humano pode abrigar em seus diversos compartimentos. Estamos, pois, cercados de gente esperançosa e otimista, que todos os dias desprende de si uma grande quantidade de impurezas e males, purificando-se pouco a pouco, até chegar a uma condição angélica ou pré-angélica. A minha pena é que nesse dia se vão embora, e chegam outros, carregados de impurezas, de modo que não se consegue formar um grêmio celestial.

Mas, como eu dizia, não é das águas que pretendo falar. Passei apenas pelo balneário, lancei um olhar à piscina azul, onde se agitavam braços femininos e masculinos, crianças metidas em boias coloridas, crianças sem boias, tudo cercado por espectadores benevolentes e contemplativos, com seus copinhos de água na mão. Ví as cabinas de tratamento, observei, lá de cima, o jardim com seus canteiros ainda em formação, parece que conversamos da importância das termas na Antiguidade, e recordamos a hidroterapia na Renascença, e até citamos Montaigne. Tudo isso vagamente, pois em Lindoia o forasteiro é acometido de um torpor – dizem que é só nos primeiros dias – de um torpor inefável que, quando não o prostra adormecido, mantém-no de pé mas completamente sonolento.

Os ares de Lindoia são verdes e azuis e cor de barro. Ocasionalmente aparece alguma nuvem branca, e às vezes todo um castelo de nuvens se forma, com aquela arquitetura barroca própria das nuvens. Ainda há pouco andei namorando um castelo desses; dentro em pouco troou daquelas ameias uma vigorosa artilharia e caíram dois ou três pingos de chuva, o suficiente para as mães lançarem aos filhos, que andavam lá fora, seus gritos de recolher. Nada mais. Evidentemente, os ares de Lindoia não

prometem águas. Aqueles altos castelos dirigiram-se para o norte, com a mesma calma dignidade com que os patos e gansos, neste lago defronte à minha janela, rumam, ao anoitecer, para os seus abrigos.

Lindoia, certamente, é um lugar muito agradável. Aqui, as crianças – numerosíssimas – vivem debruçadas para o lago ou passeiam a cavalo ou em pequenas charretes coloridas. As que não alcançam estas últimas bem-aventuranças, miram, cheias de inveja, as felizardas, e imploram aos pais: “Aquele que vai ali montado é muito menor do que eu!” (E esperam que os pais se comovam.) Mas os pais continuam a olhar para além do horizonte, com olhos de pedra, como se estivessem também acompanhando os castelos de nuvens que acima descrevi, e que já se tornaram invisíveis, porque a tendência dos ares, em Lindoia, é para a limpidez.

Malgrado essa limpidez, os ares de Lindoia são levemente perturbados pelo fenómeno da inflação, que, segundo dizem, é um fenómeno nacional. Assim, de um dia para o outro sobe o preço dos cartões-postais, mercadorias nitidamente turísticas tanto quanto quase todo o comércio da pequena rua central: malas, malas, bolsas, sacos e sacolas e lembranças que, conquanto sejam de Lindoia, conforme se vê escrito com letra caprichada, se dizem “do Oriente”, em virtude da sua manufatura.

Estar em Lindoia é um modo fácil de esquecer a confusão das grandes cidades: regressa-se a uma espécie de infância da terra, diante destes barrancos, deste riozinho que a cantar se dirige para o lago; destes cavalos que com diferentes compassos sobem e descem as ladeiras; desta gente simples que fala com um acento que já não sei se é paulista ou mineiro, e se alegra a comer um bonito cacho de uvas.

É bom ficar-se algum tempo em Lindoia, mesmo sem a purificação das águas; apenas por esta tranquilidade que vem dos ares, hipnótica e benéfica. Mas é muito melhor (para o meu gosto) vir-se para Lindoia. O caminho lembra os mais belos campos da Europa, cuidadosamente cultivados, com pequenas barracas pela margem da estrada, onde as uvas se aglomeram em caixas, e melões e outras frutas nos falam da bondade do solo e do trabalho dos cultivadores. Esta paisagem honesta me reconcilia com o Brasil, fazendo-me esquecer mil coisas odiosas e abomináveis suspensas sobre o nosso povo. Depois de Jundiaí, aparecem mangueiras carregadas de frutos e uns cafezais tão bem plantados, tão bem nascidos, tão bem crescidos que me voltam as esperanças de ainda poder saborear,

antes de deixar São Paulo, uma xícara de bom café. (Ai de mim e dos meus sonhos!)

Os ares de Lindoia são naturalmente pacíficos; mas há noites de muita dança e muita música e a moça do bazar me disse que o carnaval aqui é muito bom e que no ano passado ela se fantasiou de odalisca!

Mundo das rosas

Perdi-me no mundo das rosas; uma abelha não estaria mais prisioneira, entre tantas pétalas, mais perplexa entre tantos perfumes e cores. Antigamente eu conhecia algumas rosas pelos nomes que lhes foram dados (pois quem sabe os nomes que terão no seu próprio mundo?). Mas agora não sei mais nada. Como se chamará esta pródiga flor amarela que ontem era ainda um tímido botão, fechado sobre si mesmo como um búzio? Bastou-lhe a escuridão da noite para desatar-se violentamente, e mostrar seu coração exótico, de pétalas irregulares, que exala uma fragrância de mel acidulado. Como se chamarão estas suntuosas flores solenes, com sua coroa de ouro sobre vestidos de púrpura, de cujo centro irradia um misterioso sol branco? E as escarlates, de pétalas quase planas que se abrem, com a simplicidade das eglantinas, como apenas para mostrar a riqueza do seu pistilo, como um cofre que se abrisse para mostrar uma prodigiosa coleção de alfinetes de ouro? E estas, cor de coral, e que têm do coral a própria consistência e a opacidade, com uma vaga sugestão de nervuras aquosas? E as de duas cores, cujas pétalas são, de um lado, de um róseo esbranquiçado e, do outro, entre carmim e lilás? E aquelas que um sangue esquivo apenas colore em seu recesso profundo – e que empalidecem no abrir, e são como de cera, e tão frágeis que o ar, mesmo sem movimento, as deixa logo magoadas?

Perdi-me neste mundo das rosas. Detenho-me a contemplar as pétalas que apenas se curvam, como lábios; as que se dobram para trás e ficam triangulares; as que são levemente fendidas; as que parecem caprichosamente recortadas em todo o contorno... Ah! quem pudesse aprender bem estas coisas! Não apenas saber os nomes destas flores, mas a sua genealogia, e, mais além da genealogia, seu destino profundo, e assistir à maravilha destas combinações, à distribuição destes matizes, à elaboração destas suaves, ardentes, veladas, agudas, penetrantes, doces, acerbos fragrâncias!

Mário de Andrade quis, um dia, persuadir-me de que a rosa que tem o meu nome era uma homenagem à minha pessoa. Procurei desfazer-lhe o engano, se é que não fora simples cortesia de amigo. A rosa era anterior à minha existência, e sua verdadeira dona vive no Rio, e, como a rosa a que

deu o nome, é também uma flor. Mas, pela graça da coincidência, uma prestimosa amiga enviou-me várias mudas da planta. Não vingaram: o mar e o sol agressivos não se compadeceram das plantas. Pode ser que eu tenha, alguma vez, encontrado essas rosas. Mas sem as reconhecer. Dizem-me que são rajadas, que logo se distinguem das outras. Enfim, algum dia as verei, e lhes pedirei desculpas, pois não são elas que têm o meu nome, sou eu, a intrusa, que tenho o nome delas.

Por ora, estou perdida neste mundo das rosas. O mundo é vasto, mas dentro dele é breve a existência das flores. Um dia é para o botão desenrolar-se cautelosamente; o outro, para a rosa expandir-se em toda a plenitude; o terceiro, para as pétalas começarem a desprender-se – e com que exemplar e admirável renúncia se desfolham numa chuva de veludo e seda ainda intactos, sem mancha de velhice nem ruga de murchidão! Os orientais, que tanto nos ensinam, cortam, cada dia, um pedacinho da haste das rosas, debaixo da água ao transferi-las para a água limpa, pois o ar, em contato com o corte, formaria uma camada impermeável que prejudicaria a nutrição da flor.

Ah! todos os dias, certamente, brilham novas rosas... Elas se sucedem, cada vez mais belas, mais perfeitas, mais estranhas, conforme a imaginação do floricultor. Mas, ainda assim, procuremos salvar, cada dia, a rosa que desfalece; virão outras mais belas, sim, mas a beleza de cada uma é sem repetição; cada rosa é única – e nisto se parecem com a criatura humana – e o seu tempo de vida é um tempo exclusivo, e o seu segredo, se não for entendido, perde-se na morte súbita, e foi inútil ter vindo de tão longe, até tão perto dos nossos olhos, tão ao alcance de nossas mãos...

Sereiazinha

Em Copenhague, no lugar preferido pelo povo para os seus passeios, existia uma figura de bronze, obra do escultor Eriksen, representando uma pequena sereia pousada num rochedo. Com uma das mãos apoiada na pedra e a outra abandonada no regaço, ela contemplava, na sua casta nudez, este mundo incrível dos homens. Por trás dela perfilavam-se belos navios brancos e armações de altos guindastes. Ela estava ali, entre o céu, a terra e o mar e era uma das mais delicadas expressões de amor que se podia ter oferecido àquele gênio da bondade que se chamou Hans Christian Andersen, cujas histórias causaram a felicidade de milhões de crianças que as ouviram, no mundo inteiro, e certamente a dos adultos que as contaram.

A Sereiazinha vivia no fundo do mar, no palácio do rei seu pai, em companhia de suas irmãs e de sua avó. Quando as pequenas sereias chegavam aos quinze anos, tinham permissão para subir à tona da água e contemplar o mundo dos homens. As irmãs não se encontraram muito com esse mundo; mas a Sereiazinha caçula aprendeu com a sua avó que as sereias duram apenas três séculos e, ao morrer, tornam-se em espuma, enquanto que os seres humanos possuem uma alma imortal. A Sereiazinha desejou possuir também uma alma assim. Mas era difícil; segundo o que lhe contara a avó, para possuir uma alma imortal, que um homem a amasse mais que aos seus próprios pais e, naturalmente, a desposasse. (Eu estou contando isto pelo prazer que me dá relembrar a linda história, mas na certeza de que todos os leitores a conhecem.)

Então a Sereiazinha salva um príncipe de um naufrágio, e, para vir a encontrá-lo, mais tarde, no seu palácio, pede à feiticeira do mar que lhe transforme a cauda em pés humanos, pagando pelo serviço com a sua voz, e resignando-se à mudez.

No palácio, todos a acham linda. Mas que pode ela fazer, se não fala? O príncipe trata-a com uma delicada ternura de amigo; mas está noivo e em breve se casará... Oh! a Sereiazinha não conseguirá possuir uma alma imortal! E também já não poderá voltar ao palácio submarino, não tornará à sua vida antiga: morrerá de um raio de sol e se transformará em simples espuma. A não ser que, segundo lhe vêm explicar as irmãs, que circundam o navio do príncipe, tenha a coragem de matá-lo, antes do amanhecer. Com

o seu sangue tornará a adquirir sua cauda de sereia, não morrerá com o primeiro raio de sol, voltará para a sua família. (Sem a alma imortal, é certo, mas com cerca de trezentos anos de vida...)

Como todos sabem, a Sereiazinha não foi capaz de matar o seu belo príncipe: aproximou-se do leito onde ele dormia, murmurando em sonho o nome da noiva, deu-lhe um beijo na testa, atirou a faca ao mar, lançou-se também às ondas e notou como a sua forma se dissolvia em espuma. Não sentiu, porém, que morria. Percebeu uma infinidade de formas aéreas, esvoaçantes e essas formas falaram com ela, disseram-lhe que se as sereias, para possuírem uma alma imortal, precisavam de um amor humano, elas, filhas do ar, conquistavam uma alma imortal com seu próprio esforço, praticando o bem, protegendo a terra e os homens, sem dependerem desse amor que a Sereiazinha em vão tentara merecer. E a Sereiazinha pela primeira vez sentiu lágrimas nos olhos, e partiu pelo céu, com as filhas do ar, procurando alcançar a imortalidade pelas boas obras, talvez em menos de trezentos anos.

Sensíveis à maravilhosa invenção de Andersen, os dinamarqueses levantaram numa pedra esse monumento à Sereiazinha: a menina vinda dos profundos abismos do mar desejosa de deixar a sua condição de sereia para possuir a alma eterna, e conseguindo, pela sua perfeita bondade, elevar-se a espírito dos ares, conquistando essa alma pelas boas ações.

Pois neste triste mundo dos homens, onde sofre a alma imortal, veio alguém e degolou agora a Sereiazinha de bronze! Por quê? Por amor? Para ter em sua casa o suave rosto, de sereno perfil, de delicadas madeixas? Por ódio àquela que sofreu tanto para possuir a alma imortal? Ou por simples vadiação, pelo gosto de destruir, pelo mórbido prazer de desfazer o que os outros fizeram com ternura? Hans Christian Andersen, o gênio da bondade, teria enxugado uma lágrima nos seus olhos repletos de carinho mesmo pelos que outrora não o entendiam. Mas, não, embora degolada, a Sereiazinha não morreu; há um século que sua figura invisível paira pelo céu, distribuindo benefícios pela humanidade. Tanta alegria tem dado a tanta gente que já conseguiu alcançar aquela alma imortal que pretendia.

O cachorrinho engraçadinho

Há coisa mais triste que um menino sem irmãos nem companheiros, fechado num apartamento? Foi por isso que a família resolveu arranjar um cachorrinho para brincar com o filho único. Os brinquedos, afinal, são máquinas e acabam por enfastiar; o cachorrinho é um brinquedo vivo, quase humano, o melhor amigo do homem etc. E veio o cachorrinho, muito engraçadinho. Todos o cercaram, encantadíssimos. Dizem que os cães sempre se parecem com os seus donos; este parecia-se com os donos, com os amigos dos donos e até com os empregados da casa. Não se pode ser mais amável. Era pretinho, lustroso, com umas malhas cor de mel em certos lugares do focinho e do corpo. Orelhas sedosas e moles, e um rabinho que o menino logo descobriu poder funcionar como manivela. E assim o utilizou.

O cachorrinho também parecia contentíssimo, e pulava para cá e para lá, e às vezes parecia um cavalinho em miniatura. Mas era uma miniatura Pinscher.

Não era só engraçadíssimo; era inteligentíssimo. Se lhe ensinassem, creio que chegaria a atender o telefone. Instalou-se no apartamento como se fosse o seu principal habitante. A vida passou a girar em torno dele. Deram-lhe coleira, casaquinho, osso artificial para brincar, puseram-lhe nome, compraram-lhe biscoitos. Pensando bem, era muito mais feliz que o menino de cuja felicidade se cogitava. Talvez ele até entendesse o que diziam a seu respeito, pois a cozinheira reparou que sua inteligência excedia a das criaturas humanas. Via-o fitar um ponto no vazio, acompanhar uma presença invisível, para a qual latia, demonstrando ser um animal dotado de poderes sobrenaturais: um cãozinho vidente. Nessas condições, nem precisava entender a nossa linguagem: podia captar diretamente os pensamentos...

O cachorrinho engraçadinho recebia as visitas com grande efusão. Mordia-as de brincadeira nas pernas e nos braços, às vezes puxava um fio de meia – mas era muito engraçadinho – dava saltos verticais que nem um bailarino, e, como estava na muda dos dentes, babava as pessoas com muito entusiasmo e de vez em quando deixava cair por cima delas um de seus dentinhos, tão brancos e primorosos que pareciam de matéria plástica.

Além de receber as visitas, o cachorrinho engraçadinho sentava-se ao lado delas, acompanhava com os olhos as suas expressões, despedia-se delas com muita gentileza.

Acostumou-se de tal modo à família que não quis mais dormir sozinho, passou a ocupar o melhor lugar das camas, como ocupava o das poltronas. E quis também comer à mesa, escolhendo uma cadeira e colocando as patinhas no lugar que a etiqueta recomenda, e que já bem poucas pessoas conhecem – como se pode observar em qualquer restaurante.

Até certo ponto o cachorrinho engraçadinho foi um divertimento, salvo quando molhava os tapetes ou as almofadas. Mas o que era isso, comparado à sua brilhante inteligência, à graça dos seus pulos, à amabilidade das suas comunicações, à malícia com que acompanhava os programas de televisão, às ideias que evidentemente possuía, deixando de manifestá-las apenas por não se expressar ainda em idioma dos homens?

Mas errar não é só humano, é também canino. E o cachorrinho engraçadinho começou a abusar. E atreveu-se, num jantarzinho íntimo, a pular para cima da mesa, a meter o focinho nos pratos, a derrubar os copos com os seus movimentos na verdade muito graciosos, mas inadequados. Diante do que, a família, pesarosa e perplexa, vê-se na contingência de passar adiante a quem disponha de jardim ou quintal, o cachorrinho engraçadinho, com “pedigree”, nome, coleira, vacinado com soros legítimos, de casaquinho de lã e rabinho de manivela, porque, para os homens como para os cães, a liberdade de uns termina onde a dos seus vizinhos começa.

Meu bairro

Na verdade, eu nunca teria desejado morar neste bairro. Para a minha alma, lugares de viver são as montanhas ou as praias: distâncias, espaços vazios, como o papel em branco onde se pode desenhar ou escrever. Mas andei por aqui muitas vezes, com amigos que queriam subir ao Corcovado, excursionistas que me incluíam nos seus programas de turismo.

Um dia, passando por aqui no carnaval, encontrei muitos grupos folclóricos em atividade: danças, cantigas, um ar antigo de folguedo ainda autêntico. Lembrei-me de que por estas brenhas e matas havia outrora muitos quilombos; imaginei que se poderia coligir muita coisa das velhas tradições.

A paisagem era favorável a essas fantasias: a vegetação apresentava grupos nas estampas de Rugendas e Debret; viam-se ainda casarões antigos, com suas varandas e sacadas, embora muitos já transformados em habitações coletivas. A casa de Machado de Assis ainda não fora modificada. Sob a rua principal ouvia-se o rumor surdo do rio canalizado. Rio que consta ter sido navegável, o famoso rio Carioca de que diziam os primeiros cronistas que com suas águas afinava as vozes dos músicos e tornava mimosos os carões das damas...

A certa altura via-se a Bica da Rainha, frequentada pela pobre dona Maria I e suas aias, quando, já extraviada a razão, se julgava toda oca por dentro e procurava fugir ao demônio escondendo-se por detrás de um leque.

As ruas iam subindo sempre, e no fim levantava-se o Corcovado, seguro informante da chuva e do bom tempo, segundo se apresentasse com ou sem capuz de nuvens. E por essas imediações do Corcovado avistava-se a figura do conde de Hogendorp, aquele general de Napoleão que Maria Graham visitou em 1822, homem que ali possuía a sua fazenda, fabricava manteiga e vinho de laranja, dormia numa cama em forma de ataúde, num quarto de paredes pretas, com esqueletos brancos, pintados, representando provavelmente as várias cenas da dança macabra. Esse general morrera de uma queda e, quando o despiram, encontraram-lhe o corpo completamente tatuado.

Afinal, vim morar neste bairro. A casa de Machado de Assis já estava alterada; nunca cheguei a saber onde ficava a de Hogendorp; os grupos

carnavalescos tinham desaparecido; no lugar dos casarões, e até de modestas casas, levantavam-se, e continuam a levantar-se, arranha-céus de arquitetura medíocre; dos quilombos parece que restam apenas alguns macumbeiros; grande parte da mata foi e vai sendo destruída por incêndios clandestinos; sobram alguns quintais e jardins de pessoas que ainda amam a cidade, e este bairro, que era tão característico. Cantam sabiás, bem-te-vis e outros pássaros, pelas altas árvores, mas há meninos que correm atrás deles, não para ouvi-los, mas para caçá-los. Por aqui ainda se sabe o que é fruta-pão, jaca, sapoti, cambucá – mas receio que não seja por muito tempo.

Este bairro, que hoje também é meu, causa-me grande tristeza. É o último reduto de uma cidade amável, simples e bela: bem se vê que estas são as últimas cercas de brincos-de-princesa, de madressilva, de bela-emília... Que estes são os últimos manacás, os derradeiros hibiscos. Tudo se vai tornando árido, meramente utilitário. E Deus sabe se é só do imediato e do indispensável que vive o homem!

Enfim, constrói-se a basílica de São Judas Tadeu, grande senhor de milagres, cujas romarias e procissões são um contraste com os tempos, e o velho trenzinho que sobe para as Paineiras foi recentemente pintado de vermelho, e lá vai como um brinquedinho por cima dos arranha-céus, já não pelo meio da mata, que essa é quase extinta.

Em meio a tal destruição, resta um vasto silêncio: esta última riqueza que cada visitante percebe logo em seus ouvidos, e que decerto o arrebatava por um momento às inquietações atuais, e lhe devolve uma serenidade de que todos andamos saudosos.

Professores de inglês

Hoje qualquer pessoa pode aprender inglês com a maior facilidade: há institutos e cursos especializados, livros que dispensam professor, aulas pelo rádio e pela televisão, métodos tão modernos que nem me atrevo a descrever, com medo de me sentir inatual. Mas houve um tempo em que não era assim: os professores de inglês eram difíceis de encontrar, os alunos também não pareciam muito numerosos, a literatura francesa dominava com uma encantadora prepotência, e parece que todo brasileiro educado devia saber, em matéria de idiomas, apenas português e francês.

Mas, por ter descoberto Keats e Shelley, nem sei bem como eu andava à procura de quem me ensinasse inglês, fosse por que método fosse, contanto que eu pudesse chegar à poesia inglesa com a maior rapidez possível.

Comecei a frequentar um instituto onde havia muitos cursos de arte e literatura. Parecia-me que aquele era o caminho. E dispunha-me a uma dedicação total aos meus exercícios. Mas a boa professora, embora sem ser inglesa, mas com cursos no estrangeiro, grande prática em aulas particulares e outras especificações, iniciou suas aulas com um pequeno discurso sobre a absoluta necessidade de se conjugar perfeitamente os verbos “to be” e “to have”, antes de se conhecer sequer uma palavra do vocabulário.

Ora, nem todos os estudantes haviam descoberto Keats ou Shelley, e frequentavam as aulas por simples obrigação. Ninguém estava pensando em versos ingleses: nem mesmo a professora. E foi um tal de recitar indicativos, condicionais e subjuntivos, presentes, futuros e passados, ora perfeitos, ora imperfeitos, ora mais que perfeitos, afirmativa, negativa e interrogativamente, que aqueles solos e coros me conduziam a uma irresistível sonolência.

Mas havia salas próximas em que se estudavam piano e violino. De modo que eu podia descansar na música, sempre que os verbos chegavam àquele ponto de monotonia em que só me restava ou enlouquecer ou dormir.

A minha segunda professora de inglês era inglesa mesmo. Também acreditava na eficácia dos verbos “to be” e “to have”. Acrescentava-lhes ainda o “to get”, ao qual se referia com um sorriso tão carinhoso que até

dava vontade de se começar por aí. Mas essa professora tinha um método encantador: oferecia-me uma xícara de chá, para acompanhar as aulas. Sua sala era absolutamente igual às que se veem nos livros ilustrados para o ensino do inglês. Exceto a lareira, tudo estava lá. E como eu já sabia um pouco de verbos, passamos àquelas frases em que o chapéu ora é nosso, ora é da nossa prima e o gato ora está embaixo da mesa, ora em cima da cadeira. Mas era tão difícil chegar a Keats e a Shelley!

A terceira professora gostava de histórias de fantasmas, de sinos que batem à meia-noite, e em cima da sua mesa havia uma bola de cristal, por onde ela adivinhava o futuro. Mas no meio das suas histórias levantavam-se às vezes o “to be” e o “to have” e ela me pedia para recitar todos os seus modos e tempos acompanhando os meus esforços com um sorriso que talvez não fosse completamente macabro, mas era bastante assustador.

Feitas essas primeiras experiências, pareceu-me melhor ir diretamente aos autores, e, de vez em quando, aperfeiçoar-me por meio de quantos livros de “inglês sem mestre” fossem aparecendo.

Encerrado o ciclo das professoras, começou o dos professores. Um era persa, e dava-me a traduzir sentenças filosóficas, sem se ocupar dos modos e tempos do “to be” nem do “to have”. O outro vinha da Austrália: contava histórias da feitiçaria (esse era para o inglês falado), mas no meio das histórias ficava com tanto medo do que estava contando que era preciso tranquilizá-lo e mudar de assunto.

Por isso, no dia em que visitei a casa de Keats, em Roma, não pude deixar de pensar com ironia e tristeza: como são longos, às vezes, os caminhos da vida! E quanto tempo se pode levar para se chegar a um Poeta!

O caçador Aniceto

Sua desgrça começou pelo nome: pois as crianças (embora pouco alfabetizadas) decidiram que ninguém podia ter um nome assim. Elas eram apenas umas cinco ou seis, porém muito ativas: reunidas na soleira do portão, discutiram com alta sapiência sobre os nomes possíveis e os impossíveis. Os possíveis eram principalmente os da lista de chamada da escola: Álvaro, Antônio, Bernardino, Carlos, Francisco... Esses nomes existiam. Mas Aniceto? Não: Aniceto era impossível. Um menino logo se aproximou da discussão, com ares de bacharel; quis fazer sua gracinha e sugeriu que o homem se chamaria “inseto”. Com a inocente crueldade da infância, todos desejaram chamá-lo assim quando, à noite, o caçador subisse a rua. Mas havia sempre, nesses momentos perigosos, a autoridade ingênua, bondosa e eficaz da jovem babá. Ninguém ousou ir além dos seus desejos.

Depois de lhe saberem o nome, que acharam tão estranho, as crianças começaram a prestar grande atenção à sua pessoa, pois ele, embora não fosse vizinho novo, só recentemente aparecera com aquela sacola ao ombro e de boné e espingarda, caracterizando-se como caçador – ofício que as crianças também só admitiam em histórias imaginárias.

Ora, o caçador Aniceto apresentava várias peculiaridades: era um velhote meio tristonho, de barbicha pontuda; usava quase sempre uma roupa cinzenta quadriculada; subia a rua em zigue-zague, ora na ponta de um pé, ora na do outro; olhava sempre para o chão, como quem procura qualquer coisa; mas, assim mesmo, cumprimentava as pessoas que ia encontrando, mas levantava o chapéu ou o boné pela nuca, e não pela frente, como fazia todo o mundo.

Depois dessas observações, as crianças ficaram muito intrigadas. Alguém, para as acalmar, explicou que quando se sobe uma ladeira em zigue-zague fica-se menos cansado. Começaram, então, a experimentar, em fila indiana, para cá e para lá, ora na ponta de um pé, ora na do outro. Mas essas crianças tinham tal fôlego que poderiam subir montes e montanhas de qualquer maneira: de frente, de lado, de costas, num pé só, de cócoras, sem cansaço nenhum. E depois de experimentarem o sistema do caçador Aniceto não chegaram a nenhuma conclusão.

Bem que elas queriam saber o que ele trazia na sacola. Mas circulou a notícia de que ele caçava coisas invisíveis.

Quanto à maneira de cumprimentar, o menino que parecia bacharel sugeriu que ele devia ser maçom, como seu avô; mas não soube explicar o que isso era, dizendo que se tratava de um segredo, e de um lugar onde se andava de olhos fechados e só se falava por meio de sinais.

Para acabar com tanto mistério, a babá opinou que o caçador Aniceto devia ser lobisomem. Com isso conseguiu impor às crianças um respeitoso temor pelo vizinho; e, quando ele aparecia na esquina, fosse de boné ou de chapéu, vestido de caçador ou de gente, elas passavam para o lado de dentro do portão, e contemplavam-no cautelosas, por entre as grades.

Assim se formam as lendas: e nós todos somos lendários. Assim se formou a do caçador Aniceto, só porque era um velhote de barbicha pontuda, que poupava o coração ao subir a ladeira, que às vezes se distraía a caçar algum coelho com os amigos, e adquirira o hábito original de cumprimentar descobrindo a cabeça pelo lado de trás. E que além disso se chamava Aniceto, nome que as crianças desconheciam e, por desconhecerem, condenavam como nome de gente. Mas, uma vez que se tratava de lobisomem, todos os nomes eram aceitáveis, – isto é, todos os nomes que lhes pareciam impossíveis. E, assim, ficaram tranquilas.

Reabilitação do cachorrinho engraçadinho

Aquele cachorrinho engraçadinho, cuja história tive ocasião de contar outro dia, com suas travessuras e audácias levou a dona da casa a um estado de quase desespero. Disse-me a pobre moça que o bichinho se tornara extravagante: comia botões, bolas de gude, esponjas de banho, rolha de garrafa, carretéis de linha e aparecia-lhe muito faceiro lambendo-se com delícia, com um ar que lhe parecia de provocação. De modo que ela resolvera botar as cartas na mesa, manifestar o seu descontentamento, e, se fosse preciso, lançar um ultimato. Era preciso optar: ou ela, ou o cachorrinho engraçadinho.

Ora, essa decisão solene foi precedida de uma longa exposição acerca do comportamento do gracioso animalzinho, que a todos seduzia com seus encantos, mas já causava tais prejuízos que, tudo bem considerado, sua presença representava uma soma de fatores negativos muito superior à dos positivos.

O cachorrinho engraçadinho estava ao seu lado e ouvia. Foram exibidas provas esmagadoras, almofadas rotas, tapetes manchados, objetos quebrados, o que justificava a atitude da dona da casa, na decisão que pretendia tomar. O cachorrinho engraçadinho levantava os olhos, de vez em quando, para cada peça do corpo de delito, e logo os baixava, com uma preocupação de consciência que os próprios homens já vão perdendo. E todas as vezes que seu nome era citado, ao longo da acusação, suas orelhas sedosas estremeciam e o cachorrinho engraçadinho suspirava – ai de nós! – como se quisesse dar uma demonstração de arrependimento.

Terminada a discussão, cada qual foi tratar dos seus assuntos, e o bichinho retirou-se para um canto, humildemente, como um réu cheio de remorso que reconsidera os seus crimes. Passou o resto do dia muito triste, sem nenhum entusiasmo, cabisbaixo e deprimido. À noite, recolheu-se à sua caminha, solitário e pensativo, sem molestar ninguém.

Tal foi a sua atitude que ninguém pôde deixar de reparar. Se o chamavam, aproximava-se, porém, sem alegria. Levantava os olhos a custo e o menino também entristecido, que já não ousava fazer manivela com o seu rabinho, descobriu que o cachorrinho engraçadinho parecia capaz de chorar.

No dia seguinte, quando todos se dispunham a mandar para longe o cachorrinho engraçadinho, a dona da casa mudou de ideia. Enquanto lhe vestia o casaquinho de lã, raciocinava: eu tenho aturado neste mundo tanta gente detestável! Ingratos, maldizentes, hipócritas! Gente que tem estragado a minha vida de propósito, enquanto este bichinho estraga a minha casa só por inocência! O mundo está cheio de pretensiosos, de incompetentes, de arrogantes: e eu os suporto – nas ruas, nos ônibus, nas repartições...

Tanta gente emboscada, preparando-se para assaltar os desprevenidos! Tanta falta de amor! Tanta competição, tanto ódio. E este pobre cachorrinho, cordial e afetuoso, a transbordar de alegria, a brincar com todos, a distribuir carinho de maneira tão efusiva! Um bichinho analfabeto, sem escola nenhuma, sem nenhuma disciplina! É isso: falta-lhe apenas a necessária educação!

A moça fez um afago na cabeça do cachorrinho engraçadinho, já tão desiludido que até ficou sem saber se era um afago de verdade, ou uma distração da moça que o vestia. Ela, porém, tornou a afagá-lo nas orelhas sedosas, levantou-lhe o focinho triste, para ver-lhe os olhos. E então ele percebeu que não estava desprezado, que não o odiavam, que o compreendiam e perdoavam, e ficou a princípio estarelecido. Depois achegou-se a ela, refugiou-se na sua bondade, tão claramente comovido e agradecido, que a família se deteve em lágrimas, diante daquele quadro singular.

Por isso, o cachorrinho engraçadinho, que tem nome, coleira, casaquinho, e está vacinado com soros legítimos, o cachorrinho de orelhas sedosas e rabinho de manivela, continuará naquela casa, onde vai ser educado segundo os melhores manuais para vir a ser, na sua condição canina, o que desejaríamos que os homens fossem na sua condição humana.

Imagens de pássaros

Atenas é, sem dúvida, uma das maiores e mais opulentas cidades do mundo – dizia um dos personagens de Aristófanes. (Mas havia lá tantos processos e pendências que ele e seu amigo tinham resolvido procurar vida melhor no país dos pássaros.)

Se aos antigos romanos os pássaros diziam o que estava para acontecer com seus voos e suas vozes, é que pairar acima do mundo, viajar pelas nuvens, naqueles tempos, devia parecer privilégio divino.

No fundo da paisagem religiosa dos velhos egípcios, os perfis de íbis e falcões ainda nos impõem – como as máscaras ornitológicas de certas danças dos nossos índios – um sentimento misterioso de paragens de outros mundos, animado por esse sonho de ascensão, de libertação, de viagem espacial que passa dos mitos pagãos aos anjos do cristianismo e das brandas asas de Ícaro aos engenhos modernos, tão velozes e já não alados!

Eu tinha ouvido falar de certo sultão Muahmud que entendia a linguagem dos pássaros; e conhecia o poeta Azz-Eddin que aí pelo século XIII imaginava (se não ouvia diretamente) o que cantavam os rouxinóis. E se não tive a sorte de conhecer aquela ilha satírica de que fala Rabelais, com tantas pessoas transformadas em aves, e se ainda não encontrei a Ilha dos Papagaios, de Tagore, – caminhei entre ovos guardados na areia, e pude ver milhares de asas obscurecerem o sol naquela outra Ilha dos Pássaros, que só para os pássaros existia, na Holanda, e que agora me dizem ser um aeroporto – enfim ninho de aves metálicas, com outros destinos e aventuras.

Mas o que estou aprendendo neste momento é que houve um tempo, na França, de cargos verdadeiramente poéticos como os de Mestre de Pássaros Cantores, Governador dos Canários e muitos outros; e que, no México, Montezuma despachava todas as manhãs trezentos escravos em busca de insetos para a alimentação das aves de seus viveiros.

Os homens gostariam de ter asas, mas prendem os pássaros, que as têm e embora prisões, deviam ser prisões de amor, essas gaiolas que existem nos museus, de porcelana pintada de flores e enfeitada de espelhos, e as que tinham relógios de sol, e as que ainda têm poleiros de marfim... Nada disso consolaria, afinal, como disse o poeta, esses donos das árvores, das fontes,

do céu, esses pequenos cantores aéreos que não sabemos, sequer, se conhecem a sua própria beleza.

Há quatro séculos se fala com assombro dos pássaros do Brasil. Canindés, bem-te-vis, beija-flores, cambaxirras e pintassilgos, papagaios, tucanos e cardeais. Principalmente os decantados sabiás, de voz pensativa, à sombra das mangueiras, nos belos tempos das varandas.

Mas os homens incendeiam clandestinamente as matas para lotearem as terras, e há mesmo quem coma sabiás, nestes últimos bairros arborizados da minha cidade, pois parece que vamos regredindo e qualquer dia talvez cheguemos a antropófagos.

Esperemos que algum pássaro eleve a Deus sua queixa contra essas maldades da Terra, e seja socorrido, porque os homens – ai de nós! – além de antropófagos estão ficando tão surdos!

Festa íntima

Nem todos têm a fortuna de comemorar o décimo aniversário de seu automóvel. Os que têm não se podem furtar ao prazer de uma festa íntima, com recordações amáveis e o elogio do aniversariante.

O nosso encontro deu-se numa pequena e adorável cidade da Holanda. Pela avenida principal, vejo-lhe ainda as árvores, o vento que descia os degraus dourados do sol. Muitos adolescentes a caminho da escola. Um ritmo de alegria matinal, simples e comunicativo.

O automóvel resplandecia na perfeição intacta da sua recente fabricação. O vendedor fitava-o com orgulho, amava-o com um amor de especialista, grave e sincero. Nós o amávamos timidamente, ainda, contemplando-lhe linhas, esmaltes, metais, forro... – mas o vendedor proclamava, acima de tudo, a excelência da máquina. Era um homem sensível e engenhoso. Até nos queria vender um dispositivo especial que fazia descer uma leve cortina d'água para lavar o vidro da frente.

Partimos emocionados. O vendedor dizia-nos adeus com bondade. Recomendava-nos certo óleo, moderação na rodagem... E quando nos voltamos, na derradeira despedida, continuava a acompanhar o carro com olhos de pai despedindo-se de um filho.

Ele aprendeu a rodar pela terra da Holanda, e seu padrinho foi um holandês. Entre as nuvens de bicicletas daquelas encantadoras cidades, sua presença era um pouco escandalosa. Em Delft, tivemos mesmo a impressão de que ia fazer desabar, com seu tamanho, aquele suave recanto de louças azuis e caminhos floridos.

Em cada posto de gasolina, todos o vinham observar por dentro e por fora. Os entendidos em máquinas caíam em êxtase. Era um assombro, o que viam e o que adivinhavam.

E assim foi ele vivendo a sua infância pelos campos louros da Bélgica, fazendo levantar os olhos aos belos cavalos brancos que pasciam; e conheceu os castelos do Loire e a luz formosa do sul da França; e deslumbrou as donzelinhas espanholas que passavam pela tarde, abraçadas e risonhas e deslizou pelas estradas de Portugal – acompanhado sempre pelo entusiasmo de mil crianças que saíam não se sabe de onde, e se vinham mirar nos seus faróis e espiavam-lhe pelos vidros, e em cada

esquina brigavam para tomar conta dele, como se estivessem diante de um brinquedo grande. Na verdade, grande demais.

E assim chegou ao Brasil, viu as paisagens cariocas, fluminenses, mineiras e paulistas. Talvez estranhasse, às vezes, o clima. (Ah! os padrões obrigam a tanto!)

Mas logo as distâncias o seduziam e atirava-se por elas feliz e leve como se fosse voar.

Carro tão sensato jamais houve: não cometeu nunca a menor infração e até se desvia a tempo para que os outros não as cometam. Com o tempo, tem tido suas pequenas crises: mas os mecânicos continuam a amá-lo tanto quanto o seu vendedor, e tratam-no com o carinho de um médico devotado por um paciente precioso.

E eis que agora cumpre dez anos. E jamais nos ocorreria trocá-lo por outro mais novo, fosse qual fosse a atração do modelo. Nós o amamos como a uma pessoa viva, a um amigo fiel, a um companheiro impecável. Faz parte da família. Vence todos os obstáculos das estradas e das ruas, resiste a todas as gasolinas; quando enguiça é porque as adversidades são enormes. Outros, quebravam-se. Ele para, espera que o ajudem, e logo recupera seu alento, sua coragem, sua vontade de bem servir. Mesmo entre as criaturas humanas, poucos se lhe podem comparar.

Eis porque festejamos com ternura este aniversário. Que lhe podemos oferecer de presente? Uma boa lubrificação, um bom passeio por uma bela estrada, ao longo da qual se possa expandir seu coração trabalhador. E buzinaremos a nossa alegria por onde passarmos, celebrando as suas virtudes e proclamando-lhe a nossa gratidão.

Coisas das esfinges

Viver não é fácil, mas andar pelas ruas desta minha amada cidade é muito mais difícil. Primeiro, porque os tufões que têm passado por aqui se empenharam particularmente em revolver o calçamento; depois, porque os automóveis têm aumentado de maneira considerável e, em matéria de trânsito, a tendência é caminhar os pedestres pelo meio da rua e tráfegarem os automóveis pelas calçadas.

Mas, enfim, a cidade é tão bonita – sobretudo agora com as amendoeiras a perderem as folhas vermelhas e amarelas – que muita coisa se perdoa aos automóveis e aos tufões.

Acontece, porém, que os habitantes desta cidade (e nem todos são cariocas) se distinguem por uma invencível amabilidade, um desejo de comunicação difícil de explicar nestes tempos de pressa e indiferença. Quando menos se espera, alguém para diante de nós, e pergunta com evidente satisfação pela charada que nos vai propor:

– A senhora não é Dona Fulana?

– Claro que sou.

– E eu? Lembra-se de mim? Sabe o meu nome?

Eis-nos em pleno deserto, diante da Esfinge. Começa-se a recordar: um cavalheiro assim, desta altura, com esta voz, de óculos, traje azul-marinho, aliança no dedo, gravata de pintinhas... (Mas todos os cavalheiros podem ter gravatas de pintinhas, traje azul-marinho, óculos, e há muitos cidadãos desta altura e até de aliança no dedo...)

– Pense um pouco, diz a Esfinge cruel.

Pensamos.

– Conheço-a desde o tempo de estudante, quando caminhava como quem pisa violetas... (Bem, deve ser um poeta: percorramos depressa o fichário dos poetas... Mas é impossível: não somos todos poetas no Brasil?)

A Esfinge diverte-se; aliás, com uma ponderação, uma cortesia, uma finura que assentam bem numa Esfinge.

– O senhor (murmura o suplente de Édipo), o senhor deve ser um famoso orador, um grande mestre, um deputado, um catedrático...

– Ah! como as mulheres esquecem... A senhora não se lembra de mim; e eu acompanho toda a sua vida, leio todos os seus livros, sei das suas

viagens, das suas conferências (nem sempre compareço, é verdade, mas tenho notícia...) A senhora fixou apenas que sou uma criatura verbosa, retórica... Pois, vou ajudá-la...

E então, como se subíssemos para um tapete mágico, principiamos a viajar no tempo. Histórias e histórias se sucedem, jamais completamente verídicas, porém muito mais belas, por imaginárias e transcendentais. E nós por aqui e por ali, pisando violetas, colhendo estrelas, batendo asas, derramando neste mundo cornucópias de sonhos...

É preciso que um automóvel suba na calçada para descermos desse arrebatamento. E quase sempre a Esfinge parte sem nos dizer seu nome, deixando-nos apenas a sensação do irreal que somos, neste mundo de sonhos e memórias...

Gandhi e Kennedy

Muitas fotografias apareceram, de Jacqueline Kennedy, por ocasião de sua excursão pela Índia. Entre elas, como não podia deixar de ser, a da sua visita ao samadhi de Gandhi, isto é, o seu túmulo simbólico, uma vez que as cinzas do mahatma foram dispersadas nas águas.

Essa romaria ao samadhi de Gandhi está incluída em todos os programas de visitas oficiais: é a homenagem ao pai da Pátria, inesquecível no coração da Índia. Pela beira do monumento, cada dia se renovam, desenhadas com flores, as palavras que Gandhi murmurou ao ser assassinado: Ram re Ram! que significam Deus ó Deus!

Os visitantes, ao se aproximarem do samadhi, tiram os sapatos como é de hábito, no Oriente, quando se penetra num lugar sagrado. E então recorda-se, ante a serenidade da paisagem, aquela tarde trágica em que o mahatma foi abatido a tiros, inopinadamente, quando se entregava à meditação habitual com seus discípulos. O mundo inteiro participou daquela dor do povo indiano ao ver prostrado o seu chefe espiritual e político, o homem que ensinara a Não Violência, que amara a Verdade acima de tudo, que entregara sua vida nas mãos de Deus para que dela dispusesse conforme a sua vontade: o homem que lutara toda a sua vida contra os preconceitos raciais, pela liberdade do seu povo e por uma compreensão melhor da justiça e da paz, essas palavras de que tanto abusam as demagogias. Nele, era perfeita a identidade entre palavras e atos; adotara o vestuário dos seus mais pobres conterrâneos, vivia com a simplicidade dos ascetas, e os bens que possuía – e que se podem ver no seu Memorial – reduziam-se a indispensáveis objetos de uso pessoal: cajado, óculos, sandálias, relógio...

Os olhos de Jacqueline, tão inteligentes e joviais, tinham visto as coisas assombrosas que a Índia conserva da sua vetusta tradição e as coisas novas que surgiram com a independência, conquistada pelo heroísmo sem precedentes de seu povo. Entre essas duas etapas, o grande marco era aquele samadhi, era aquela lembrança do grande morto, da “grande alma” que continua a inspirar milhões de criaturas redimidas por aquele chefe exemplar. Mas o que o seu coração talvez não adivinhasse é que, dentro de um prazo não muito longo, ela, a moça de olhos deslumbrados diante da

grandeza espiritual da Índia, visse cair em seus braços varado igualmente por uma bala assassina, um jovem herói nutrido dos mesmos entusiasmos do velho mahatma, do mesmo idealismo, do mesmo sonho de aperfeiçoamento humano, baseado nos valores morais, na fraternidade universal, na fidelidade da criatura àqueles princípios que ela mesma sente, dentro de si, como de natureza divina.

O discurso que não chegou a ser lido representa o testamento do Presidente Kennedy – e é, sob muitos pontos de vista, um dos mais belos testamentos humanos. Aí se fala da paz e da justiça, não em termos vagos e simplesmente retóricos, mas com a firme intenção que o amor fraternal impõe traduzido em obras e que, na Índia ou na América, se inspira na mesma fonte, pois que Deus é um só.

Como o venerável mahatma, esse jovem presidente sonhava com a igualdade racial, desejava uma felicidade unânime a todos os povos da terra, e para ela queria efetivamente contribuir. Seu discurso final, de uma beleza profética, refere-se a uma liberdade que não precisa ser conquistada a tiros – como se suas palavras finais, por uma determinação oracular, consagrassem, por um lado, o sonho gandhiano de Não Violência, e, por outro, previssessem a traição que lhe estava preparada e a que ele se oferecia como vítima voluntária. Não esqueçamos sua entrega às forças mais poderosas que regem o mundo acima de quaisquer soberanias – se Deus não guarda a cidade, em vão a sentinela vigia.

Gandhi, porém, no plano político-social, deixou, entre vários outros, o grande herdeiro Nehru, clarividente e hábil; e, no plano moral e místico, principalmente esse admirável Vinoba Bhave, cuja obra não pode deixar de comover a quem a conhece. Sobre as palavras de Kennedy, sobre esse adeus trágico e belo, que vozes, que ações, se levantarão, com idêntica magnitude, fervorosa, inocente e até humilde?

Remédios bonitos e bulas eficazes

Todos se queixam de que os remédios andam muito caros. E é verdade. Mas é preciso notar como, nestes últimos tempos, os remédios melhoraram: não direi de eficácia, pois não entendo do assunto, mas de aparência. Os tristes doentes, confinados em seus quartos, sem grandes novidades que os distraiam, descobrem, de repente, que agora vão tomar cápsulas cor-de-rosa, amarelas, prateadas, de diferentes formas e tamanhos, cápsulas que são verdadeiros brinquedinhos que eles ingerem com alegria, o que muito deve contribuir para a sua rápida melhora. Assim o desejamos.

Antigamente, eram só comprimidos brancos, maiores ou menores, que não prometiam nada, na sua uniformidade banal. Mais antigamente ainda, eram cápsulas grandes, feitas de hóstia, recheadas com pós amargos e ácidos, cápsulas que se agarravam ao céu da boca, não queriam passar pela garganta, rompiam-se no percurso e deixavam os doentes mais infelizes com o tratamento que com a própria enfermidade. (Essas coisas me são contadas pelos boticários que, no entanto, defendem aqueles bons tempos em que os remédios eram manipulados, compostos segundo as fórmulas dos doutores, e levando em consideração cada cliente: remédios individuais, não como os de hoje, que pressupõem doenças iguais em pacientes iguais.)

Mas não há dúvida que os remédios de hoje são mais bonitos de aparência e trazem nomes tão singulares que não sei como os poetas ainda não começaram a adotá-los nos títulos de seus livros de poemas. Mas isso em breve acontecerá, pois são nomes misteriosos e ao mesmo tempo moderníssimos, que, não significando claramente nada, sugerem a cada um mundos e mundos novos; o que é função artística e muito adequada neste momento em que todos estão desejando não propriamente deixar este mundo mas trocá-lo por outro, na esperança de vida melhor.

Melhores, porém, que os remédios são as bulas que os acompanham. É verdade que as bulas tendem a desaparecer – o que pode ser um bem para as drogarias, mas é certamente um mal para os enfermos. Pois estes, depois de lerem com atenção as bulas de certos remédios, passavam a sentir-se tão recuperados que já não se importavam nada com o uso do medicamento. A bula dizia coisas que o paciente nem sempre entende: mas subentende...

Valorizava a composição terapêutica, previa os resultados, aludia a pormenores que reconhecia como os do seu próprio caso. Terminada a leitura o doente sentia-se curado: guardava o remédio no armário e saía por este mundo (ou deste mundo), mas de acordo com a bula. E as bulas podiam circular entre os amigos e ir produzindo seus milagres, tão sério é o poder das palavras.

De certo por isso é que os remédios agora são mudos: os pacientes não sabem mais o que tomam: mas são coisas lindas, de todas as cores e feitios, muito ornamentais, como se tivéssemos passado do reino literário para o das artes plásticas e ingeríssemos pequenos quadros modernos, com os quais vamos assegurando essa coisa misteriosa que é a vida.

Uma aventura formidável

Mal entrou no avião, no aeroporto espanhol, a senhora começou a passar tão mal como se já estivéssemos nos abismos do mar oceano. As hélices ainda não se moviam, e ela já estava padecendo de uma grande falta de ar. Era pequenina, gordinha, toda de preto, com muitos caracóis e alguns “peinetas”, muitas pestanas e uma infinidade de coisas que a atrapalhavam: brincos, colares, broches, pulseiras, anéis... Levava as mãos ao peito arfante, como para saber se vivia, caso ainda lhe palpitasse o coração.

À medida que se aproximava o momento da partida, mais aumentavam suas apreensões; levava o lençinho à testa, à nuca, e girava o perfil para cá e para lá, numa forma nova de respiração lateral não destituída de originalidade.

É claro que não viajava só: várias aias a acompanhavam, munidas de muitos acessórios: vidrinhos que deviam ser de sais, licores aromáticos, colheres de prata, e leques – evidentemente. Todas essas coisas funcionavam com presteza, ritmo e dedicação. Embarçada em suas formas roliças e em seus numerosos atavios, a dona, de minúsculos pezinhos, que não chegavam a tocar o piso do avião, entregava-se aos cuidados de suas aias com a resignação cristã de quem sabe que vai morrer daqui a uns dois ou três minutos, no máximo.

As donzelas ainda não tinham começado a carpir, mas sentia-se que carpiriam bem: eram morenas e formosas, com grandes cabelos negros, olhos ardentes, e ficariam belíssimas se desgrenhadas, bramindo entre o céu e a terra a sua desesperação. Mas Deus nos livre e guarde.

Éramos poucos a bordo, e respirávamos com parcimônia, para que não faltasse o ar necessário à aflita senhora. Ela, porém, continuava a procurá-lo de um lado e do outro, entre leques sabiamente agitados, protegida por aquela dulçurosa panaceia que sorvia com esperança, e que devia ser feita de flores ainda árabes, daquelas que outrora, só com a sua presença, curavam males do corpo e do espírito.

Não, a dona não queria dormir nem se acalmar com qualquer comprimido moderno e antipático, invenção vil de uma ciência alheia à estética. Seu mundo era de rosas, violetas, narcisos, murta e rouxinóis.

O avião, afinal, teve de levantar voo, foi preciso prender os cintos, houve uma pausa de suspiros, presos, olhos fechados e profunda contrição. A paisagem foi caindo dos nossos olhos e era como se tudo estivesse mesmo acabado na Terra e fôssemos um grupo de almas privilegiadas que nos dirigíssemos efetivamente para os prados da bem-aventurança.

A dona arriscou muito a medo um olhar para o céu: não se avistavam ainda os anjinhos, mas havia muitas nuvens soltas, brancas, e tênues, que deviam ser suas túnicas em férias.

As donzelas tinham recomeçado a vibrar seus leques com prodigioso virtuosismo. E era evidente que todos nós, míseros passageiros, começávamos a sentir alguma inveja daquela viajante medrosa, a palpitar entre lencinhos de renda, perfumes, cordiais e leques, que ora nos fazia pensar em Goya, ora em García Lorca.

Todos participávamos de sua existência: quando sentia falta de ar, todos nós arquejávamos. Se tomava seu licor de flores, todos sentíamos a boca perfumada e doce. Quando ousava pestanejar, levantando para as nuvens seus olhos desconfiados, os olhos de todos nós eram cortejo dos seus.

Mais ai! nenhum de nós poderia ser jamais assim! Refletíamos a cena, mas éramos outros. Estávamos vendo, sim, mas era como se estivéssemos lendo uma narrativa curiosa, que nos fazia sorrir e pensar.

O voo não foi muito longe. As donzelas não tiveram de carpir, com os cabelos desnastrados. As velhas flores árabes provaram sua eficácia e os leques produziram seus efeitos mágicos. A dona começou a ver as paisagens da terra subirem a seus olhos, trazendo plantas, arroios e animais, arcadicamente.

E tudo mudou. Sorriu a dona, já sem nenhuma falta de ar. Seus dois perfis pararam. Suas mãos de anéis interessaram-se pelos anéis de seus cabelos. Mirou-se no espelhinho de cabo que as donzelas lhe apresentavam, e verificou-se viva, perfeita e bela, no seu estilo, que era levemente barroco.

E então pulou nos seus pezinhos antigos de dentro do cinto e de cima do banco, e esperou que as donzelas submissas fechassem leques e vidrinhos de cristal, e a acompanhassem agora na difícilima e arriscada operação de descer solenemente do ar assustador para a terra considerada firme.

Mestre Costa Lima

Neste dia de maio de 1964 – certamente o mais belo mês do Rio – a luz do sol se obscurece com a notícia da morte do Mestre Ângelo da Costa Lima, grande professor, grande cientista, grande homem do nosso país. Num momento em que, por todos os lados, presenciamos com melancolia e decepção o comportamento de tantos brasileiros, essa morte de um sábio rigorosamente honesto e bom acrescenta em nossa alma o peso deste mundo surpreendente. Quanto tempo é necessário para tornar a aparecer pessoa idêntica? E, fora do campo científico e da roda dos amigos, quem sabe, neste imenso Brasil, o que representou para nós e para o mundo essa vida, ao mesmo tempo modesta e gloriosa que agora se ausenta e que, sem ter figurado nos grandes títulos dos jornais, sobreviverá, finalmente (quando o frívolo e o ambicioso se apagarem), como exemplo de dignidade e saber?

Começando a carreira como Doutor em Medicina, Ângelo da Costa Lima, aluno de Oswaldo Cruz, interessou-se pelo estudo dos insetos transmissores de moléstias, viajou pelo Brasil, descobrindo novas espécies, e em breve se decidiu pelo campo da Entomologia, a que completamente se dedicou. De volta ao Rio, no Instituto de Manguinhos, empreendeu vasto trabalho nessa especialidade. O povo costuma ver projetados com grandeza e constância nomes e realizações que duram apenas momentos e nem sempre merecem tal projeção. Mas quem descobre os jovens pesquisadores que debruçam a sua mocidade em salas de estudo, investigando, analisando assuntos que parecem mínimos, e representam uma incalculável contribuição para o bem-estar não só do seu país mas do mundo?

É dessa obscura, ininterrupta devoção ao trabalho que se levanta pouco a pouco a figura de Costa Lima, professor da antiga Escola Superior de Agricultura (hoje Universidade Rural, no Quilômetro 47 da Estrada Rio–São Paulo), onde rege a cátedra de Entomologia Agrícola, formando numerosos discípulos que passam a dedicar-se à mesma especialidade, quer no Ministério da Agricultura, quer nas Secretarias dos Estados.

Enquanto o professor se dedica ao ensino e vai transmitindo o seu saber aos estudantes, o pesquisador se desdobra em comunicações e artigos publicados em revistas especializadas nacionais e estrangeiras, onde

deixará mais de trezentos trabalhos científicos originais, que não figuram nos seus livros. Mas são os livros que lhe darão satisfação própria e merecerão a consagração dos sabedores; os doze grossos volumes de *Insetos do Brasil*, o maior repositório existente sobre a matéria, é obra de consulta obrigatória para os estudiosos de Entomologia. Seu trabalho não consistiu apenas na descrição de espécies e gêneros novos, mas na revisão de numerosas famílias de insetos, anteriormente estudadas. Essa obra monumental chamou a atenção do mundo científico, e além de muitos outros títulos, recebeu ele o (que tanto o sensibilizava) de Membro da Real Sociedade Entomológica de Londres.

Embora sempre se desinteressasse pelos cargos de administração, quando o Ministro Juarez Távora lhe confiou o Instituto de Biologia Vegetal, no Rio, deu, não só a esse órgão, mas ao Jardim Botânico e à sua biblioteca uma organização modelar, a que os técnicos se referem com admiração.

Sua atividade científica teve ainda aplicação prática quando, entre as dúvidas da comissão que estudava a praga dos cafezais paulistas, identificou-a como sendo a terrível broca; e, como fundador e diretor do Serviço de Defesa Sanitária Vegetal do Ministério da Agricultura, deu ao país, aos lavradores, aos trabalhadores do campo os técnicos, a orientação e os meios para combaterem pragas e doenças das plantas, impedindo, ao mesmo tempo, a entrada, no Brasil, dessas calamidades. Tinha o título de “Agrônomo Honorário”.

Grande cientista e homem probo, livre das aventuras de enriquecer, Mestre Costa Lima chegou quase aos oitenta anos com vida modesta, e apenas o prêmio do Moinho Santista, conferido há anos, lhe permitiu viajar pela América e pela Europa, em visita a seus colegas estrangeiros.

Os olhos tão aplicados ao microscópio começaram a minar-lhe a saúde; o coração do grande trabalhador começou também a fatigar-se. Mas quem pode deter a impetuosa alegria construtiva dos criadores intelectuais? Falto de vista, com o coração gravemente comprometido, continuou a frequentar o Instituto de Manguinhos, dedicando-se ao décimo terceiro volume da sua obra, que ficou incompleta. Ainda examinava e discutia as preparações microscópicas com que devia completar a sua grande obra, uma das mais importantes realizadas por cientista brasileiro.

Esse homem extraordinário permaneceu sempre simples e bondoso, modesto na sua vida e disposto a trabalhar até o seu último instante. Seu

exemplo de tenacidade, de integridade, de austeridade devia ser apontado a todos os estudantes de hoje e do futuro. Sua glória foi conquistada por um trabalho constante, uma vocação realizada com todo o vigor, acima das atrações superficiais do mundo, das seduções fáceis da riqueza e dos postos públicos. Só essas glórias são autênticas e dignas. Os jovens devem refletir sobre isso.

Natal

Como estamos mudados! Em meio século, perdemos aquela ingenuidade dos votos dirigidos de janela a janela: “Boas Festas!”, “Feliz Ano Novo!”; das ceias tradicionais, talvez copiosas, porém modestas; das lembrancinhas oferecidas às crianças como um dom misterioso do céu; dos vestidos novos para os ofícios das igrejas e das visitas aos presépios; alegria das músicas e cânticos, deslumbramento dos olhos diante de uma Belém infantil, com patinhos nos lagos e lavadeiras nos rios... Ah! como éramos sensíveis, imaginativos! Como estávamos prontos a completar, com a nossa memória dos episódios evangélicos, a paisagem arbitrariamente inventada! Como achávamos naturais todas as coisas desconstruídas naquele mundo fictício! Talvez prévissemos que o nosso não o era menos, e igualmente e misteriosamente desconstruídas as coisas que nele iríamos presenciar!

Esperávamos por esses últimos dias do ano combinando sonhos de novas alegrias alimentadas pelas lembranças dos anos anteriores. A vida estava assim pautada, na terra, sobre exemplos de coisas celestes. Essa mistura do humano com o divino, trazia-nos como num estado de levitação, e mesmo em redor de nós tudo era ascensão de anjos e santos, uma aparição deslumbrada de Magos e um acordar sobrenatural de pastores. Falávamos de tudo isso com uma surpreendente naturalidade. Conhecíamos a linguagem dos sinos, cujas mensagens pareciam na verdade descer do céu para a nossa inocência feliz e luminosa.

Enfim, éramos felizes porque um Menino, ao mesmo tempo parecido com todas as crianças, e diferente de todas elas, nascera um dia, num lugar muito longe, e era uma alegria festejar-lhe o aniversário, não só por ser assim como um irmãozinho de todos nós, mas porque a Sua bondade era uma esperança para os nossos pequenos corações, já assustados e tímidos, secretamente desejosos de felicidade.

Mas pouco a pouco tudo foi ficando tão complicado, tão difícil! Das simples ceias familiares, que apenas aproximavam as pessoas num convívio sentimental, passou-se às grandes ceias de repercussão social, ceias festivas em luxuosos ambientes, sem compreensível relação com a data do calendário. Das lembranças modestas que recebiam as crianças, por aquele acontecimento, dos cartões de boas festas afetuosos e ingênuos,

passou-se a uma superabundância de presentes, a uma efusão de votos, a uma profusão de árvores de Natal, dos mais diversos feitios e coloridos – e tudo se converteu numa grande festa decorativa, ruidosa, suntuosa, profana, em que se confundem tradições cristãs e pagãs e se misturam as celebrações religiosas do Menino Jesus com as alegrias do Ano Novo.

(Ah! quem vos visitou, lugares humildes da Palestina, que ainda hoje pareceis os mesmos de outrora, em vossa rústica simplicidade. Lugares de onde, no entanto, iria surgir uma nova luz – na verdade, uma nova Estrela – para os povos da Terra!)

E, de repente – seja no Rio ou em São Paulo, ou em qualquer grande centro ocidental – essas avenidas enfeitadas, essas lojas acesas, esses fantásticos presentes que se acumulam, sugestivos e atraentes por todos os lados! E as mãos ágeis dos vendedores que abrem e fecham caixas, estendem papéis maravilhosos, desenrolam atilhos dourados, fitas cintilantes, que entre os seus dedos se convertem em flores de inúmeras pétalas!

Tudo isso em torno do Nascimento daquele Menino que, a princípio um pequenino fugitivo perseguido, passa logo a uma iluminada criança a discutir com doutores – sem que se possa adivinhar se algum dia brincou, despreocupado, nem que brinquedos terão sido os seus.

Em todo caso, se esta pompa, se este delírio, se estas luzes copiosas, se estas horas inquietas dos Natais de hoje servem para aproximar as criaturas, malgrado o contraste de tanto fausto e grandeza com a doce pobreza de Jesus – estes Natais assim celebrados continuarão a ser uma bela e feliz festa cristã!

Entrevistas telefônicas

Antigamente, o repórter envergava a sua melhor roupa, lançava um olhar às unhas e à barba, examinava o dinheiro do bolso, e lá ia com o fotógrafo à busca de sua entrevista. Pensava no que ia perguntar. Estabelecia um plano, um esquema. Examinava o seu caderno de apontamentos. Riscava. Acrescentava. Creio que alguns ensaiariam mesmo a maneira de abordar o assunto. Pesariam as palavras. Para cada pessoa há uma espécie de diálogo. Cada diálogo tem seu vocabulário. O repórter, só com a escola da experiência, com o seu senso de responsabilidade e a sua vontade de acertar, comparecia respeitosamente diante do seu entrevistado. E, no fim da conversa, prontificava-se a mandar-lhe o seu trabalho, antes de publicá-lo, para alguma correção necessária.

Um repórter assim parece criatura paleontológica. Mas alguns ainda estão vivos, pela vizinhança. Talvez apenas estejam aposentados ou tenham mudado de profissão, pois os tempos mudaram completamente.

Como os meios de transportes se tornaram impossíveis; e como todos somos tão ocupados que ninguém nos encontra com facilidade; como, além disso, nos tornamos tão inteligentes que podemos concentrar numa simples frase uma ideia sublime, capaz de desvendar mistérios, de transformar o mundo e mesmo atingir o universo em seus fundamentos, a reportagem pode ser feita com muito mais facilidade mediante uma ligação telefônica.

Assim, estamos nós mergulhados numa leitura inadiável, com o pensamento comprometido numa direção, e a voz mais gentil deste mundo pergunta-nos muito obsequiosamente se vamos ou não vamos ganhar o campeonato de futebol; o que pensamos dos amores de Elizabeth Taylor; quem deve ser indicado o homem do ano; se iremos à Lua no ano que vem; se as crianças devem ou não assistir a programas de televisão; se somos a favor ou contra a eutanásia; qual é a senhora mais elegante do mundo; se os mortos devem ser enterrados ou cremados; se a Princesa Soraia poderá vir a ser uma boa artista de cinema; se o melhor meio de ir para Niterói será a ponte ou o túnel; se as escolas devem ter um, dois ou três turnos; qual é a melhor maneira de acabar com o analfabetismo; se o morro do Querosene cai ou deve ser derrubado; se acreditamos que os macacos tenham possibilidade de falar; se os autômatos seriam uma solução para a falta de

empregados; qual é o maior poeta do mundo e quem deve ganhar o Prêmio Nobel; se haverá guerra no Oriente, e quando; se existem barras de ouro nos muros das casas de Ouro Preto; se o carnaval está mesmo acabando ou ainda vai durar alguns anos; se os homens sabem amar melhor que as mulheres ou vice-versa...

Então, nós, da nossa modéstia, na certeza de não sermos nem enciclopedistas, nem adivinhos, nem mesmo observadores internacionais, tropeçamos diante da voz tão amável. Como podemos responder? Quem sabe? É difícil dizer...

Mas a voz não é muito exigente. Uma palavra basta. Sim ou não... Qualquer coisa... Apenas para satisfazer a curiosidade dos leitores...

E então, que fazemos? Porque não se deve ser como uma porta fechada a quem bate e chama por nós, respondemos ao acaso. (Salvo os privilegiados, com presença de espírito, onisciência e genialidade telefônica.)

Mas na semana seguinte os amigos e conhecidos nos felicitam efusivamente. Estivemos formidáveis. Brilhantíssimos. Estupendos. É exatamente assim que eles pensam. E que clareza de resposta! Nítida. Concisa. Perfeita.

E temos até receio de ficar melancólicos. Como nos podemos confessar humilhados com essa perfeição?

Um anjo na serra

O sol é muito forte; as moscas, agudas como vespas. Cavalos impacientes e melancólicos sacodem a cauda, batem com as patas, procuram alcançar, com os dentes, as patas, o lombo, o peito. Uma pequena brisa estremece a folhagem e sussurra.

Vão passando as mocinhas, belas e feias, de calças muito curtas, com sandálias douradas e os seus penteados despenteados. Vão saboreando sorvetes as meninas. E passam bicicletas. E pelas ruas e nos automóveis e nos jardins, e nas varandas, e nos restaurantes muitas pessoas bem nutridas se abandonam a esse torpor dos abundantes almoços, com muito pão, muita cerveja, muito dinheiro, muita conversa fiada, e o prazer dominical das penosas digestões. Uma pasmada felicidade com cheiros tostados de churrascaria. E a alegria das flores amarelas na festa vegetal dos jardins.

Vão chegando então os carrinhos coloridos, puxados por pequenos bodes. A princípio têm seu ar engraçado de brinquedo, de desenho lustroso em livro de histórias, e a sombra da praça fica iluminada pelas suas cores. Mas logo depois começa-se a notar a cansaça dos pobres bichinhos atrelados àquelas minúsculas viaturas, menores ainda do que elas, com esse ar triste dos bodes, que mesmo infantes, com aquelas barbas já parecem anões centenários.

Vão chegando os carrinhos: vermelhos, azuis, amarelos, com bodes brancos, pretos, malhados. Voltam de excursões, indefesos, obedientes a um pequeno chicote, com o corpo arfante, os olhos alquebrados, ao mesmo tempo hieráticos e ridículos naquela desproporção das formas, com aqueles chifres e aquelas barbas.

Passa um fio d'água perto, e os pobres bichos sentem a sua frescura—trançado cristal com reflexos de árvores. Mas não a podem alcançar: baixam as pálpebras, e olham, depois levantam os olhos para o guia — mas o rapazola está contando lorotas e fazendo rodar o chicote, com certo ar de bravata, andarilho da serra, caçador de passarinhos, conhecedor de cobras e também entendido em marcas de automóveis. Os pequenos bodes estão com muita sede e abaixam e levantam os olhos suplicantes do guia para a água, da água para o guia.

Ah! os pequenos bodes estão muito cansados. Senhor, hoje é domingo, os sinos repicaram, as pessoas foram à igreja, tudo devia ser igualmente bom para todos! Os pobres animais estão muito cansados e ajoelham-se assim mesmo atrelados – e talvez com o peito encostado à terra sintam algum refrigério, uma vez que não conseguem beber daquela água tão clara!

As mocinhas continuam a passar com sorvetes, de uma esquina para outra, de calções muito justos e muito curtos. Altas pernas de gazela, pequenas sandálias douradas. E os pequenos bodes trabalhadores, escravos, presos aos seus carrinhos, aproveitando aquela frescura do chão, cansados e sonolentos, enquanto o patrão conta devagar as suas lorotas.

E vem o menino moreno de cara redonda, que ora parece caboclo, ora parece libanês. O menino pouco mais alto que os bodes. Vai parando diante de cada um. Os bodes olham para ele (talvez esse olhar se chame esperança). O menino não diz nada: entende, apenas. Sai correndo, como um pequeno anjo libanês ou caboclo, volta carregado de cascas de banana. Para os bodes, coitadinhos. E convida-os a comer. Fala com eles. Afaga-lhes as barbas. Abraça-os. Encosta o rostinho moreno e redondo aos focinhos peludos, brancos, pretos, malhados.

Os cavalos continuam a bater com as patas, porque faz muito calor, as moscas parecem vespas. E o patrãozinho continua a contar lorotas, dando voltas ao chicote, desabando o chapéu, diante de um auditório razoável para muitos conferencistas.

Não há fregueses, por enquanto, para os carrinhos de bodes. Quem vai deixar as criancinhas saírem por aí, com este calor, nestes pequenos carros? E o menino de cara redonda senta-se com os seus amiguinhos, consola cada um separadamente, obriga-os docemente a mastigarem aquelas cascas de banana, e agradece-lhes que aceitem, fica tão contente, ri-se, e tudo fica diferente, tudo é melhor, a escravidão não é tão negra e o trabalho não é tão duro.

Esta noite, quando os pequenos bodes dormirem, certamente vão sonhar com o menino moreno, de cara redonda. O rostinho meio caboclo, meio libanês passará nos seus sonhos como aquela ventura que nós recebemos da imagem dos anjos.

Pequena aventura

A gentil senhora convida-nos para uma reunião em sua casa. Como é difícil de entender a topografia de São Paulo! Vai-se por uma rua e de repente abrem-se vários caminhos: qual deles escolher? Roda-se por uma alameda e tem-se a impressão de, tendo sempre rodado em linha reta, voltar ao ponto de partida. O que é privilégio das linhas circulares... Há ladeiras imprevistas, pequenas passagens, um labirinto, tudo contornado por flechas proibitivas, e por essas calotas amarelas que impedem a passagem dos veículos pelos lugares que pareceriam mais cômodos e naturais...

Abrimos, pois, vários mapas e vamos combinando as indicações de letras e números a fim de localizarmos com segurança o ponto do destino. Ah! como no mapa as coisas parecem fáceis, compreensíveis, imediatas! Avenidas que medem quilômetros estão aqui reduzidas a uns poucos centímetros! Uma rua de cinquenta casas é apenas um traço! Não há maneira de errar! Além disso, a gentil senhora deu-nos algumas indicações precisas: “Quando virem na sua frente aquela estátua do cavalo, é só dar uma voltinha e pronto – já estão diante da nossa casa”.

O automóvel vai rodando pela grande avenida. Quando chegarmos ao número 3.608, então, sim, é preciso prestar atenção.

Como, porém, principia a anoitecer, não é tão fácil como parecia encontrar-se aquele número. Os números das casas nem sempre estão nas portas ou portões: às vezes sobem caprichosamente, em diagonal, pela fachada; outras, escondem-se com muita malícia por baixo de um lampião, por trás de uma trepadeira... Além disso, a numeração não é sempre em placas azuis e brancas; há algarismos de bronze, grandes, pequenos, em diferentes estilos, e o número 3.608 ora se confunde com 3.000, ora com 3.600, ora com 3.080... (Precisávamos ter trazido um binóculo.)

Numa grande avenida não se pode pensar em parar, dar meia volta ou marcha à ré... É preciso correr, correr sempre... E como é que se pode, de dentro de um carro que corre, perguntar a alguém onde fica o número 3.608? Para se fazer tal pergunta é necessário, pelo menos, ir-se a um posto de gasolina, onde ninguém conhece nenhuma rua pelo nome, mas só por intuição... O que sempre aconselham, em tais casos, é o semáforo. É

preciso ir até o semáforo, falar com o guarda e seguir a sua orientação. O guarda manda para outro semáforo, para outro guarda, pois a rua procurada nunca se encontra nas imediações de semáforo nenhum. Os sorveteiros com seus carrinhos não conhecem ruas, só conhecem a freguesia... As mocinhas com seus carinhosos namorados nunca moram por perto do lugar onde se encontram... (Imaginem só, se a mamãe as descobrisse!) Os entregadores de compras talvez soubessem, mas já é tarde, e os empórios estão fechados.

Entretanto, por mais voltas que o carro dê, não se descobre no horizonte o formoso cavalo da estátua. Talvez não se aviste devido à escuridão... E agora é que reparamos como a escuridão aumentou! Não se pode mais ver número nenhum nas portas nem ler placa nenhuma das esquinas: é o mesmo que estar no Japão, onde as ruas não têm nome e as casas não têm número... (Devíamos ter trazido uma lanterna, uma bússola, um astrolábio – que sei eu! É como se estivéssemos descobrindo o Brasil...)

A gentil senhora deve estar no seu salão à nossa espera. – Oh! que inábeis navegadores somos! – E temos tanta vontade de chegar que de repente nos sentimos entre sombras de árvores e brilhos de água; pelo visto, circulamos perdidos na noite do Ibirapuera.

Quando saímos do novo labirinto, um guarda gentil nos ensina metade do caminho: é preciso passar por três túneis. Aí um novo guarda nos ensinará o resto. (É como na maçonaria ou nos velhos mistérios gregos; temos de aguentar com valentia muitas provas.) Mas com esses túneis, essas pontes, a escuridão cada vez maior, o tráfego um pouco reduzido, começamos a desconfiar que já saímos da cidade. As placas com flechas indicam o caminho de Santos. Não, não é em Santos que a gentil senhora nos espera, é no salão da sua casa, num lugar muito pertinho, de onde se avista a estátua com o cavalo. (Mas, agora, nem com binóculo avistaríamos essa estátua...)

A estátua que se levanta diante de nós é a de Anchieta. Ah! vamos recomeçar então tudo de novo. Não é justo que a gentil senhora fique para sempre sentada no seu salão à nossa espera...

Entraremos, pois, na grande avenida, procuraremos o número 3.608, entraremos pela direita, iremos ao semáforo, falaremos com o guarda, procuraremos a estátua do cavalo, e é possível que, antes do fim do mundo, possamos apresentar as nossas desculpas à gentil senhora que ficou esperando por nós, pacientemente.

Passeio sobrenatural

Decerto é grande privilégio chegar às raízes do céu ateniense, a estas maciças e claras colunas da Acrópole, sentindo tão presente a ausente deusa. Andar por estas colinas, flutuar na transparência do dia; sonhar no casario branco, no ar azulado, a vida da cidade clássica, amar em cada mármore um pensamento, um sonho, um verso antigo; ter nas mãos a anêmona que a brisa vai bordando pelas encostas; passar pelos teatros antigos, ler a paisagem como um livro monumental – é decerto uma felicidade que os olhos recebem como um favor divino.

Provar deste mel recendente, avistando o contorno de Himeto e pensando nas abelhas da Ática é fugir por um momento à inquietação melancólica dos tempos, volver a uma impossível simplicidade de alegria, de ingênuo descobrimento do mundo: “Possa tua boca amável encher-se de mel, encher-se de favos... pois teu canto supera o da cigarra...”

A noite toda é para Teócrito, para danças de pastores, para a transposição da mitologia em formas novas, generalizadas e afáveis; a noite é para idílios estilizados, com pão morno, queijo de cabra, maçãs, bananas e laranjas na fruteira opulenta, e prazeres divididos entre o acre vinho resinado e o doce vinho róseo; e lânguidas senhoras morenas, estátuas um pouco fatigadas de olhos pesarosos que dançam como quem apenas sonha que dança, e jovens de saias rufadas, como de penas, que inventam ritmos próprios, aves palpitantes, saltitantes.

Tudo pode ser real e irreal, ao mesmo tempo; o ar está cheio de portas giratórias por onde se passa no mesmo minuto para outros séculos. Ruas escuras e sossegadas como de tranquilos bairros cariocas, vagas ruas de muros velhos, arbustos sem brilho, tudo como um desenho de cerâmica, meio apagado, e uma voz que vai dizendo: “... muitos maus são ricos, enquanto os bons são pobres; mas não trocaremos a nossa virtude pela sua riqueza, porque a virtude é um bem constante, enquanto que a riqueza, entre os homens, ora é de um, ora é de outro...”

Pensar que houve um tempo em que se discorria sobre a virtude! Em que não era ridículo cantar-se: “Virtude! Tu, que custas tantos esforços à raça dos mortais, conquista tão bela oferecida aos que vivemos! Por tua beleza, ó virgem, os gregos acham sorte invejável morrer, e sofrer sem cansaço

amargas penas – tão precioso é o eterno fruto que lanças em nosso coração, mais estimável que riquezas ou antepassados ou repousante sono...”

Por estas portas mágicas penetraremos no dia nascente, assistiremos ao despertar dos mármore, a essa comovente ressurreição das colunas, das casas, dos degraus, das estátuas. Ouviremos passos de hoje, e pensaremos à nossa vontade em diálogos remotos: “Olha, Goridon, em nome de Zeus; foi um espinho que entrou aqui no meu pé...” “Quando vieres à montanha, Batos, não andes descalço, porque a montanha está cheia de espinheiros e tojo...”

E os véus azuis do dia vão sendo arregaçados pelo sol, e as claras ruas se alargam, e ficam longe os pastores, as fontes, a frauta agreste, os diálogos rústicos.

Passam moças gregas, morenas, belas, sérias, que seguem seu caminho vestidas com estas roupas de hoje, estas roupas simples e práticas.

“Praxinoa, esse teu vestido de pregas te vai muito bem. Dize-me, a quanto te saiu o pano?” “Oh! nem me fales, Gorgo, a mais de duas minas de prata fina... E matei-me a fazê-lo...”

É assim pelas ruas, por entre os quiosques, por mais que estejam vendendo jornais em várias línguas, revistas, pequenos objetos de uso, postais, alguma lembrança turística.

É assim pelas casas de negócio, por mais que sejam modernas, que vendam, algumas, as mesmíssimas coisas que vemos por toda parte, as pequenas coisas cotidianas das lojas populares.

Mas de repente, aparece o padeiro ambulante, com suas roscas, seus pães de vários feitios, e já é outro tempo, um tempo hospitaleiro, de gente sóbria, colhendo da terra o alimento fundamental. “Invocai Zeus subterrâneo e a casta Demeter, para que, ao amadurecer, a espiga do trigo sagrado de Demeter seja opulenta...”

E em seguida aparece o homem das esponjas, todo coberto por elas, como uma entidade marinha, a passear entre os habitantes da terra esses despojos oceânicos. É uma vaga que vem do mar, que inunda a cidade, uma vaga que traz liras, barcas, sereias, monstros, feiticeiras e Ulisses passa perto de nós, entre deuses e deusas.

Uma vaga que logo retorna, que abre caminho para os automóveis e todos os veículos do tráfego matinal de Atenas, e resvala pelo mar adentro e vai ficando cada vez mais azul, e toda se acalma nítida, e adormece, e fica sendo um espelho de safira: o límpido Pireu.

Tarde na Galileia

Tínhamos voltado de Nazaré e fôramos para Tiberíades. Do restaurante onde almoçáramos, situado num ponto alto, com vista redonda sobre a verde e ridente paisagem da Galileia, tínhamos visto, realmente visto, um vento bíblico. Um vento que conhecêramos nos confins do Eilate, e que parecia ter subido todo o deserto, para chegar ali com suas mãos poderosas e sua enorme voz. Tínhamos lá ouvido o vento. Aqui podíamos vê-lo, vê-lo nas árvores derreando-se à sua passagem, nas nuvens do céu precipitadas, nos olhos do cão assustado, encolhido à porta, no seu instintivo assombro.

Poderia aquele vento arrebatara nos braços a pequena, a pobre vila de Nazaré, que pouco antes percorrêramos? Levaria pelos ares aqueles lugares piedosos, aquelas negras oficinas de ferreiros e funileiros, aquele humilde comércio de grãos, câmaras, taças, panos brancos, cebolas, azeitonas? Não: Nazaré continuava secularmente agarrada ao chão, pobre, simples, no meio do fabuloso vento.

Depois veio uma chuva dançar nos seus ares cheios de pequenos ruídos, ecos, suspiros, tinidos que rolavam dentro do vento como pedrinhas. Os movimentos prateados da chuva iam toldando a várzea toda verde e, como estávamos num ponto alto, podíamos ver aqueles véus finos da água oscilarem, flutuarem, arregaçarem-se, mostrando e escondendo a paisagem, até que ficou tudo por igual, cinzento, sem brilho – vastíssima tela de aranha que o vento ia deixando de abanar.

E foi assim que chegamos a Tiberíades, com as malas molhadas, e encontramos o lago de Genezaré escuro e fosco; uma longa nuvem de chuva que tivesse pousado no chão.

Mais tarde, porém, o tempo melhorou, começou essa festa dos últimos pingos de água na beira das folhas verdes, o céu foi ficando um mármore azul e branco, o lago começou a animar-se com reflexos e brilhos do céu. Então, a moça que me acompanhava propôs-me um passeio até o lugar da tumba de Maria Madalena.

A tarde ia-se tornando lindíssima, com cheiro de terra molhada, uma grande limpidez no ar, e, como resto daquele vendaval troante, uma pequena brisa encaracolada saltava pelos caminhos barrentos. Tudo era tão deserto, tão só de árvores, sulcos de água pelo chão, brisa, céu, como se

desde os tempos do Evangelho nada mais tivesse acontecido ali. Nem ruas, nem casas, nem pessoas.

Pelo caminho de barro, o automóvel tinha certa dificuldade em continuar; e a tumba de Maria Madalena ficava num lugar um pouco indeterminado, naqueles campos sem pontos de referência.

Mas avistamos uma casa, e outra mais além, como se estivéssemos diante de um bairro nascente; pequenas construções dispersas na tarde úmida. E apareceu um menino que devia conhecer bem a região: olhou em volta, apontou, explicou. O chão estava molhado da chuva que caíra, seria difícil andar naquele bairro. Que pena!

E assim fomos parar em casa do Popo. Quem seja Popo não sei. Sua casa era muito engraçada, porque logo que se transpunha a porta podia-se ver tudo e não se viu ninguém. Popo devia estar sozinho.

Nessa divina solidão, nessa tranquilidade divina, Popo fazia esculturas pequeninas, em madeira de oliveira. Como se estivesse brincando. Fazia bichinhos, folhas de diversos feitios, pequenas cabeças que se pareciam com ele, mãozinhas – coisas que recordavam ex-votos.

Popo trabalhava na cozinha. Com um pote de cola e uns alfinetes de gancho, fazia broches. Não tinha nenhuma atitude de vendedor. Só de criador. Não direi que suas criações fossem obras-primas. Era, porém, a sua vida, naquele recanto de um mundo repleto de cenas eternas entre montes suaves e águas meigas.

Embora Popo não tivesse jeito de vender, deve haver quem compre seus broches, que é preciso escolher em grandes caixas, onde estão todos promiscuamente. Os bichinhos às vezes são um pouco estranhos: isto será um gatinho? Um cãozinho? Um leãozinho?

As folhas são mais bonitas. Uma folhinha de madeira de oliveira: para quê? Para nada. Para se pôr à lapela, como se fosse trazida pelo vento e ali pousasse com a cor das folhas secas. A cor do azeite, o aroma da oliveira cortada, alimento e luz; e a tarde da Galileia. (A tarde sem a tumba de Maria Madalena.)

Reinos da Natureza

Mandaram Caçulinha para outra sala. Estava tão adiantada que já não podia ficar naquela.

Entrou discretamente, pela porta dos fundos, sentou-se num lugarzinho vago que encontrou. Notou logo as diferenças. Na outra, um bando de crianças meio sonolentas recitava com um ritmo que lhes aumentava o sono: “três vezes um, três; três vezes dois, seis; três vezes três, nove...” Depois vinha uma das maiores e pintava nas ardósias onde se devia escrever, carreira sobre carreira, A, B, C, D... – Caçulinha já sabia tudo isso.

Na nova sala havia um belo mapa, de cores muito agradáveis, e uns grandes cartões com umas amostras de coisas que ela não distinguia bem, porque estava sentada quase na última fila.

Acomodou-se, um pouco atemorizada pela mudança de ambiente. A professora, com uma vareta na mão, acabara de apanhar aquelas amostras, depois virara-se para a classe e perguntara: Quantos são os reinos da Natureza?

“Reinos da Natureza!” Caçulinha recorreu aos seus conhecimentos pessoais, e, desatenta aos rumores da sala, enumerava para si mesma, contando pelos dedos: “... O reino do cavalo com a estrela branca na testa; o do príncipe da pluma azul; o do elefante sagrado...” (Havia mais? Os rumores da sala não permitiam que se organizassem os seus pensamentos.)

Um menino meio fanhoso, meio rouco, tão grande que já não devia andar na escola, agitava o dedo no ar, com sapiência. Tinha nariz de papagaio, e a melena caía-lhe sobre a testa depois de formar um redemoinho. “Esses tipos, observava Caçulinha, contemplando-o, sempre entendem de Aritmética: mas duvido que saiba quais são os reinos da Natureza”. Como a sua voz era assim rouca e fanhosa, de longe não se entendia o que estava dizendo. Mas todos olhavam para ele admirados, e a professora aprovava as suas palavras, brincando com a flecha, graciosamente, para um e outro lado.

Que tinha dito o menino? Que os “Reinos da Natureza eram três: o animal, o vegetal e o mineral” – e ainda se pusera a exemplificar, como se fosse ele mesmo velho professor da matéria. O que estragava a dissertação

era aquela voz medonha, ora grave, ora aguda, desconjuntada e sem clareza. Mas que os reinos da Natureza se chamassem assim deixava Caçulinha muito pensativa. Um mundo era o seu mundo, em casa, de onde se via tudo com aspectos mágicos, entre fulgurações, como quando Pedrina lhe mostrava a profundidade do céu, ao romper-se em relâmpagos. Naquele mundo, tudo se adivinhava, as criaturas paravam na sua essência, desprendidas de limites terrenos. Outro mundo era o mundo da escola, onde se apagavam todas essas noções recebidas como por inspiração, do íntimo contacto com o que se sonha e o que se vive, para colocar outros nomes sobre cada coisa, como se via naqueles grandes cartões de amostras várias, em que ela ia descobrindo agora pequenas etiquetas.

Felizmente, não foi ela que quebrou os reinos do seu cavalo de estrela branca na testa, nem o do elefante sagrado, nem o do príncipe da pluma azul. Eles continuaram intactos na sua alma. Aquelas tristes crianças que a cercavam é que falavam de animais, vegetais, minerais, com a maior frieza. Voltou para casa pensando nisso e contou a Pedrina suas melancolias.

Repouso absoluto

Os médicos decidem, em redor do paciente. É de repouso absoluto que ele precisa. Nada de família em redor. Cada família tem os seus histéricos, os seus malcriados: é preciso poupar ao doente as cenas diárias do teatro familiar. Deve ser hospitalizado. Deve ser hospitalizado. Precisa de repouso absoluto. De repouso absoluto.

Instala-se o paciente na cama que lhe reservaram, embrulha-se nos seus agasalhos, fecha os olhos, procura esquecer o que o afligia – notícias de jornais, programas excitantes de rádio, discussões de família, o automóvel que buzina sem fim à sua porta, a dissertação que lhe fez a filha sobre “este mundo carnal”.

Fecha os olhos o paciente, e começa a libertar-se de tudo. Mas de repente estremece: os vizinhos do primeiro quarto começam a conversar. Há uma senhora que toma conta dos assuntos: é a espinha dorsal da conversa. Uma espinha comprida, infinita, que nem a de uma serpente. E dela irradiaram também infinitas ramificações. Trata-se da análise de várias vidas. Mas não a deixam expor linearmente as suas opiniões: cada um a interrompe para ter a sua oportunidade não só de opinar, mas de mostrar que fala com desembaraço ainda maior. A espinha dorsal, porém, que na verdade é fina e aguda como as espinhas, continua no mesmo tom, aflautado e esguio, combatendo todas essas intervenções com a sua persistente monotonia.

No meio da conversa há um surdo. Mas um surdo tão interessado que cada pessoa repete três ou quatro vezes alguma frase que lhe escapa. E as vozes vão subindo, inflamadas, e cada vez é maior o número de interlocutores.

Antes que fiquem áfonos, uma das senhoras presentes interrompe de leve a conversa para oferecer balinhas. Balinhas? Balinhas? Uma balinha?

Um moço de voz bem forte leva os assuntos para o caminho político. E o desgraçado paciente, que não queria saber de notícias de jornais, nem de rádio, nem de nenhuma fonte transmissora, fica ali a ouvir discursos sobre a desvalorização da moeda, a inflação, o custo de vida e muitos cálculos em dólares e em cruzeiros. (Ah! não sabe o que fazer.)

O filho malcriado responde com palavras brutas à mãe que o repreende. A mãe fica furiosa, entre as balinhas e os dólares. O surdo pede que

repitam, que repitam a última frase. (O paciente pede a Deus que lhe dê bom humor para ouvir tudo aquilo como se fosse uma brincadeira, uma história para diverti-lo.)

Mas os vizinhos têm fome; querem torradas, guaraná, sanduíches, suco de frutas. (Do doente não se ouve nada. Apenas se sabe da sua existência porque às vezes lhe diz uma voz de megera: “Feche os olhos, feche os olhos e beba tudo! Beba tudo, não ouviu? Feche os olhos!”) Então o paciente respira com felicidade. Ele, ao menos, está sozinho, embrulhado na sua cama, sem as fúrias de Orfeu a quererem despedaçá-lo.

O doente espirra e a megera proíbe-o. “Não lhe disse que não espirrasse!” Depois a espinha dorsal da conversa vai-se embora, com sapatos de salto de ferro que fazem *tem-tem-tem* ao longo de todo o corredor.

O paciente procura mergulhar no seu repouso absoluto. Não pode. Chegam outras visitas, e agora também para o quarto do outro lado.

Enfim, nada daquilo o atinge, nada daquilo lhe diz respeito: mas todo o seu quarto está cercado de ressonâncias maléficas. E ele dispõe suas fracas energias para conseguir repousar. Apenas isso: repousar.

João, Francisco, Antônio

João, Francisco, Antônio põem-se a contar-me a sua vida. Moram tão longe, no subúrbio, precisam sair tão cedo de casa para chegarem pontualmente a seu serviço. Já viveram aglomerados num quarto, com mulher, filhos, a boa sogra que os ajuda, o cão amigo à porta... A noite deixa cair sobre eles o sono tranquilo dos justos. O sono tranquilo que nunca se sabe se algum louco vem destruir, porque o noticiário dos jornais está repleto de acontecimentos inexplicáveis e amargos.

João, Francisco, Antônio vieram a este mundo, meu Deus, entre mil dificuldades. Mas cresceram, com os pés descalços pelas pernas, como os imagino, e os prováveis suspensórios – talvez de barbante – escorregando-lhes pelos ombros. É triste, eu sei, a pobreza, mas tenho visto riquezas muito mais tristes para os meus olhos, com vidas frias, sem nenhuma participação do que existe, no mundo, de humano e de circunstante.

João, Francisco, Antônio conhecem os passarinhos, pena por pena, são capazes de descrevê-los: acompanharam os seus hábitos, sabem as árvores onde moram, distinguem, no sussurro geral, a voz de cada um.

João, Francisco, Antônio conhecem as pedras, as suas arestas, a sua temperatura, que faíscas desprendem de noite. Conhecem as fisionomias das casas, e, evidentemente, os seus habitantes, os letreiros das lojas, os diversos comerciantes e os seus negócios. Tudo isso é uma forma de instrução que vem da infância, que ocupou os dias sem possibilidades especiais de aquisições sistematizadas. Aprenderam nomes de ruas e veículos, observando, alguns deles, com particular curiosidade, quando a vocação é para engenhos, máquinas, motores. Mas outros, por natureza menos práticos, mais poéticos, decerto, construíram papagaios, combinando cores de papel de seda, inventando formas geométricas, recortando bandeirinhas, levantando nos ares as suas transparentes construções, querendo alcançar o céu – que talvez julgassem alcançável – ou apenas as nuvens, para sentirem, na ponta de uma linha, como se encastelam e como se desfazem.

Não falo de outros, que matam passarinhos com atiradeiras, que quebram vidraças, que maltratam os outros meninos da sua idade, que lhes rasgam as roupas... Não, não, quero falar de João, Francisco, Antônio, os que, desde

pequenos, vêm sendo construtivos, que procuram realizar-se, entre as maiores dificuldades, ajudando os pais, amparando os irmãozinhos, realizando suas breves alegrias entre mil sombras.

João, Francisco, Antônio conseguem, a tanto custo, aprender alguma coisa do que é preciso para encontrarem o caminho do seu trabalho, e, se possível, da sua vocação. Mal saídos da adolescência – quando outros da mesma idade, em outras condições, folgam, e acham ou que é cedo para começar ou que já são infelizes porque ouviram falar de assuntos do mundo adulto –, eles vão para algum trabalho de madrugada, sentem-se uma parte da família a que pertencem e querem ajudar-se e ajudá-la.

João, Francisco, Antônio amam, casam, acham que a vida é assim mesmo, que se vai melhorando aos poucos. Desejam ser pontuais, corretos, exatos no seu serviço. É dura a vida, mas aceitam-na. Desde pequenos, sozinhos sentiram sua condição humana, e, acima dela, uma outra condição a que cada qual se dedica, por ver depois da vida a morte e sentir a responsabilidade de viver.

João, Francisco, Antônio conversam comigo, vestidos de macacão azul, com peneiras, lavando vidraças, passando feltros no assoalho, consertando fechos de portas. Não lhes sinto amargura. Relatam-se, descrevem as modestas construções que eles mesmos levantaram com suas mãos, graças a pequenas economias, a algum favor, a algum benefício. E não sabem com que amor os estou escutando, como penso que este Brasil imenso não é feito só do que acontece em grandes proporções, mas destas pequenas, ininterruptas, perseverantes atividades que se desenvolvem na obscuridade e de que as outras, sem as enunciar, dependem.

Por isso, as enuncio, porque sei que, na sombra, se desenvolve este trabalho humilde de Antônio, Francisco, João.

O que se vê do hospital

Ah! o mar, o mar! A Guanabara com as suas ilhas, as suas diferentes embarcações e o horizonte com as montanhas azuis que a neblina envolve, esbate, e quase as confunde com o céu – felicidade para o olhar de quem se debruça com sonhos de distâncias, viagens, recordações, no parapeito da amurada do hospital.

O primeiro plano ainda é do hospital, e andam as enfermeiras, os médicos, as macas que transportam os doentes do corpo principal do edifício para o ambulatório. Grande movimento. Como há enfermos tão necessitados de socorro! Como é preciso atender a tantos casos! E, até onde sei, como se tem aprendido a tratar cada criatura não apenas com a medicina adequada, mas com a ternura, atenção moral, de grande eficácia, com resultados surpreendentes!

Nesse mesmo plano, sob amendoeiras que, há pouco todas desfolhadas, começam a enverdecer, está o galpão de uma serraria, coberto de zinco. E vejo, separados por tábuas, depósitos de terra, de areia, de pedra miúda. E há madeira amontoada, e coisas fechadas em caixas. Passam médicos, enfermeiras que vão para o ambulatório e laboratórios; doentes com roupões que o vento abre conversam com muitos gestos, decerto pessoas que vêm para o hospital fazer visitas e os que se encontram. E as ambulâncias passam ou ficam paradas, e há belos automóveis particulares que deslizam, de modelos elegantes que fazem sonhar com passeios pelas serras, com viagens pelas estradas de Minas e São Paulo... Assim ficam os meus olhos sonhando, aqui onde tenho de repousar por excesso de trabalho...

Sucedem-se os planos: edifícios da alfândega, de uma arquitetura que não me desgosta; muitos automóveis parados ao lado um do outro, muito limpos, e armazéns do cais do porto com telhados perfeitos e decerto varridos pelo vento: sem uma folha, sem um pedaço de papel, com as telhas todas certas, como se jamais alguma houvesse sido quebrada. É agradável ver assim as casas por cima. E ainda mais agradável para mim, porque existem aqui claraboias, que, na minha infância, me causavam felicidade devido à luz que delas via descer e que me fazia pensar que produzia luar de dia. Haverá quem não ame a claridade do luar?

E há barris, muitos barris, metálicos, verdes, azuis, vermelhos. Pergunto o que contêm, dizem-me que é petróleo...

E uma rua e outros edifícios igualmente limpos, um deles com uma torre verde. E do lado direito muitos automóveis parados, todos cintilantes. (Agora há um especial serviço sobre o estacionamento dos automóveis, que uns elogiam e de que outros se queixam: ali estão muitos, muitos, mas este lugar é tão longe do centro da cidade!)

E depois se levantam os guindastes: como esqueletos de girafas, abaixando-se e levantando-se às vezes, em trabalho, mas por muito tempo imóveis. E então é o mar, o mar com a água quase imóvel na baía de Guanabara, por onde correm pequenos barcos, muitos petroleiros, e onde aparecem grandes navios brancos que chegam, silvando, puxados pelos pequenos rebocadores com os passageiros debruçados no convés, a contemplarem a cidade, que vista daquele ponto provavelmente apresenta um dos seus lados antigos.

E lá vão os rebocadores puxando o enorme navio branco, um pela frente, um outro por detrás, para colocá-lo onde deve ficar. Então, meu corpo continua aqui na amurada da varanda do agradável apartamento do hospital – mas esta que escreve, esta que pensa, que sonha, talvez esta que é, transporta-se para o navio, onde um dia viajou, que conhece por dentro, e sobe a escada e passa pelas salas desertas, e sente sob os seus pés a maciez dos tapetes, e respira o cheiro de verniz das pinturas, e vê os copeiros enchendo nas bandejas os copos das bebidas que não lhe interessam, mas vão ser oferecidas no convés; e ouve as conversas, que já conhece, e contempla os espelhos, as cortinas, as poltronas vazias, a solidão geral, o piano, e quase deseja que os viajantes descessem, que pudessem estar limpos... – e que pudesse entrar nos camarotes, que deviam estar limpos, e se pudesse trazer o corpo, e uma companhia, e não ver apenas a Ilha das Enxadas, aqui perto, mas as outras, e partisse, e se sentisse balançada no adorado mar, e visse à noite os peixes cintilantes e o céu cheio de estrelas.

Ah! volto para o hospital. O navio já foi levado para o lugar adequado. Ao longe, a Serra dos Órgãos toda azul e o Dedo de Deus apontando para o céu. Que todos pensem nessas alturas, para além das nuvens, dos planetas, das estrelas, para além do Sol, para a vastidão que nós, modestos humanos, não sabemos como é, o que é, como devemos imaginar.

A quinhentos metros

A quinhentos metros, os vossos belos olhos desaparecem; e essa claridade do vosso rosto; e a fascinação da vossa palavra. É uma pena (eu também acho que é uma pena!), mas, a quinhentos metros, tudo se torna muito reduzido: sois uma pequena figura sem pormenores; vossas amáveis singularidades fundem-se numa sombra neutra e vulgar. Ao longe, caminhaís como qualquer pessoa – e até como certas aves: é o que resta de vós: esse ritmo, na imensa estrada que também se vai projetando, estreita e indistinta, sobre o horizonte.

Bem sei que tendes muitas inquietações: há um mês de maio na vossa memória, e um campo em flor, e um arroio que cantava numas pedrinhas, e depois muitas, muitas cidades grandiosas e indiferentes, e teatros acesos, ramos de flores, ceias, risos, vozes, adereços de turquesa, – bem sei, bem sei. Bem sei que tudo isso ficou a mais de quinhentos metros, e ainda de longe continuais a sofrer. Mas para quem vos olha a uma distância de quinhentos metros, essas dimensões que levais convosco deixam de existir. As canções que aprendestes e a dor que sabeis, nada se avista daqui. Sois uma sombra muito pequenina, prestes a perder mesmo o ritmo do passo, a parecer parada como o próprio chão. Podereis ir para um lado ou para outro: daqui a pouco nem saberemos para onde fostes: e as vossas decisões estarão fora do nosso alcance, como vós estareis fora da nossa vista.

É bem triste tudo isso, porque nós vos amamos, e gostaríamos de responder, se por acaso nos chamásseis: mas, a quinhentos metros, é bem difícil ouvirmos a vossa voz. Mandamos pelo ar nossos bons pensamentos: mas que acontece aos pensamentos, mesmo aos melhores, desde que partem, desde que se desprendem de nós? Onde vão pousar os nossos bons pensamentos? E as pessoas a quem os dirigimos serão exatamente aquelas que os encontram?

Tenho muita pena de tudo isso: mas a pena vai ficando também menor, cada vez menor, à medida que avançais para longe: o sofrimento acompanha seu dono; nós apenas o vemos, e algumas vezes o compreendemos, sem, no entanto, o podermos tomar para nós, desfazê-lo ou dar-lhe outra direção. E ele também vai ficando pequenino, diminuindo, com a distância, para nós que não o carregamos, que apenas ouvimos dizer

que existe. É como, nos mapas, o desenho de um rio que jamais encontramos: é certo que passa por ali, mas não sabemos nada de suas histórias, reflexos e ecos.

A quinhentos metros, na verdade, há muita ausência, vamos acabando muito depressa. Pensai que, geralmente, neste mundo, há sempre cerca de quinhentos metros de uma pessoa para outra! Somos só desaparecimento. E apenas quando conseguimos ficar, também, a uns quinhentos metros de nós mesmos, encontramos algum sossego. Porque, então, é a vez dos nossos tormentos mudarem de proporções e aspecto. De serem vistos só de longe, sem pormenores, sem voz, sem ritmo: nem mês de maio, nem flores, nem arroio. Talvez a memória serenada. Talvez nem a memória... – É assim em quinhentos metros!

Amada neve

Quando ouço dizer que o frio vai chegar, que há massas frias, ondas frias, ventos frios que vêm do sul, uma alegria se expande no meu peito: como se alguém me chamasse para viajar!

Não é que eu não ame este cálido clima, a preguiça dourada, azul e branca deste mar. Não é que eu não goste destas redondas mangueiras, com seus frutos e pássaros, tudo embebido de lembranças antigas de um tempo de varandas, redes, sombrinhas, leques, refrescos...

Mas o frio faz-me pensar em neve, e eu também amo a neve; e às vezes tenho um desejo louco de ir ao seu encontro, de beijá-la no ar, de senti-la em redor de mim a cair como um jasmineiro de cristal que se desfolha.

Conheci-a primeiro nos livros coloridos, com figuras de crianças que patinavam, de gorro e cachecol, que faziam bonecos do tamanho de barris, bonecos de neve que pareciam de açúcar, tão redondos e brancos. E os meninos vermelhos e risonhos amassavam-na com as mãos, abriam os braços para o céu, que baixava em flocos... e eu queria estar brincando com aquelas crianças, tão felizes, nas suas malhas de lã.

Um dia, a neve surpreendeu-me na montanha. O céu estava azul, a paisagem estendia-se imensa e tranquila. De repente, as centelhas de neve começaram a luzir daqui, dali, como vaga-lumes de prata. As galinhas corriam para os seus abrigos, o cãozinho sacudia as orelhas e a cauda, os lavradores enfiavam, apressados, suas capas de palha. E a neve caía, cada vez mais densa, e logo os telhados e as árvores foram ficando brancos, e o céu perdeu sua cor, não houve mais horizonte, a paisagem era uma enorme folha de papel com breves linhas e pontinhos negros, tal uma gravura com sucintas indicações de vales, povoações, estradas... O mundo parecia desabitado e morto.

Mas dentro das casas, ao contrário, concentrava-se um palpitante calor humano: as criaturas pareciam mais amigas, próximas e cordiais. Serviam copinhos de conhaque, esfregavam as mãos, agasalhavam as crianças. O piano aberto esperava as mãos que o fariam cantar e as chamas douradas da lareira iam dançando antes da música. Parecia-me que era o milagre da neve: fazer amar a casa, os móveis, a terrina de sopa fumegante, os quadros que, à luz instável da lenha, animavam suas expressões. As pessoas,

aconchegadas em suas lãs, reuniam-se afetuosamente, dispostas a pensar juntas, a conversar, a concordar...

Oh! a mornidão tropical do meu país, como dispersara esse convívio do espírito! Lá, ficávamos soltos na areia, nas águas, no ar, de olhos fechados, naufragando em calor... Podíamos ter forças para estes encontros carinhosos? Não éramos dissolvidos pelo clima, dispersados pela fadiga do sol?

.....
.....

(Os ventos frios do sul!... as massas frias!... Amada neve!). Ela não chegará até aqui. Não virá bater nas minhas vidraças com seus raminhos de flores de água... Ela estará fustigando os cafezais, prejudicando as colheitas... Se pudesse chegar pelos ares, sem maltratar as plantas, sem molestar ninguém... se viesse como um jardim branco desfolhar-se pela paisagem! se fosse apenas uma festa cintilante... um brinquedo dos ares... uma alegria da água desenhando-se e apagando-se em nossas mãos! – um verso do inverno, caindo do céu, letra por letra!...

Nosso irmão burrinho

Os dias andam cheios de calamidades e os homens e os elementos dão plena expansão às suas fúrias. Os tufões sucedem-se num voo aterrador, carregando cidades, árvores, vidas... Sobem para o céu tremendas explosões mortíferas. Por dentro da terra, circulam experiências de outras explosões. Varam o espaço foguetes mal intencionados. Caem do céu aviões de todos os tamanhos. Parece mesmo que o mundo vai acabar pelo fogo. Vulcano está movimentando sua forja com desespero, e qualquer dia pode ser que cheguemos ao Juízo Final.

No meio dessas tragédias, com a sanha dos homens e a dos elementos igualmente desencadeadas, a melhor, a mais bela, a mais emocionante notícia não é a da aposentadoria dos nossos burrinhos do lixo? Eles andaram um tempo sem fim por estas nossas pobres ruas maltratadas, e, quando havia alguma limpeza, era trabalho seu e de seus companheiros humanos. Seus companheiros cantavam: todos os lixeiros que encontro estão sempre cantando. Seus companheiros dançavam, com baldes para cá e para lá, com luvas e sem luvas, e a mais humilde das ocupações humanas enfeitava-se de uma alegria comovente. Porque os lixeiros são criaturas das mais importantes, na boa ordem da cidade, embora pareçam uns desconhecidos sem nome e sem prestígio, tanto anda às avessas o nosso sistema atordoado de raciocínio.

Ao lado dos lixeiros cantores, dançarinos, criaturas alegres por natureza, de uma soberana alegria capaz de superar a humildade do trabalho de cada dia, os burrinhos ficavam quietos, de olhos baixos, muito reflexivos, como é da sua condição – e também por delicadeza, por uma noção, que lhes é inerente, de boas maneiras, de paciência, de civilidade.

Os adultos não veem mais nada disso, mas, no tempo em que ainda eram crianças, não se lembram, os adultos, como eram simpáticos os burrinhos, tão pacatos, tão discretos, sem partido político nem escola literária, sem comício nem abaixo-assinado, dedicados apenas a seu trabalho honesto e metódico, tão disciplinados que – desculpem-me, senhores! – poderiam dar exemplo a muita gente considerada ilustre?

Pois agora foram aposentados os burrinhos, e eu os vi, muito circunspectos, com grande dignidade, sem discurso nem diploma de mérito,

chegarem ao fim de sua carreira de funcionários, para grande saudade da paisagem. E eis que, nesse momento, os alegres lixeiros sentem saudade, também, não sabem como ficar sozinhos, não se querem separar de seus companheiros de trabalho, e eu vi S. Francisco de Assis sorrir no céu, pois, acima de fuzilamentos e desastres, de tufões e ódios, de vaidades e bombas, de invejas e ambições – os lixeiros amavam muito os seus burrinhos! Antes do Juízo Final, senhores, ainda havia algum amor.

Bombas com e sem endereço

Estou vendo daqui o grego, mais do que grego, ateniense – perguntar quase para si mesmo: “E se uma bomba explodir? – que vai ser da Acrópole?”

Ficamos todos à espera da resposta, gregos e troianos, porque a Acrópole não é só de Atenas, a Acrópole é uma herança de nós todos; para uns, mais legítima e direta, para outros, mais platônica e de usufruto... “Que vai ser da Acrópole?”

A Grécia foi posta ali, exatamente como para ponto de encontro do Ocidente com o Oriente, da Europa com a África: um obrigatório cruzamento, tendo como marco e símbolo uma construção composta de invenções matemáticas e confluências de espírito. Nessas altas colunas entre o céu e a terra parece haver um acordo, uma pacificação divina e humana. Olha-se para cima e naquela balança de mármore parece existir uma promessa de equilíbrio para todos os erros, uma compreensão, uma conclusão pura de um raciocínio lúcido.

Mas estou vendo o ateniense com um suspiro, diante do seu café ou do seu vinho resinado, a querer indagar o que pode acontecer ao amado monumento se uma bomba chegar com sua violência àquela placidez, e desafiar aquela perfeição do espírito com a sua engenhosa bravura tresloucada.

Outro ateniense mais prático responderá ao primeiro que a Acrópole acabará, como qualquer coisa sem importância. Que para as bombas nada é nada, nada é coisa nenhuma, que as bombas não têm endereço, e podem derrubar a Acrópole ou o quarto de carneiro pendurado num gancho no mercado; ou as esponjas que o ambulante leva pelas ruas, em redor do corpo; ou as delicadas anêmonas que sobem pelos montes...

As bombas são as bombas.

E esta é a nossa pena de que as bombas sejam bombas e não tenham endereço certo. Porque ou elas poderiam escolher, ou poderíamos escolher nós, e então pode ser que se chegasse a uma boa paz, dando às bombas o que lhes pode pertencer e ao espírito aquilo que lhe é próprio.

As bombas não cairiam na Acrópole: para começar. Jamais na Acrópole. Nem na Notre-Dame, nem em Florença, nem em meia dúzia ao menos de

lugares de vários países da Europa, do Oriente e mesmo das Américas que, por mais jovens, não possuem ainda coisa de igual porte. Mas não cairiam, de forma alguma, em qualquer lugar onde residisse um pensamento generoso, um profundo respeito pela humanidade, pelo que se tem conseguido fazer nesta pobre terra obscura, com tantas dificuldades, sonho, renúncias, trabalho, amor, lágrimas.

O grego de Atenas é mais qualificado do que eu para dizer onde seria possível deixar cair uma bomba, se as bombas pudessem ter endereço. Creio que ele ficará pensando nisso, com seu cérebro filosófico, e não encontrará nenhum lugar para uma bomba. Não há nem linha nem ponto nem ângulo nem intercessão da terra onde não haja também um sentido terrestre e celeste, que é a nossa dignidade, que é a nossa fraternidade, que é a nossa solidariedade. Que relação existe entre o espírito clarividente e a bomba cega?

Mundo dos manequins

Conheci primeiro os manequins das alfaiatarias: moços de rosto muito bonito, com um gentil sorriso à flor dos lábios, os braços num gesto de quem conversa, e o corpo num equilíbrio um pouco incerto, como pronto a cair para a frente. Eu era muito criança, e achei que aqueles moços, bonitos assim, deviam ser os príncipes das histórias que me contavam, e que, por qualquer motivo, se haviam refugiado naquelas casas, vestindo aquelas roupas banais. Mais tarde, conheci os manequins de vestidos de noiva: esses eram mais sedutores, com tantos véus; tantos bordados brilhantes, de miçanga; e aquela primavera dos botões de laranjeira... Olhavam para um único ponto, sorriam o mesmo sorriso de covinha na face, tentavam dar um passo – como se podia ver pela ponta do sapatinho de cetim sob a orla do vestido.

Era como se fossem andar, falar! Que pena! Tão belas! Pareciam gente!

Outros manequins foram aparecendo, mas já sem aquele mistério do passado, porque a infância nos manda partir, e fica longe, com seus assombros e suas fantasias.

Há pouco tempo, encontrei numa festa vários manequins. Não como aqueles de antigamente, parados nas lojas, com seus formosos rostos de cera, seus lábios quase palpitantes, suas mãos de rosa e marfim tentando sentir o ar...

Não, estes manequins eram outros. Eram belas moças, altas, atléticas, senhoras de si, confiantes nos seus penteados postiços, nas suas unhas postiças, nos finíssimos saltos dos seus sapatos verídicos. E nos vestidos que iam exhibir. (Nada que se parecesse com a ingenuidade das antigas modas, mas, ao contrário, tudo quanto parece impossível de usar.) E assim, na antessala em que se encontravam, os manequins miravam-se ao espelho com ar soberano. Experimentavam sorrisos, maneiras de olhar, gestos de braços e mãos, giros e atitudes do corpo. Davam uns poucos passos enérgicos, levantavam as sobancelhas, para um público imaginário, como quem diz: “Admirai-me!” E logo viravam-se, com infinito desprezo, oferecendo ao espectador futuro a linha das espáduas, a curva da cintura. “Admirai-me mais”! (Detinham-se.) Recomeçavam a andar, com displicentes fastios, tornavam-se como panteras macias, lânguidas,

saudosas – e bruscamente assumiam um ar épico, envolviam-se nas suas sedas e peliças, e partiam como para uma guerra de valquírias ou de vestidos. (De vestidos, naturalmente.) E estavam tão disciplinadas, essas moças, com mecanismos tão finos e bem escondidos que, embora respirassem – e até transpirassem! – sentia-se perto delas uma grande ternura: a ternura das crianças diante de complicados brinquedos. “Tão bonitas! Pareciam bonecas, mesmo... – Ah, não, não pareciam gente...”

A Ilha do Nanja

É um grande consolo possuir-se a Ilha do Nanja, uma ilha que não se vê no mapa, mas que descansa tranquilamente no meio do oceano, do vasto oceano das solidões.

Apenas uma vez visitei a minha ilha – herança obscura, propriedade remota, inalienável, usufruto de outros, que a julgam sua, que não sabem da minha pessoa nem dos meus títulos. A ilha, porém, é totalmente minha, por um direito mais decisivo e profundo que o das fórmulas jurídicas. E apraz-me ouvir falar seus moradores e visitantes na sua inocente ignorância, louvando lugar e clima e horizontes, certos de tudo conhecerem, do que os cerca, mas sem nenhuma noção exata da minha ilha – da Ilha do Nanja.

Quando eu andei por lá, mostravam-me seus montes e seus lagos; davam-me a beber de suas diversas fontes; colhiam, para oferecer-me, suas flores surpreendentes. Tão senhores de si, tão certos de seus movimentos e atitudes, cercavam-me de gentilezas, como é próprio dos que dispensam hospitalidade a um forasteiro. Como lhes poderia explicar que se encontravam diante da pessoa a quem tudo aquilo pertencia, e como poderiam jamais entender que os bens que desfrutavam não eram, sequer, os de maior valor?

Nédias vacas, encaracoladas ovelhas, arroios sussurrantes... Os carros pesados de frutos redolentes... Os barcos de pesca... As procissões pisando ruas de flores... Tudo isso é a Ilha do Nanja: mas a Ilha do Nanja não é nada disso. É muito difícil explicá-la, pois certamente ela é o que não é; sua beleza não está no que se vê, nem sua riqueza depende do que suas terras e águas possam produzir.

Falaram-me de descobrimentos, de donatários, de povoadores; contaram-me velhos assombros: houve tempo em que pelas suas praias apareciam sereias cantoras, enquanto, em volta dela, passeavam misteriosas embarcações, às quais talvez não fosse estranho o próprio Ulisses.

E houve monstros, também, que se levantavam, corcoveantes, e esperavam o sacrifício de resignadas donzelas, para não saírem de seus antros marinhos e devastarem o pequeno território próspero.

Houve tudo isso e muito mais – de que existem apenas vestígios: nomes truncados, histórias confusas, coisas sonhadas que se misturam às vividas

ou apenas desejadas. Assim por cima da ilha; assim por dentro dela; essas navegações, essas sereias, esses monstros... E a memória de tudo isso, indelével em suas contradições e em seus impossíveis: a Ilha do Nanja! A ilha do que não vai acontecer, ou do que demora. (Com um vinho que vem de vulcões e nuvens onde aparece o rosto do Cristo.) A minha ilha, naquele oceano!

Natal na Ilha do Nanja

Na Ilha do Nanja, o Natal continua a ser maravilhoso. Lá ninguém celebra o Natal como o aniversário do Menino Jesus, mas sim como o verdadeiro dia do seu nascimento. Todos os anos o Menino Jesus nasce, naquela data, como nascem no horizonte, todos os dias e todas as noites, o sol e a lua e as estrelas e os planetas... Na Ilha do Nanja, as pessoas levam o ano inteiro esperando pela chegada do Natal. Sofrem doenças, necessidades, desgostos, como se andassem sob uma chuva de flores, porque o Natal chega: e, com ele, a esperança, o consolo, a certeza do Bem, da Justiça, do Amor. Na Ilha do Nanja, as pessoas acreditam nessas palavras que antigamente se denominavam “substantivos próprios” e se escreviam com letras maiúsculas. Lá, elas continuam a ser denominadas e escritas assim.

Na Ilha do Nanja, pelo Natal, todos vestem uma roupinha nova – mas uma roupinha barata, pois é gente pobre – apenas pelo decoro de participar de uma festa que eles acham ser a maior da humanidade. Além da roupinha nova, melhoram um pouco a janta, porque nós, humanos, quase sempre associamos à alegria da alma um certo bem-estar físico, geralmente representado por um pouco de doce e um pouco de vinho. Tudo, porém, moderadamente, pois essa gente da Ilha do Nanja é muito sóbria.

Durante o Natal, na Ilha do Nanja, ninguém ofende o seu vizinho – antes, todos se saúdam com grande cortesia, e uns dizem e outros respondem no mesmo tom celestial: “Boas Festas! Boas Festas!”

E ninguém pede contribuições especiais, nem abonos nem presentes – mesmo porque se isso acontecesse, Jesus não nasceria. Como podia Jesus nascer num clima de tal sofreguidão? Ninguém pede nada. Mas todos dão qualquer coisa, uns mais, outros menos, porque todos se sentem felizes, e a felicidade não é pedir nem receber: a felicidade é dar. Pode-se dar uma flor, um pintinho, um caramujo, um peixe – trata-se de uma ilha, com praias e pescadores! – uma cestinha de ovos, um queijo, um pote de mel... É como se a ilha toda fosse um presepe. Há mesmo quem dê um carneirinho, um pombo, um verso! Foi lá que me ofereceram, certa vez, um raio de sol!

Na Ilha do Nanja, passa-se o ano inteiro com o coração repleto das alegrias do Natal. Essas alegrias só esmorecem um pouco pela Semana Santa, quando de repente se fica em dúvida sobre a vitória das Trevas e o

fim de Deus. Mas logo rompe a Aleluia, vê-se a luz gloriosa do Céu brilhar de novo, e todos voltam para o seu trabalho a cantar, ainda com lágrimas nos olhos.

Na Ilha do Nanja é assim. Árvores de Natal não existem por lá. As crianças brincam com pedrinhas, areia, formigas: não sabem que há pistolas, armas nucleares, bombas de 200 megatons. Se soubessem disso, choravam. Lá também ninguém lê histórias em quadrinhos. E tudo é muito mais maravilhoso, em sua ingenuidade. Os mortos vêm cantar com os vivos, nas grandes festas, porque Deus imortaliza, reúne, e faz deste mundo e de todos os outros uma coisa só.

É assim que se pensa na Ilha do Nanja, onde agora se festeja o Natal.

Barquinho *Elenita*

O barquinho *Elenita* não pretende dar a volta ao mundo nem ganhar nenhuma corrida, mas apenas deslizar pelas águas do Xochimilco. Parece um pequeno andor com um caramanchão. Na frente, em cima, formando um frontal, dalias vermelhas, muito unidas, inscrevem, sobre o fundo compacto de dalias brancas, a palavra *Elenita*. Cada barquinho leva seu nome assim escrito em flores: *Consuelo, Guadalupe, Concepción...*

Poderíamos pensar nos barquinhos que caem do céu com Nossa Senhora “e os anjinhos a remar”... Mas quem rema é um índiozinho, na verdade sobre-humano, de falas aéreas e ausentes, com umas roupas largas a flutuarem com o vento em redor de seu corpo escuro e frágil.

A bem dizer, o barquinho *Elenita* vai deslizando sozinho, sem necessidade de remo ou vela. Parece uma nuvenzinha a correr por um espelho. A água é tão clara e luminosa que se tem a sensação de viajar dentro de uma turmalina. E, pelas margens, árvores muito altas franzem a folhagem sombria, veludosa, sobre um céu que apenas aparece aqui e ali, com a mesma claridade da água.

É muito agradável ir sentindo os minutos passarem no barquinho *Elenita*. O índiozinho não diz nada; faz apenas um vago movimento com o remo, de vez em quando. Parece um ornamento do barquinho, apenas, como as flores do caramanchão.

Os outros barquinhos aproximam-se com imensa delicadeza – tudo flores, turmalinas e um sedoso deslizar. As índias oferecem raminhos de amores-perfeitos tão grandes que se poderia escrever um poema em cada pétala. Ramos de dalias enormes, desgrenhadas, como sóis de labaredas cor-de-rosa. Os barquinhos cruzam-se, as índias sorriem, as flores passam para cá, as moedas para lá, tudo como num bailado, sem se perder o ritmo – e os barquinhos continuam a resvalar pela água espelhante.

Vêm os barquinhos de panos bordados; os de tecidos policromos; os de chapéus de copa enfunada; os de cestos finamente trançados... As indiazinhas levantam no ar sua mercadoria. O sol brilha em manchas de anil, púrpura, açafrão. Cada cor é como um pássaro a abrir as asas, a desprender-se do pano, da palha, do barro... O sorriso das moças é pequenino e branco. Seus olhos são pequeninos e pretos. Elas ficam

amarelas ao sol. Depois, ficam cinzentas, à sombra. E os barquinhos deslizam.

Vem um barquinho que já de longe cheira a cebola frita. As indiazinhas estão preparando comidas em seus fogareiros. E discretamente fazem seus convites para os outros barcos. Com uma voz esgarçada e cantante de passarinho, perguntam – quem quer provar? massas, pastéis, pimentões... Os barquinhos aproximam-se, dançam em redor do barquinho dos fogareiros, oscilam um pouco, as comidas passam para cá e para lá, com as moedas, o troco, as saudações, os sorrisos... E os barquinhos voltam às suas posições, continuam a deslizar...

Há o barquinho da música... E o som das guitarras se esvai pela água, pelas flores, pelos bosques...

O barquinho *Elenita* parece estar parado: mas não! vai fugindo como se a água fosse oblíqua. O indiozinho parece que dorme, em pé. Ninguém ousa dizer nada. Para onde irá o barquinho *Elenita*? (Ah! ninguém quer perguntar.)

O anjo da noite

Às dez e meia, o guarda-noturno entra de serviço. Late o cãozinho do portão no primeiro plano; ladra o cão maior do quintal, no segundo plano: de plano em plano, até a floresta, grandes e pequenos cães rosnam, ganem, uivam, na densa escuridão da noite, todos sobressaltados pelo trilar do apito do guarda-noturno. Pelo mesmo motivo, faz-se um hiato no jardim, entre os insetos que ciciavam e sussurravam nas frentes: que novo bicho é esse, que começa a cantar com uma voz que eles julgam conhecer, que se parece com a sua, mas que se eleva com uma força gigantesca?

Passo a passo, o guarda-noturno vai subindo a rua. Já não apita: vai caminhando descansadamente, como quem passeia, como quem pensa, como um poeta numa alameda silenciosa, sob árvores em flor. Assim vai andando o guarda-noturno. Se a noite é bem sossegada, pode-se ouvir sua mão sacudir a caixa de fósforos, e até adivinhar, com bom ouvido, quantos fósforos estão lá dentro. Os cães emudecem. Os insetos recomeçam a ciciar.

O guarda-noturno olha para as casas, para os edifícios, para os muros e grades, para as janelas e os portões. Uma pequena luz, lá em cima: há várias noites, aquela vaga claridade na janela: é uma pessoa doente? O guarda-noturno caminha com delicadeza, para não assustar, para não acordar ninguém. Lá vão seus passos vagarosos, cadenciados, cosendo a sua sombra com a pedra da calçada.

Vagos rumores de bondes, de ônibus, os últimos veículos, já sonolentos, que vão e voltam quase vazios. O guarda-noturno, que passa rente às casas, pode ouvir ainda a música de algum rádio, o choro de alguma criança, um resto de conversa, alguma risada. Mas vai andando. A noite é serena, a rua está em paz, o luar põe uma névoa azulada nos jardins, nos terraços, nas fachadas: o guarda-noturno para e contempla.

À noite, o mundo é bonito, como se não houvesse desacordos, aflições, ameaças. Mesmo os doentes parece que são mais felizes: esperam dormir um pouco à suavidade da sombra e do silêncio. Há muitos sonhos em cada casa. É bom ter uma casa, dormir, sonhar. O gato retardatário que volta apressado, com certo ar de culpa, num pulo exato galga o muro e desaparece: ele também tem o seu cantinho para descansar. O mundo podia

ser tranquilo. As criaturas podiam ser amáveis. No entanto, ele mesmo, o guarda-noturno, traz um bom revólver no bolso, para defender uma rua...

E se um pequeno rumor chega ao seu ouvido e um vulto parece apontar na esquina, o guarda-noturno volta a trilar longamente, como quem vai soprando um longo colar de contas de vidro. E recomeça a andar, passo a passo, firme e cauteloso, dissipando ladrões e fantasmas. É a hora muito profunda em que os insetos do jardim estão completamente extasiados, ao perfume da gardênia e à brancura da lua. E as pessoas adormecidas sentem, dentro de seus sonhos, que o guarda-noturno está tomando conta da noite, a vagar pelas ruas, anjo sem asas, porém armado.

Saudade da Ilha do Nanja

Antigamente, eu quase não pensava na Ilha do Nanja; ou, melhor, não pensava nela com esta saudade de agora. Sabia-a no meio do mar, coberta de flores azuis, com estufas de ananases no lugar dos velhos laranjais dos meus avós. Via, como em sonho, seus maravilhosos e minuciosos presépios, organizados por mãos pálidas de freiras, dinastias de freiras alimentadas de alvuras e de luz. Ouvia suas cantigas, ao longo dos campos ou das *canadas*; conhecia a cor dos seus muros de pedra, das suas fontes perdidas, do ar enfumaçado pelo bafo morno e amarelo do seu vulcão... Deleitava-me, às vezes, em pensar nas sereias que habitualmente dão à costa, na Ilha do Nanja; e, conforme os tempos, vêm habitar na terra, ou tornam a voltar para as suas rochas submarinas.

Antigamente, a Ilha do Nanja, de minha absoluta propriedade poética, era um retiro apenas sentimental para alguma tarde ociosa, essas doces tardes que se vão acabando e quando ainda se podia, em imaginação, e com a cumplicidade do silêncio e da sombra, viajar por Trebizonda ou pelo Posilipo. A Ilha do Nanja era um desses paraísos, lugar sem melancolia nem inquietação: uma taça de flores no Atlântico, uma concha de nácar.

Não sei o que se passou para que a Ilha do Nanja começasse a chamar por mim com tanta veemência. Ou eu por ela. De repente, sentia-me solicitada pelo seu refúgio: era a minha barca e a minha cabana, meu bosque de oráculo e minha palavra de proteção. Que terríveis coisas se me têm feito presentes, para que a Ilha do Nanja chegue a parecer um exílio feliz? Que vozes tão tremendas se fizeram ouvir, em redor de mim, para que o grave som do mar, sereno ou áspero, me pareça mais aprazível, e o seu verde anel de solidão me inspire uma confiança que vou perdendo pelos arredores humanos?

Certamente, é bom amar. Mas a quem? Por que se tornam as pessoas tão pobres de inspiração, tão desumanas e ferozes para que as pedras da minha ilha tenham, aos meus olhos, fisionomias mais brandas; para que as águas amargas que circulam pelo chão de enxofre, entre os rugidos do fogo subterrâneo, me pareçam de narrativa mais doce e de mais harmoniosa sabedoria?

Qualquer dia vou para lá. Vou procurar aquela pobre gente, sem arengas nem ameaças, toda voltada para os teares da sua existência, com fios de variadas cores, claros e sombrios, e entretecidos de canções. Tão distraídos com sua tarefa de existir, não me perguntarão o que vou fazer por lá. Creio que nem perceberão que cheguei. E isso é o que mais desejo.

Com os muros do mar por todos os lados, voltarei a contemplar as estrelas antigas, do tempo em que ainda não tinham nome. Os tangedores de harpa me encontrarão e reconhecerão. E seguiremos o caminho dos cânticos. Não estes, tão diversos, dos homens ávidos e furiosos: estes desatinados caminhos.

A moça de Málaga

Provavelmente, aquela moça de Málaga não existiu. Mas há muitas moças em Málaga, donas de igual beleza, que riem, choram, suspiram até por um noivo ferroviário que as leve de Málaga a Madri e outras malaguenhas...

Aquela deve ter começado a viver em alguma tarde morena de calor, quando um abastado proprietário, depois de assistir, com os dedos na cava do colete, uma ardente rinha de galos, depois de espairar pela Alameda, entre cigarros e limonadas, tenha resolvido – o chapéu para a nuca e os anéis e as medalhas da corrente a rebrilharem gitanamente – encomendar um cromo para enfeitar suas caixas de passas.

Um bom pintor não pensa em dinheiro. (Não pensava...) E eis o artista mergulhado em sua composição. Uns cabelos de mar noturno, com ondas, estrelas e caracóis. Assim serão os cabelos da moça de Málaga. O rosto como um jardim de rosas brancas e encarnadas. E a boca de coral fenício; e os dentes, de pérolas, e as sobrancelhas, grandes laços de veludo preto, argolas de ouro nas orelhas, como duas imensas luas, terá a moça de Málaga. Málaga, Malká, Rainha. Rainha queremos a moça de Málaga.

E o colo? Coluna e colinas, tudo entre as espumas da renda, que são da mantilha e do Mediterrâneo. Lá em cima, os olhinhos torcidos, pequenos peixes funâmbulos, em vivos saltos mortais. E muitas sedas, listras, lembranças orientais querendo ser vestidos ou cortinas. Tudo em redor da moça de Málaga.

Depois, o calor que faz! É preciso um leque. Apenas entreaberto, numa breve expectativa, pronto a falar sua linguagem cifrada. Não tanto pelo leque, mas pela pequenina mão, graciosa, arredondada em flor, com um anelzinho de pingentes, gota de orvalho presa à pétala. É preciso que seja assim a moça de Málaga.

E o pintor olha de longe e olha de perto. Gostaria de pintá-la com vagar, modelando-lhe o contorno: jarrinha? deusa? sacerdotisa? dançarina? Vagas e vagas de pano, marés de renda, praias, horizontes, litorais, viagens, continentes... Bem, mas é só a moça de Málaga. É só a moça de Málaga para as caixas de passas.

Assim é, medita o proprietário feliz, contemplando o cromo. Nem tudo são vinhedos, sol, cestos e carros, comprar e vender... Há também a linda

moça de Málaga, entre os bordados de papel da caixa, num pequenino chão perfumoso de uvas reduzidas a mel azul e roxo: céu, terra, sol e moça de Málaga.

Proprietário poeta, que não pretende apenas vender passas, mas um pouco do sonho que as uvas sempre dão. Como as uvas, também os cromos serão multiplicados: milhares de figurinhas irão sendo impressas: o rosto, o sorriso, o penteado, o olhar, as rendas, o leque na mão da moça de Málaga.

Uma criança doente receberá a caixa muito longe, outro país. Oh, que pena uma criança ter febre no dia de Natal! A caixa ficará ao alcance de suas mãos, de seus olhos. O aroma das passas encherá o quarto. E o aroma do cromo. E a moça de Málaga, soerguendo sedas e rendas, com seus pés pequeninos, começará a dançar.

Começará a dançar a moça que jamais existiu. Por ela sonharemos com formosos campos, altas serras, vergéis copiosos. Veremos barcos fenícios. Sorriremos para seu rosto de rosas brancas e encarnadas. Pensaremos em sua cinturinha de estatueta arqueológica. Muito longe ficará dançando a moça de Málaga.

O estranho mundo de hoje

Tenho andado muito melancólica desde que li essa notícia atroz de um raio que matou um músico entrando-lhe pelo próprio saxofone. Naturalmente, eu não conhecia o músico, mas pergunto-me: que pecado podia ter ele cometido para merecer essa morte apocalíptica?

Antigamente, os raios brandidos pela fúria divina iam direitos ao seu destino, para assustar ou punir os culpados, lembrando assim, à Terra, as leis e os poderes do Céu. E eis que nos tempos de hoje, com tantos transgressores soltos, tantos malvados escondidos pelas estradas ou fumando charuto nas suas poltronas, vem um raio escolher como objetivo o saxofone de um pobre músico. Ah! meus senhores, estes nossos tempos são difíceis de entender!

Pois eu estava assim melancólica e ouvi a jovem estrangeira falar um português tão correto que não pude deixar de perguntar-lhe: “Desde quando está no Brasil?” Ela me respondeu com a mesma perfeição: “Desde 1890.” Pensei: “Então estou falando com um fantasma. Por isso é que o seu português é tão puro...” Deve ter percebido nos meus olhos algum espanto, porque melhorou a resposta. Com um belo sorriso leal de quem reflete sobre os próprios erros, disse-me: “Aliás...” – ela sabia até dizer *aliás!*... – “aliás, desde 1860.” Continuamos a conversar como se nada tivesse acontecido. Eu sabia que, de um momento para outro, ela se poderia dissolver ante os meus olhos perplexos. Como era uma donzelinha tão gentil, embora evidentemente incorpórea, e tivesse na mão uma flor, eu, pensando na sua vetustez, falei-lhe com a prudência com que suponho se deve falar aos fantasmas: “Pois você parece a própria Primavera...” Ela suavemente me respondeu: “Não, este meu vestido é de Hong-Kong...” “Ah!...” exclamei. E vi que se tratava de um fantasma benigno, inclinado a brincar com palavras, e que certamente saíra de algum livro para distrair minha melancolia causada por aquele raio no saxofone.

“Você costuma ler os jornais?” – perguntei-lhe. Fez um gesto vago com a mão, ocupada com a flor. (Não devia ler, pois que durava tanto e tão jovem se conservava, tendo, só de Brasil, imaginai! mais de um século... Nós, com muito menos, andamos todos neuróticos e metade dos que morrem deve

morrer envenenada com o noticiário dos nossos dias... Eu mesma, com aquele raio no saxofone... Enfim...)

“Os jornais, às vezes, trazem coisas interessantes...” – disse-lhe. “Li umas respostas de estudantes, em suas provas escritas... Sabe o que um afirmou?” (Prestou atenção.) “Que quem matou Marat foi Charlotte Bronte...” “A dos Ventos Uivantes?” inquiriu com inteligência. “Não, a irmã dela...” (Tive um sorriso desconfiado.)

“Sabe o que disse outro?” – continuei. “Que a terra, de dia, gira em redor do sol e, de noite, em redor da lua...” Achou muita graça e perguntou, meio em dúvida: “Mas isso é impossível, não é?” Eu, porém, achava possível. E mais variado e poético. E, no meio deste mundo louco, diante da moça-fantasma, tentava sorrir com as loucuras nossas e vossas, da Terra e do Céu...

Edmundo, o céptico

Naquele tempo, nós não sabíamos o que fosse cepticismo. Mas Edmundo era céptico. As pessoas aborreciam-se e chamavam-no de teimoso. Era uma grande injustiça e uma definição errada.

Ele queria quebrar com os dentes os caroços de ameixa, para chupar um melzinho que há lá dentro. As pessoas diziam-lhe que os caroços eram mais duros que os seus dentes. Ele quebrou os dentes com a verificação. Mas verificou. E nós todos aprendemos à sua custa. (O cepticismo também tem o seu valor!)

Disseram-lhe que, mergulhando de cabeça na pipa d'água do quintal, podia morrer afogado. Não se assustou com a ideia da morte: queria saber é se lhe diziam a verdade. E só não morreu porque o jardineiro andava perto.

Na lição de catecismo, quando lhe disseram que os sábios desprezam os bens deste mundo, ele perguntou lá do fundo da sala: “E o rei Salomão?” Foi preciso a professora fazer uma conferência sobre o assunto; e ele não saiu convencido. Dizia: “Só vendo”. E em certas ocasiões, depois de lhe mostrarem tudo o que queria ver, ainda duvidava. “Talvez eu não tenha visto direito. Eles sempre atrapalham.” (*Eles* eram os adultos.)

Edmundo foi aluno muito difícil. Até os colegas perdiam a paciência com as suas dúvidas. Alguém devia ter tentado enganá-lo, um dia, para que ele assim desconfiasse de tudo e de todos. Mas de si, não: pois foi a primeira pessoa que me disse estar a ponto de inventar o moto contínuo, invenção que naquele tempo andava muito na moda, mais ou menos como, hoje, as aventuras espaciais.

Edmundo estava sempre em guarda contra os adultos: eram os nossos permanentes adversários. Só diziam mentiras. Tinham a força ao seu dispor (representada por várias formas de agressão, da palmada ao quarto escuro, passando por várias etapas muito variadas). Edmundo reconhecia a sua inutilidade de lutar; mas tinha o brio de não se deixar vencer facilmente.

Numa festa de aniversário, apareceu, entre números de piano e canto (ah! delícias dos saraus de outrora!), apareceu um mágico com a sua cartola, o seu lenço, bigodes retorcidos e flor na lapela. Nenhum de nós se importaria muito com a verdade: era tão engraçado ver saírem cinquenta fitas de dentro de uma só... e o copo d'água ficar cheio de vinho...

Edmundo resistiu um pouco. Depois, achou que todos estávamos ficando bobos demais. Disse: “Eu não acredito!” Foi mexer no arsenal do mágico e não pudemos ver mais as moedas entrarem por um ouvido e saírem pelo outro, nem da cartola vazia debandar um pombo voando... (Edmundo estragava tudo. Edmundo não admitia a mentira. Edmundo morreu cedo. E quem sabe, meu Deus, com que verdades?)

As estações perplexas

Naturalmente, por culpa desses engenhos clandestinos que gregos e troianos estão atirando ao espaço, as estações se equivocaram e o Inverno, de barbas brancas, insiste com a Primavera em que o seu tempo ainda não passou, enquanto a Primavera, com suas coroas desmanchadas, vê avançar o Verão, de roupas de fogo, e não sabe o que fazer de flores e pássaros.

As estações perplexas, mas bem educadas, apresentam suas razões com bons modos, não por desejarem estar no cartaz, mas pela disciplina do próprio ofício. Elas, antigamente, executavam suas danças com grande acerto e, enquanto uma andava no primeiro plano, com seus véus e outros acessórios, as outras, com muita elegância evoluíam em planos sucessivos, esperando o momento de se apresentarem, com todo o seu brilho e poder.

Mas com os tais engenhos que perfuram o espaço, embora tão miseráveis, em relação ao universo como um espinho no pé de um elefante, creio que sempre há distúrbios: e só assim me parece explicável que neste mês de novembro possamos ainda trazer roupas de lã.

Pelo jardim há numerosos estragos. As plantas andam meio loucas: gardênia que costumam desabrochar em dezembro, abriram repentinamente em outubro e agora estão secas e caem melancolicamente, querendo ainda conservar o perfume e o aveludado nas pétalas queimadas. Qualquer flor que aparece, por saber que estamos na primavera, vem o vento e a desfolha, vem o frio e a faz murchar, vem a chuva e arrasta-a para o chão. Que aconteceu? pensam as flores. (Sim, porque as flores pensam.) E logo desaparecem, tristes. (Porque as flores também entristecem.)

Quanto aos passarinhos, nesta região de sabiás e pardais, pintassilgos e cambaxirras, nesta região onde, o dia inteiro, o ar está cheio de pios, de cantos, de lamentos, de beijinhos d'água e risadinhas verdes e azuis, os passarinhos não sabem mais onde fazer seus ninhos e, por acharem tão fria esta primavera, abandonam as árvores de ar-condicionado e metem-se pelo vão das telhas e pelos canos dos aquecedores.

Quanto aos pobres humanos, uns andam com gripes invernais muito prolongadas, outros não sabem o que fazer do seu belo guarda-roupa de verão. Todas as manhãs, olha-se para o céu: onde estamos? Na Holanda? Em Paris? Na Suíça? Vem o vento ríspido misturar os nossos papéis,

sacudir as trepadeiras, estremecer as portas e distribuir lombagos e torcicolos. A lama respinga por toda a parte. Nunca se sabe se o pé vai entrar numa poça ou num bueiro... E a Primavera, Primadona, espera no seu camarim, um pouco rouca, enquanto gregos e troianos jogam para o alto seus engenhos, que valem palácios, museus, hospitais, universidades, teatros, pacíficas habitações terrenas que seriam felizes com um pouco de graça e amor.

O anjinho deitado

Esvoaçavam mil anjos pela cidade: anjos góticos, barrocos, modernos, existencialistas e atômicos. (E este anjinho que não esvoaça: este anjinho deitado!)

As igrejas estão cheias de anjos: alastram-se anjos por todas as paredes, nós todos estamos pensando em belos anjos muito antigos, a voarem entre Nazaré e Belém, a acordarem pastores e a cantarem para Deus e para os homens que há um Menino maravilhoso nas palhinhas de uma gruta. (Mas este anjinho deitado já não se sabe o que pode ver por dentro das pálpebras.)

O anjinho vai deitado numa caixa de seda cor-de-rosa, como um presente de Natal. Uma carreta escura e triste o vai levando, solitário. Na verdade, não se sabe quem o acompanha: às vezes, sou eu; depois, é um táxi que sai do alinhamento; torno a ser eu; é um longo carro diplomático; é um desses carrinhos doidos que brincam de correr pela cidade; mas torno a ser eu: sou eu o seu acompanhante mais fiel, quem sabe por que circunstâncias do destino!

O anjinho deve ser uma menina de uns três ou quatro anos, dessa idade verdadeiramente linda em que as crianças descobrem o mundo, utilizam o “por quê?” a cada instante e todos os dias aprendem uma palavra nova. Quem não chora ao perder uma criança dessa idade? E, se os homens não fossem tão distraídos e não andassem também tão amargurados com suas experiências de adultos, quem haveria, nas ruas, que não sentisse uma dor na alma, à passagem deste pequeno caixão acetinado?

Quando a carreta desaparece, olho para os lados, vejo as multidões que desembocam das ruas, apressadas, fatigadas, carregadas de presentes: todos pensando em árvores de Natal, no que se pode e não se pode comprar, no que desejaria fazer, nas alegrias preparadas, nas alegrias previstas... Joias, perfumes, vestidos, brinquedos... – renovam-se as vitrinas incansáveis; vendedores já sonolentos desenrolam papéis festivos, dobram mecanicamente as pontas perfeitas dos embrulhos, dão mil voltas aos atilhos coloridos e dourados, fazem laços de fita que parecem dalias...

Mas a carreta reaparece, está de novo na minha frente, e eu me pergunto se esta meninazinha não estará vendo a rua, lá de dentro; se a caixa

acetinada não se terá feito transparente aos seus olhos de anjo; se ela não sorrirá com sabedoria precoce para toda esta pressa das ruas; e não se sentirá já sossegada e livre de tudo isto, sem mais gosto por bonecas, bolas, palhaços, coisas que os homens inventaram para tornarem mais aceitável a vida...

Talvez a menina não esteja mesmo lá dentro, mas pousada no alto da carreta, como um ornamento, como um anjo entre os mil anjos deste Natal, dizendo adeus para todos nós, que continuamos aqui, enquanto ela sobe para a festa com os outros anjos em pleno céu.

Compras de Natal

A cidade deseja ser diferente, escapar às suas fatalidades. Enche-se de brilhos e cores; sinos que não tocam, balões que não sobem, anjos e santos que não se movem, estrelas que jamais estiveram no céu.

As lojas querem ser diferentes, fugir à realidade do ano inteiro; enfeitam-se com fitas e flores, neve de algodão de vidro, fios de ouro e prata, cetins, luzes, todas as coisas que possam representar beleza e excelência.

Tudo isso para celebrar um Meninozinho envolto em pobres panos, deitado numas palhas, há cerca de dois mil anos, num abrigo de animais, em Belém.

Todos vamos comprar presentes para os amigos e parentes, grandes e pequenos, e gastaremos, nessa dedicação sublime, até o último centavo, o que hoje em dia quer dizer a última nota de cem cruzeiros, pois, na loucura do regozijo unânime, nem um prendedor de roupa na corda pode custar menos do que isso.

Grandes e pequenos, parentes amigos são todos de gosto bizarro e extremamente suscetíveis. Também eles conhecem todas as lojas e seus preços – e, nestes dias, a arte de comprar se reveste de exigências particularmente difíceis. Não poderemos adquirir a primeira coisa que se ofereça à nossa vista: seria uma vulgaridade. Teremos de descobrir o imprevisto, o incognoscível, o transcendente. Não devemos também oferecer nada de essencialmente necessário ou útil, pois a graça destes presentes parece consistir na sua desnecessidade e inutilidade. Ninguém oferecerá, por exemplo, um quilo (ou mesmo um saco) de arroz ou feijão, para a insidiosa fome que se alastra por estes nossos campos de batalha; ninguém ousará comprar uma boa caixa de sabonetes desodorantes para o suor da testa com que – especialmente neste verão – teremos de conquistar o pão de cada dia. Não: presente é presente, isto é, um objeto extremamente raro e caro, que não sirva a bem dizer para coisa alguma.

Por isso é que os lojistas, num louvável esforço de imaginação, organizam suas sugestões para os compradores, valendo-se de recursos que são a própria imagem da ilusão. Numa grande caixa de plástico transparente (que não serve para nada), repleta de fitas de papel celofane

(que para nada servem), coloca-se um sabonete em forma de flor (que nem se possa guardar como flor nem usar como sabonete) e cobra-se pelo adorável conjunto o preço de uma cesta de rosas. Todos ficamos extremamente felizes!

São as cestinhas forradas de seda, as caixas transparentes, os estojos, os papéis de embrulho com desenhos inesperados, os barbantes, atilhos, fitas, o que na verdade oferecemos aos parentes e amigos. Pagamos por essa graça delicada da ilusão. E logo tudo se esvai, por entre sorrisos e alegrias. Durável – apenas o Meninozinho nas suas palhas, a olhar para este mundo.

Colombo

Outrorra, o calendário estava cheio de datas gloriosas que as crianças das escolas aprendiam a celebrar com admiração. Certamente, nós não sabíamos bem quem tinham sido esses heróis; não conhecíamos com profundidade erudita os feitos que lhes eram atribuídos. Mas quanto aos navegadores, achávamos formidável que uma pessoa entrasse por um oceano desconhecido e fosse encontrar terras com tantos prodígios: índios, negros, papagaios, elefantes, ouro e aquelas famosas especiarias que não chegávamos a entender ter tal importância... (Enfim, coisas antigas, gostos antigos, ainda fora do nosso alcance...) Qualquer navegador, portanto, era, aos nossos olhos inocentes, um grande herói, que se aventurara com muita coragem e uns barquinhos quase de brinquedo por esses oceanos infinitos, à mercê das estrelas e dos ventos...

Colombo, porém, merecia uma admiração especial. Sem os recursos pedagógicos de hoje, apenas com a força da nossa imaginação víamos a sua figura passar entre palácios e portos, de mapa na mão a falar do seu itinerário, a pedir auxílio aos reis, a entusiasmar-se e a desanimar, a juntar, finalmente, três barquinhos a rumar pelo sonho a fora, pensando febrilmente já estar na China quando apenas tocava a América Central...

E acompanhávamos com melancolia o resto da sua vida: prisão, desgraças, desprestígios: a pobreza e a morte depois de tantas aventuras e glórias. Já sentíamos, então, que a sorte é volúvel, que os homens são volúveis, e guardávamos na memória a imagem de Colombo como o retrato de um velho amigo, triste e infeliz, ao qual mandávamos os nossos humildes recados de simpatia.

Agora a vida anda muito depressa, e os calendários não se ocupam tanto com essas antigas celebrações. Tantos heróis surgem, a cada instante, que não se faria mais do que celebrações, se continuássemos a dar atenção a cada um. E como os homens são volúveis e trocam as antigas admirações pelas mais novas, Colombo vai ficando apagado, quando os astronautas começam a rodar nos ares: embora os velhos navegadores tivessem outro valor humano, pois uma coisa é a coragem pessoal e outra os recursos técnicos.

Mas, quando avistei, na Califórnia, a grande estátua de Colombo diante do mar, toda a minha infância ficou aos seus pés. A infância venera os seus primeiros ídolos, que a História não destrói. Colombo era o lutador incansável; era o dono de um sonho; queria descobrir o mundo; descobriu-o e acabou a vida miseravelmente. A infância é generosa e tem sentimentos de dignidade que os interesses da vida adulta muitas vezes obscurecem. A infância aprende por símbolos. Colombo não era só um grande navegador, mas um símbolo. Não aprendemos com ele a arte de navegar: mas a de cumprir um destino grandioso e amargo. E isso ainda é maior que descobrir a América.

S. Jorge e o dragão

Nós, crianças antigas, procurávamos ver S. Jorge na lua, com seu cavalinho e dragão. A lua parece que não tem mais dessas maravilhas; qualquer dia vamos ver que é uma região muito parecida com a terra, até com ônibus, ladrões de casaca, pretos do mato com garruchas, todas essas coisas lindas que enfeitam este mundo em que com tanta dificuldade vamos vivendo.

Os nossos avós, além de verem distintamente S. Jorge na lua, viam-no passar nas velhas procissões, e não só aqui na Praça da República, mas em muitos lugares estrangeiros onde se acreditava na santidade do corajoso guerreiro. Um papa canonizara-o, há cerca de mil e quinhentos anos, e S. Jorge, com seu séquito, deslumbrava países e séculos, andava em gritos de guerra, tomava parte na famosa festa de Corpus Christi.

A popularidade de S. Jorge é notória. Basta ver o número de argolões que se encontram, entre nós, nos dedos das pessoas do povo, as flâmulas e registros de santos que enfeitam os ônibus e carros de praça dos motoristas bem intencionados, as estampas e esculturas graciosas e vivamente coloridas que se acham respeitosa e guardadas em tantas casas.

Esse mesmo santo que o povo glorifica a seu modo, os reis de outrora honraram com cerimônias especiais – e uma das emoções do viajante que chega a Tel-Aviv é ouvir dizer que ali perto, em Lida, se encontra o lugar apontado como seu túmulo.

No entanto, começou-se a discutir a existência real de S. Jorge há muito tempo. Já Alexandre Herculano tinha dito: “S. Jorge é um santo imaginário, que os ingleses trouxeram para o nosso calendário em tempo de el-rei D. Fernando e que, invocado daí avante nas batalhas, tirou muitas vezes a São Tiago a honra de servir o seu nome para grito de arremeter”.

A história, na verdade, anda muito misturada à lenda, e muitas tradições são verdades já deterioradas que assumem aspectos maravilhosos, mas tão distanciados da sua exata origem que com ela não guardam mais pontos de contatos. Assim, S. Jorge pode andar perto de Mitra ou de alguma outra divindade solar, e o seu dragão pode ser apenas a treva da noite, a treva do inverno, todo o mal que os homens associaram à escuridão, à cegueira do ar, que, afinal, bem se aproxima da cegueira do espírito.

Nesse caso, S. Jorge e seu dragão, perdida a realidade histórica, manteriam apenas um valor de fábula, com a sua imagem expressiva e eloquente.

Seja como for, ainda no passado andou S. Jorge no seu cavalo, entre pendões e músicas, pela Praça da República, diante da multidão extasiada e crente. E eu perguntava aos gênios folclóricos se, na verdade, essa ideia do Bem vencendo o Mal não é uma invenção deslumbrante, no meio da miséria humana. Se S. Jorge não existiu, é uma pena, mas enfim não existiu: paciência. Mas como os dragões existem, Senhor! E quem se encarregará de os vencer?

Dias perfeitos

Dias perfeitos são esses em que a Meteorologia afirma, vai chover e chove mesmo: não os outros, quando se anda de capa e guarda-chuva para cá e para lá, até se perder um dos dois ou os dois juntos.

Dias perfeitos são esses em que todos os relógios amanhecem certos: o do pulso, o da cozinha, o da igreja, o da Glória, o da Carioca, excetuando-se apenas os das relojoarias, pois a graça, destes, é marcarem todos horas diferentes.

Dias perfeitos são esses em que os pneus não amanhecem vazios: as ruas acordam com dois ou três buracos consertados, pelo menos; o ônibus não vem em cima de nós, buzinando e na contramão; e os sinais de cruzamento não estão enguiçados e os guardas estão no seu posto, sem conversa para as morenas nem para os colegas.

Dias perfeitos são esses em que não cai botão nenhum da nossa roupa ou, se cair, uma pessoa amável aparecerá correndo, gastando o coração, para no-lo oferecer como quem oferece uma rosa, deplorando não dispor de linha e agulha para voltar a po-lo no lugar.

Dias perfeitos são esses em que ninguém pisa nos nossos sapatos, nem esbarra com uma cesta nas nossas meias, ou, se isso acontecer, pede milhões de desculpas, hábito que se vai perdendo com uma velocidade supervostokiana.

Dias perfeitos são esses em que os guichês do Correio dispõem de gentis senhoritas e respeitáveis senhores que não estão fazendo crochê nem jogando xadrez sozinhos e não se aborrecem com o mísero pretendente à expedição de uma carta aérea, e até sabem quanto pesa a missiva e qual o seu destino, no mapa, e têm troco certo na gaveta, e não atiram os selos pelo ar como quem solta pombos da cartola. (Ah, esses são dias perfeitíssimos!...)

Dias perfeitos são esses em que o motorista do carro de trás não buzina como um doido, os da direita e da esquerda não dançam quadrilha na nossa frente, e os velhotes não leem jornal no meio da rua, e as mocinhas que carregam à cabeça seus tabuleiros de penteados não resolvem atravessar, com suas perninhas trepadas em metro e meio de saltos, justamente por lugares por onde nem a bola de futebol doméstico se arrisca.

Dias perfeitos são esses em que se vai ao teatro, como mandam os amigos, e os atores sabem o que estão fazendo, e a vizinha de trás não conversa do prólogo ao epílogo sobre assuntos particulares, e a menina da frente não chupa, não mastiga e não assovia caramelos, e o cavalheiro da esquerda não pega no sono, resvalando insensivelmente para cima de nós o seu mavioso ronco.

Dias perfeitos, esses em que voltamos para casa e a encontramos intacta, no mesmo lugar, e intactos estão os nossos tristes ossos, e podemos dormir em paz, tranquilos e felizes como se voltássemos apenas de um passeio pelos anéis de Saturno.

Depois do Carnaval

Terminado o Carnaval, eis que nos encontramos com os seus melancólicos despojos: pelas ruas desertas, os pavilhões, arquibancadas e passarelas são uns tristes esqueletos de madeira; oscilam no ar farrapos de ornamentos sem sentido, magros, amarelos e encarnados, batidos pelo vento, enrodilhados em suas cordas; torres coloridas, como desmesurados brinquedos, sustentam-se de pé, intrusas, anômalas, entre as árvores e os postes. Acabou-se o artifício, desmanchou-se a mágica, volta-se à realidade.

À chamada *realidade*. Pois, por detrás disto que aparentamos ser, leva cada um de nós a preocupação de um desejo oculto, de uma vocação ou de um capricho que apenas o Carnaval permite que se manifestem com toda a sua força, por um ano inteiro contida.

Somos um povo muito variado e mesmo contraditório: o que para alguns parecerá defeito é, para outros, encanto. Quem diria que tantas pessoas bem comportadas, e aparentemente elegantes e finas, alimentam, durante trezentos dias do ano, o modesto sonho de serem ursos, macacos, onças, gatos e outros bichos? Quem diria que há tantas vocações para índios e escravas gregas, neste país de letrados e de liberdade?

Por outro lado, neste chamado país subdesenvolvido, quem poderia imaginar que há tantos reis e imperadores, princesas das Mil e Uma Noites, soberanos fantásticos, banhados em esplendores que, se não são propriamente das minas de Golconda, resultam, afinal, mais caros: pois se as gemas verdadeiras têm valor por toda a vida, estas, de preço não desprezível, se destinam a durar somente algumas horas.

Neste país tão avançado e liberal – segundo dizem – há milhares de corações imperiais, milhares de sonhos profundamente comprimidos mas que explodem, no Carnaval, com suas anquinhas e casacas, cartolas e coroas, mantos roçagantes (espanejemos o adjetivo), cetros, luvas e outros acessórios.

Aliás, em matéria de reinados, vamos do Rei do Chumbo ao da Voz, passando pelo dos Cabritos e dos Parafusos: como se pode ver no catálogo telefônico. Temos impérios vários, príncipes, imperatrizes, princesas, em

etiquetas de roupa e em rótulos de bebidas. É o nosso sonho de grandeza, a nossa compensação, a valorização que damos aos nossos próprios méritos...

Mas, agora que o Carnaval passou, que vamos fazer de tantos quilos de miçanga, de tantos olhos faraônicos, de tantas coroas superpostas, de tantas plumas, leques, sombrinhas...?

Ved de quán poco valor

Son las cosas tras que andamos

Y corremos...

dizia Jorge Manrique. E no século XV! E falando de coisas de verdade! Mas os homens gostam da ilusão. E já vão preparar o próximo Carnaval...

Cronologia

1901

A 7 de novembro, nasce Cecília Benevides de Carvalho Meirelles, no Rio de Janeiro. Seus pais, Carlos Alberto de Carvalho Meirelles (falecido três meses antes do nascimento da filha) e Mathilde Benevides. Dos quatro filhos do casal, apenas Cecília sobrevive.

1904

Com a morte da mãe, passa a ser criada pela avó materna, Jacintha Garcia Benevides.

1910

Conclui com distinção o curso primário na Escola Estácio de Sá.

1912

Conclui com distinção o curso médio na Escola Estácio de Sá, premiada com medalha de ouro recebida no ano seguinte das mãos de Olavo Bilac, então inspetor escolar do Distrito Federal.

1917

Formada pela Escola Normal (Instituto de Educação), começa a exercer o magistério primário em escolas oficiais do Distrito. Estuda línguas e em seguida ingressa no Conservatório de Música.

1919

Publica o primeiro livro, *Espectros*.

1922

Casa-se com o artista plástico português Fernando Correia Dias.

1923

Publica *Nunca mais... e poema dos poemas*. Nasce sua filha Maria Elvira.

1924

Publica o livro didático *Criança meu amor...*. Nasce sua filha Maria Mathilde.

1925

Publica *Baladas para El-Rei*. Nasce sua filha Maria Fernanda.

1927

Aproxima-se do grupo modernista que se congrega em torno da revista *Festa*.

1929

Publica a tese *O espírito vitorioso*. Começa a escrever crônicas para *O Jornal*, do Rio de Janeiro.

1930

Publica o ensaio *Saudação à menina de Portugal*. Participa ativamente do movimento de reformas do ensino e dirige, no *Diário de Notícias*, página diária dedicada a assuntos de educação (até 1933).

1934

Publica o livro *Leituras infantis*, resultado de uma pesquisa pedagógica. Cria uma biblioteca (pioneira no país) especializada em literatura infantil, no antigo Pavilhão Mourisco, na praia de Botafogo. Viaja a Portugal, onde faz conferências nas Universidades de Lisboa e Coimbra.

1935

Publica em Portugal os ensaios *Notícia da poesia brasileira e Batuque, samba e macumba*.

Morre Fernando Correia Dias.

1936

Trabalha no Departamento de Imprensa e Propaganda, onde dirige a revista *Travel in Brazil*. Nomeada professora de literatura luso-brasileira e mais tarde técnica e crítica literária da recém-criada Universidade do Distrito Federal, na qual permanece até 1938.

1937

Publica o livro infantojuvenil *A festa das letras*, em parceria com Josué de Castro.

1938

Publica o livro didático *Rute e Alberto resolveram ser turistas*. Conquista o prêmio Olavo Bilac de poesia da Academia Brasileira de Letras com o inédito *Viagem*.

1939

Em Lisboa, publica *Viagem*, quando adota o sobrenome literário Meireles, sem o *l* dobrado.

1940

Leciona Literatura e Cultura Brasileiras na Universidade do Texas, Estados Unidos. Profere no México conferências sobre literatura, folclore e educação.

Casa-se com o agrônomo Heitor Vinicius da Silveira Grillo.

1941

Começa a escrever crônicas para *A Manhã*, do Rio de Janeiro.

1942

Publica *Vaga música*.

1944

Publica a antologia *Poetas novos de Portugal*. Viaja para o Uruguai e a Argentina. Começa a escrever crônicas para a *Folha Carioca* e o *Correio Paulistano*.

1945

Publica *Mar absoluto e outros poemas* e, em Boston, o livro didático *Rute e Alberto*.

1947

Publica em Montevideu *Antologia poética (1923-1945)*.

1948

Publica em Portugal *Evocação lírica de Lisboa*. Passa a colaborar com a Comissão Nacional do Folclore.

1949

Publica *Retrato natural* e a biografia *Rui: pequena história de uma grande vida*. Começa a escrever crônicas para a *Folha da Manhã*, de São Paulo.

1951

Publica *Amor em Leonoreta*, em edição fora de comércio, e o livro de ensaios *Problemas da literatura infantil*.

Secretaria o Primeiro Congresso Nacional de Folclore.

1952

Publica *Doze noturnos da Holanda & O Aeronauta* e o ensaio “Artes populares” no volume em coautoria *As artes plásticas no Brasil*. Recebe o título de Doutora *Honoris Causa* da Universidade de Délhi, na Índia, e o Grau de Oficial da Ordem do Mérito, no Chile.

1953

Publica *Romanceiro da Inconfidência* e, em Haia, *Poèmes*. Começa a escrever para o suplemento literário do *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, e para *O Estado de S. Paulo*.

1953-1954

Viaja para a Europa, Açores, Índia e Goa.

1955

Publica *Pequeno oratório de Santa Clara, Pistoia, cemitério militar brasileiro* e *Espelho cego*, em edições fora de comércio, e, em Portugal, o ensaio *Panorama folclórico dos Açores: especialmente da Ilha de S. Miguel*.

1956

Publica *Canções e Giroflê, giroflá*.

1957

Publica *Romance de Santa Cecília* e *A rosa*, em edições fora de comércio, e o ensaio *A Bíblia na poesia brasileira*. Viaja para Porto Rico.

1958

Publica *Obra poética* (poesia completa). Viaja para Israel, Grécia e Itália.

1959

Publica *Eternidade de Israel*.

1960

Publica *Metal rosicler*.

1961

Publica *Poemas escritos na Índia* e, em Nova Délhi, *Tagore and Brazil*.

Começa a escrever crônicas para o programa *Quadrante*, da Rádio Ministério da Educação e Cultura.

1962

Publica a antologia *Poesia de Israel*. 1963

Publica *Solombra* e *Antologia poética*. Começa a escrever crônicas para o programa *Vozes da cidade*, da Rádio Roquette Pinto, e para a *Folha de S.Paulo*.

1964

Publica o livro infantojuvenil *Ou isto ou aquilo*, com ilustrações de Maria Bonomi, e o livro de crônicas *Escolha o seu sonho*.

Falece a 9 de novembro, no Rio de Janeiro.

1965

Conquista, postumamente, o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra.

Bibliografia básica sobre Cecília Meireles

ANDRADE, Mário de. Cecília e a poesia. In: _____. *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Martins, [1946].

_____. Viagem. In: _____. *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Martins, [1946].

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de (Org.). Cecília Meireles. In: _____. *Poetas do modernismo*: antologia crítica. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972. v. 4.

_____. *Poesia e estilo de Cecília Meireles*: a pastora de nuvens. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

_____. *Três poetas de Festa*: Tasso, Murillo e Cecília. Rio de Janeiro: Padrão, 1980.

BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

BERABA, Ana Luiza. *América aracnídea*: teias culturais interamericanas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BONAPACE, Adolphina Portella. *O Romanceiro da Inconfidência*: meditação sobre o destino do homem. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974.

BOSI, Alfredo. Em torno da poesia de Cecília Meireles. In: _____. *Céu, inferno*: ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003.

BRITO, Mário da Silva. Cecília Meireles. In: _____. *Poesia do Modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

CANDIDO DE MELLO E SOUZA, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo (Orgs.). *Cecília Meireles. Presença da literatura brasileira 3: Modernismo*. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

CARPEAUX, Otto Maria. Poesia intemporal. In: _____. *Ensaio reunidos: 1942-1978*. Rio de Janeiro: UniverCidade/Topbooks, 1999.

CASTELLO, José Aderaldo. O Grupo Festa. In: _____. *A literatura brasileira*: origens e unidade. São Paulo: Edusp, 1999. v. 2.

CASTRO, Marcos de. Bandeira, Drummond, Cecília, os contemporâneos. In: _____. *Caminho para a leitura*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CAVALIERI, Ruth Villela. *Cecília Meireles*: o ser e o tempo na imagem refletida. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. Cecília Meireles. In: _____. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. São Paulo: Nacional, 2006.

_____. Cecília Meireles. In: _____. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*. São Paulo: Escrituras, 2002.

_____. O “eterno instante” na poesia de Cecília Meireles. In: _____. *Tempo, solidão e morte*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura/Comissão e Literatura, 1964.

CORREIA, Roberto Alvim. Cecília Meireles. In: _____. *Anteu e a crítica*: ensaios literários. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

- DAMASCENO, Darcy. *Cecília Meireles: o mundo contemplado*. Rio de Janeiro: Orfeu, 1967.
- _____. *De Gregório a Cecília*. Organização de Antonio Carlos Secchin e Iracilda Damasceno. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2007.
- DANTAS, José Maria de Souza. *A consciência poética de uma viagem sem fim: a poética de Cecília Meireles*. Rio de Janeiro: Eu & Você, 1984.
- FAUSTINO, Mário. O livro por dentro. In: _____. *De Anchieta aos concretos*. Organização de Maria Eugênia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- FONTELES, Graça Roriz. *Cecília Meireles: lirismo e religiosidade*. São Paulo: Scortecci, 2010.
- GENS, Rosa (Org.). *Cecília Meireles: o desenho da vida*. Rio de Janeiro: Setor Cultural/Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura/UFRJ, 2002.
- GOLDSTEIN, Norma Seltzer. *Roteiro de leitura: Romanceiro da Inconfidência de Cecília Meireles*. São Paulo: Ática, 1988.
- GOUVÊA, Leila V. B. *Cecília em Portugal: ensaio biográfico sobre a presença de Cecília Meireles na terra de Camões, Antero e Pessoa*. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- _____. (Org.). *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2007.
- _____. *Pensamento e “lirismo puro” na poesia de Cecília Meireles*. São Paulo: Edusp, 2008.
- GOUVEIA, Margarida Maia. *Cecília Meireles: uma poética do “eterno instante”*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2002.
- LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- LINHARES, Temístocles. Revisão de Cecília Meireles. In: _____. *Diálogos sobre a poesia brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1976.
- LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 2010.
- MANNA, Lúcia Helena Sgaraglia. *Pelas trilhas do Romanceiro da Inconfidência*. Niterói: EDUFF, 1985.
- MARTINS, Wilson. Lutas literárias (?). In: _____. *O ano literário: 2002-2003*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.
- MELLO, Ana Maria Lisboa de (Org.). *A poesia metafísica no Brasil: percursos e modulações*. Porto Alegre: Libretos, 2009.
- _____.; UTÉZA, Francis. *Oriente e ocidente na poesia de Cecília Meireles*. Porto Alegre: Libretos, 2006.
- MILLIET, Sérgio. *Panorama da moderna poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/Serviço de Documentação, 1952.
- MOISÉS, Massaud. Cecília Meireles. In: _____. *História da literatura brasileira: Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. Cecília Meireles. In: _____. *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972.
- MORAES, Vinicius de. Suave amiga. In: _____. *Para uma menina com uma flor*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.

MOREIRA, Maria Edinara Leão. *Estética e transcendência em O estudante empírico, de Cecília Meireles*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2007.

MURICY, Andrade. Cecília Meireles. In: _____. *A nova literatura brasileira: crítica e antologia*. Porto Alegre: Globo, 1936.

_____. Cecília Meireles. In: _____. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. 2. ed. Brasília: Conselho Federal de Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1973. v. 2.

NEJAR, Carlos. Cecília Meireles – da fidência à Inconfidência Mineira, do *Metal rosicler* à *Solomba*. In: _____. *História da literatura brasileira: da carta de Caminha aos contemporâneos*. São Paulo: Leya, 2011.

NEMÉSIO, Vitorino. A poesia de Cecília Meireles. In: _____. *Conhecimento de poesia*. Salvador: Progresso, 1958.

NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro: PUC; São Paulo: Loyola, 2001.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de. *Estudo crítico da bibliografia sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas/USP, 2001.

PAES, José Paulo. Poesia nas alturas. In: _____. *Os perigos da poesia e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

PARAENSE, Sílvia. *Cecília Meireles: mito e poesia*. Santa Maria: UFSM, 1999.

PICCHIO, Luciana Stegagno. A poesia atemporal de Cecília Meireles, “pastora das nuvens”. In: _____. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

PÓLVORA, Hélio. Caminhos da poesia: Cecília. In: _____. *Graciliano, Machado, Drummond & outros*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Solombra. In: _____. *Do barroco ao modernismo: estudos de poesia brasileira*. 2. ed. revista e aumentada, Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1939.

RÓNAI, Paulo. O conceito de beleza em *Mar absoluto*. In: _____. *Encontros com o Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Batel, 2009.

_____. Uma impressão sobre a poesia de Cecília Meireles. In: _____. *Encontros com o Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Batel, 2009.

SADLIER, Darlene J. *Cecília Meireles & João Alphonsus*. Brasília: André Quicé, 1984.

SECCHIN, Antonio Carlos. Cecília: a incessante canção In: _____. *Escritos sobre poesia & alguma ficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

_____. Cecília Meireles e os *Poemas escritos na Índia*. In: _____. *Memórias de um leitor de poesia & outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks/Academia Brasileira de Letras, 2010.

_____. O enigma Cecília Meireles In: _____. *Memórias de um leitor de poesia & outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks/Academia Brasileira de Letras, 2010.

SIMÕES, João Gaspar. Cecília Meireles: *Metal rosicler*. In: _____. *Crítica II: poetas contemporâneos (1946-1961)*. Lisboa: Delfos, [1961].

_____. Fonética e poesia ou o *Retrato natural* de Cecília Meireles. In: _____. *Literatura, literatura, literatura...*: de Sá de Miranda ao concretismo brasileiro. Lisboa: Portugália, 1964.

VERISSIMO, Erico. Entre Deus e os oprimidos. In: _____. *Breve história da literatura brasileira*. São Paulo: Globo, 1995.

VILLAÇA, Antonio Carlos. Cecília Meireles: a eternidade entre os dedos. In: _____. *Tema e voltas*. Rio de Janeiro: Hachette, 1975.

YUNES, Eliana; BINGEMER, Maria Clara L. (Orgs.). *Murilo, Cecília e Drummond: 100 anos com Deus na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica; São Paulo: Loyola, 2004.

ZAGURY, Eliane. *Cecília Meireles*. Petrópolis: Vozes, 1973.

© **Condomínio dos Proprietários dos Direitos Intelectuais de Cecília Meireles**

Direitos cedidos por Solombra – Agência Literária (solombra@solombra.org)

1ª Edição Digital, Global Editora, 2014

Jefferson L. Alves – diretor editorial

Gustavo Henrique Tuna – editor assistente

André Seffrin – coordenação editorial, estabelecimento de texto, cronologia e bibliografia

Flávio Samuel – gerente de produção

Eduardo Okuno - produção digital

Julia Passos – assistente editorial

Alexandra Resende – revisão

Eduardo Okuno – capa

A Global Editora agradece à Solombra – Agência Literária pela gentileza da cessão dos direitos de imagem de Cecília Meireles.

CIP-BRASIL. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M453i

Meireles, Cecília, 1901-1964

Ilusões do mundo [recurso eletrônico] / Cecília Meireles ;

apresentação Antonio Carlos Secchin ; coordenação editorial André Seffrin. –

1. ed. – São Paulo : Global, 2014.

recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-260-2018-4 (recurso eletrônico)

1. Poesia brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

14-09778

CDD: 869.91

CDU: 821.134.3(81)-1

Obra atualizada conforme o

Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

global
editora

Direitos Reservados

global editora e distribuidora ltda.

Rua Pirapitingui, 111 – Liberdade

CEP 01508-020 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3277-7999 – Fax: (11) 3277-8141

e-mail: global@globaleditora.com.br

www.globaleditora.com.br



Colabore com a produção científica e cultural.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem a autorização do editor.

Nº de Catálogo: **3471.eb**

Cecília Meireles



O Aeronauta

global
livros

O aeronauta

Meireles, Cecília

9788526020207

56 páginas

[Compre agora e leia](#)

Esta é a primeira vez que O Aeronauta é publicado em uma edição autônoma. Publicado originalmente em 1952 como um apêndice aos poemas de Doze noturnos da Holanda, O aeronauta recebe pela primeira vez o devido destaque, em edição independente publicada pela Global Editora. Com onze poemas com a inconfundível e inigualável característica da poesia de Cecília Meireles, o livro foi inspirado por uma viagem aérea da autora à Europa. Em O aeronauta, Cecília retoma certas linhas temáticas de Viagem, livro publicado em 1939 que a consagrou entre as principais vozes da poesia em língua portuguesa. Mais uma vez temos a poeta viajante, que segura o leitor pela mão para uma inédita experiência de viagem aérea, ligada aos mistérios que regem nossa condição humana e terrestre. Na apresentação dessa edição, Ivo Barroso afirma que Cecília Meireles atinge momentos de absoluta cristalinidade, de autêntica "poesia pura". "O aeronauta revela uma conquista ao mesmo tempo pessoal e poética da autora, no sentido de atingir uma poesia ainda mais sutil, mais etérea do que a encontrada em seus livros anteriores, como, em especial, Viagem", escreve.

[Compre agora e leia](#)



Coleção MELHORES CRÔNICAS



Rubem Braga

SELEÇÃO E PREFÁCIO Carlos Ribeiro



Melhores crônicas Rubem Braga

Braga, Rubem
9788526019195
320 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Rubem Braga fabrica o seu próprio mel, de que é impossível provar sem gostar. Não há grande poeta ou grande prosador que não o tenha admirado e exaltado - José Lins do Rego e Murilo Mendes, João Guimarães Rosa e Clarice Lispector. A lista é extensa e inclui hoje estudiosos e críticos que têm consciência da obra, ou do opus de Rubem Braga. Para dizer o mínimo, é impossível qualquer análise da prosa em língua portuguesa, ou luso-brasileira, sem o conhecimento de Rubem Braga." Otto Lara Resende

[Compre agora e leia](#)



Manuel Bandeira

Estrela da manhã

global

Estrela da manhã

Bandeira, Manuel

9788526017610

96 páginas

[Compre agora e leia](#)

Conheça uma das principais obras do poeta Manuel Bandeira: Estrela da manhã! Sua primeira edição já surgiu como raridade. Foram apenas cinquenta exemplares, impressos com capricho e assinados pelo autor, com capa de Santa Rosa e desenho de Portinari. O livro valorizava a mensagem do poeta, seu impulso de liberdade e de criação muito pessoal que, já naquela época, 1936, o apontava como um dos poetas mais originais e importantes da história da poesia no Brasil. Estrela da manhã reafirmava a posição assumida pelo poeta a partir de Libertinagem, seu livro anterior, a linguagem irônica alcançando a plenitude do coloquial, as nuances de humor trágico, a insistência na poética de ruptura com a tradição, a exploração do folclore negro, o tema do "poeta sórdido", o interesse pela vertente social, a insuspeitada nostalgia da pureza. O livro reúne alguns dos poemas mais importantes de Bandeira, pontos culminantes de sua poética, a começar pelo que dá título ao livro, que se inicia pela quadra patética, "Eu quero a estrela da manhã/ Onde está a estrela da manhã?/ Meus amigos meus inimigos/ Procurem a estrela da manhã", e termina com o apelo doloroso: "Procurem por toda parte/ Pura ou degradada até a última baixeza/ Eu quero a estrela da manhã". Em "Oração a Nossa Senhora da Boa Morte", o poeta revela sua religiosidade de sabor popular, tão brasileira. "Balada das três mulheres do sabonete Araxá" é uma variante moderna e um tanto irreverente de um poema famoso de Luis Delfino, "As três irmãs". Outros momentos marcantes do volume são o sintético e obsessivo "Poema do beco" ("Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte?/- O que eu vejo é o beco"), "Momento num café", "Tragédia brasileira", "Conto cruel", "Rondo dos cavalinhos", "Marinheiro triste", estrelas de primeira grandeza da poesia brasileira. O poeta rompe

com o passado, expressando seu desagrado com os valores que a poesia tradicional havia consagrado: "Eu quero a estrela da manhã..." Aqui, Manuel Bandeira nos convida a olhar o horizonte onde surge a estrela da manhã e nos guia pela beleza e o encantamento das coisas cotidianas que residem dentro de cada um dos seus versos.

[Compre agora e leia](#)



O povo brasileiro

Ribeiro, Darcy
9788526019645
483 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quem são os brasileiros? Após 30 anos de estudos a respeito de pontos nodais da gênese da sociedade brasileira, Darcy Ribeiro explana, nesta última obra escrita antes de sua morte, suas opiniões e impressões sobre a formação étnica e cultural do povo brasileiro. A luta dos indígenas para manter viva sua cultura, as agruras sofridas pelos povos africanos aqui escravizados, os dramas vivenciados durante o século XX para a constituição da democracia no Brasil foram alguns dos dilemas históricos abordados pelo mestre Darcy em seus livros. A obra "O Povo Brasileiro" configura-se como um ensaio magnânimo de um pensador que expõe, com propriedade e por meio de uma linguagem clara e ao mesmo tempo exuberante, as agonias e os êxitos da formação nacional.

[Compre agora e leia](#)



Omelete em Bombaim

Lessa, Orígenes

9788526020269

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Publicado primeiramente em 1946, Omelete em Bombaim é o quinto livro de contos de Orígenes Lessa, que a Global Editora leva às livrarias depois de onze anos da publicação do último volume de contos do autor. Esta obra reúne 14 contos, em que suas histórias se passam, predominantemente, na cidade de São Paulo dos anos de 1940. Apenas duas histórias se passam fora de São Paulo: os contos Libertação e As gêmeas. É possível perceber em alguns dos temas desenvolvidos por Orígenes Lessa um toque de imaginação, outros parecem bem próximos da vida e de sua experiência pessoal, podendo ser vistos como um relato de um repórter ou viajante atento a tudo que testemunha. "O que o olhar do autor invariavelmente consegue captar em Omelete em Bombaim são os recortes da vida, instantâneos de pequenos dramas humanos, sempre com um olhar compassivo e solidário", comenta Eliezer Moreira, no posfácio do livro. Segundo Eliezer, o humor e a ironia que marcam os desfechos surpreendentes de algumas das histórias são como uma atenuante ao que há de dramático. Outras são francamente leves, tanto no desenvolvimento como no desfecho, e fazem também o contraponto ao que possa haver de doloroso nas demais. "Mesmo quando escreve romances ou reportagens, novelas ou infanto-juvenis, Orígenes Lessa adota a forma estrutural de conto. O conto é a sua forma natural de expressão e este Omelete em Bombaim, saído num momento de plena maturidade, é a manifestação acabada da arte por excelência de Orígenes Lessa", opina Eliezer Moreira.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[CAPA](#)

[Palavras aéreas, que permanecem](#)

[Floresta incendiada](#)

[Moça procura emprego](#)

[Um cão, apenas](#)

[Se eu fosse pintor...](#)

[Algumas flores](#)

[Correspondências](#)

[Ilusões do mundo](#)

[Janelas de hotéis](#)

[Dona Paulina](#)

[Três amigas](#)

[A baía fosforescente](#)

[Uma velhinha em Florença](#)

[A galeria](#)

[Crônica sonhada](#)

[Jogos circenses](#)

[O mais que anônimo](#)

[Quadrilhas](#)

[Uma gatinha branca](#)

[Os cães da Aclimação](#)

[A xícara verde](#)

[Festa no hospital](#)

[O cavalo Odete](#)

[O inventário das malas](#)

[O homem e o seu espelho](#)

[Vestido preto](#)

[Ares de Lindoia](#)

[Mundo das rosas](#)

[Sereiazinha](#)

[O cachorrinho engraçadinho](#)

[Meu bairro](#)

[Professores de inglês](#)

[O caçador Aniceto](#)

[Reabilitação do cachorrinho engraçadinho](#)

[Imagens de pássaros](#)

[Festa íntima](#)

[Coisas das esfinges](#)

[Gandhi e Kennedy](#)

[Remédios bonitos e bulas eficazes](#)

[Uma aventura formidável](#)

[Mestre Costa Lima](#)

[Natal](#)

[Entrevistas telefônicas](#)

[Um anjo na serra](#)

[Pequena aventura](#)

[Passeio sobrenatural](#)

[Tarde na Galileia](#)

[Reinos da Natureza](#)

[Repouso absoluto](#)

[João, Francisco, Antônio](#)

[O que se vê do hospital](#)

[A quinhentos metros](#)

[Amada neve](#)

[Nosso irmão burrinho](#)

[Bombas com e sem endereço](#)

[Mundo dos manequins](#)

[A Ilha do Nanja](#)

[Natal na Ilha do Nanja](#)

[Barquinho Elenita](#)

[O anjo da noite](#)

[Saudade da Ilha do Nanja](#)

[A moça de Málaga](#)

[O estranho mundo de hoje](#)

[Edmundo, o céptico](#)

[As estações perplexas](#)

[O anjinho deitado](#)

[Compras de Natal](#)

[Colombo](#)

[S. Jorge e o dragão](#)

[Dias perfeitos](#)

[Depois do Carnaval](#)

[Cronologia](#)

[Bibliografia básica sobre Cecília Meireles](#)